

**GIZELE ZANOTTO  
BENJAMIN ARTHUR COWAN  
(ORGS.)**

**O PENSAMENTO DE  
PLINIO CORREA  
DE OLIVEIRA  
E A ATUAÇÃO  
TRANSNACIONAL  
DA TFP**

**VOLUME II**

**AC**

**ACERVUS**

**O PENSAMENTO DE  
PLINIO CORREA DE OLIVEIRA E A  
ATUAÇÃO TRANSNACIONAL DA TFP**

VOLUME II

© 2020, DOS AUTORES

**EDITORACÃO**

ALEX ANTÔNIO VANIN

**PROJETO GRÁFICO DA CAPA**

LUCAS RODRIGUES

**CONSELHO EDITORIAL**

ANCELMO SCHÖRNER (UNICENTRO)

EDUARDO KNACK (UFCG)

EDUARDO PITTHAN (UFS – PASSO FUNDO)

FEDERICA BERTAGNA (UNIVERSITÀ DI VERONA)

GÍZELE KLEIDERMACHER (UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES)

HELION PÓVOA NETO (UFRJ)

HUMBERTO DA ROCHA (UFS – CAMPUS ERECHIM)

JOÃO VICENTE RIBAS (UPF)

ROBERTO GEORGE UEBEL (ESPM)

VINÍCIUS BORGES FORTES (IMED)

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

P418 O pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira e a atuação transnacional da TFP [recurso eletrônico] : volume 2 / Gizele Zanotto e Benjamin Arthur Cowan (Orgs.). – Passo Fundo : Acervus Editora, 2020.  
2 MB ; PDF – (Coleção Memória & Cultura- NEMEC/PPGH).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86000-34-4 (v.2).

1. Oliveira, Plínio Corrêa de - (1908-1995) - Pensamento crítico. 2. Religiosidade - História - Brasil. 3. Tradição, Família e Propriedade (TFP). 4. Catolicismo. I. Zanotto, Gizele, org. II. Cowan, Benjamin Arthur, org. III. Série.

CDU: 981

282 (81)

---

Bibliotecária responsável Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

A REVISÃO DOS TEXTOS FOI DE RESPONSABILIDADE DOS RESPECTIVOS AUTORES.

AS IDEIAS, IMAGENS, FIGURAS E DEMAIS INFORMAÇÕES APRESENTADAS NESTA OBRA SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES E DE SEUS ORGANIZADORES

**ACERVUS EDITORA**

AV. ASPIRANTE JENNER, 1274 - LUCAS ARAÚJO - 99074-360

PASSO FUNDO - RIO GRANDE DO SUL - BRASIL

TEL.: (54) 99676-9020

ACERVUSEDITORA@GMAIL.COM

ACERVUSEDITORA.COM.BR

**GIZELE ZANOTTO  
BENJAMIN ARTHUR COWAN  
(ORGS.)**

**O PENSAMENTO DE  
PLÍNIO CORREA DE OLIVEIRA E A  
ATUAÇÃO TRANSNACIONAL DA TFP**

**VOLUME II**



**PASSO FUNDO  
2020**

# NEMEC

Núcleo de Estudos de Memória e Cultura



PPGH  
Programa de Pós-Graduação  
em História

IFCH - Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas

## COLEÇÃO MEMÓRIA E CULTURA

Os estudos sobre Memória e Cultura (em suas variadas expressões materiais e imateriais) articulam várias abordagens, problemáticas e propostas de pesquisa desenvolvidas na área das Ciências Humanas. Coadunando perspectivas teórico-metodológicas com análises empíricas, suas repercussões incidem no perceber e compreender como as relações sociais e históricas se articulam, dinamizam, desenvolvem e se cristalizam na perspectiva de seus agentes e da sociedade ampla que integram. Neste sentido, as repercussões das pesquisas excedem o espectro específico das discussões historiográficas para abranger, também, análises sociológicas, filosóficas, institucionais, do cotidiano, das visões de mundo e das ações decorrentes de tais compreensões.

**COORDENAÇÃO:** João Carlos Tedesco, Gizele Zanotto e Gerson Luís Trombetta

**CONSELHO EDITORIAL:** Arlene Anelia Renk, Cândido Moreira Rodrigues, Christiane Jalles de Paula, Claudia Mariza Mattos Brandão, Gerson Luís Trombetta, Gizele Zanotto, Jacqueline Ahlert, João Carlos Tedesco, José Zanca, Luiz Carlos Tau Golin, Marta Rosa Borin, Patrícia Carla de Melo Martins, Roberto Di Stefano, Rodrigo Coppe Caldeira, Teresa Maria Malatian.

# SUMÁRIO

|                                                                                                                                            |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>APRESENTAÇÃO</b>                                                                                                                        | <b>7</b>   |
| <b>1. TFP:<br/>ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICOS DO SEU<br/>PERCURSO POLÍTICO-TEOLÓGICO</b>                                                   | <b>13</b>  |
| <i>Rodrigo Carrapatoso de Lima</i>                                                                                                         |            |
| <b>2. A LIGAÇÃO ENTRE DOM ANTÔNIO DE CASTRO MAYER<br/>E PLÍNIO CORREA DE OLIVEIRA</b>                                                      | <b>27</b>  |
| <i>Vinicius Couzzi Mérida</i>                                                                                                              |            |
| <b>3. ESCRAVOS, GUERREIROS E MONGES:<br/>A CENTRALIDADE DA ESCATOLOGIA NO IMAGINÁRIO TEFEPISTA</b>                                         | <b>67</b>  |
| <i>Victor Almeida Gama</i>                                                                                                                 |            |
| <b>4. PABLO ESCOBAR Y LA NARCOCULTURA:<br/>EJES FUNDAMENTADORES DEL MODELO IDEOLÓGICO<br/>“TRADICIÓN, FAMILIA Y PROPIEDAD” EN COLOMBIA</b> | <b>95</b>  |
| <i>Jaime Andrés Wilches Tinjacá</i><br><i>Lizeth Nataly González Guaje</i><br><i>Daniela Rivera Ortega</i>                                 |            |
| <b>5. O PENSAMENTO CONSERVADOR DE PLÍNIO CORRÊA<br/>DE OLIVEIRA E O GOVERNO BOLSONARO NO BRASIL:<br/>PARALELOS E ALINHAMENTOS</b>          | <b>143</b> |
| <i>Moacir Pereira Alencar Júnior</i>                                                                                                       |            |
| <b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b>                                                                                                              | <b>181</b> |
| <b>SOBRE OS AUTORES</b>                                                                                                                    | <b>183</b> |



## APRESENTAÇÃO

O SEGUNDO VOLUME DA OBRA *O PENSAMENTO DE PLÍNIO CORREA de Oliveira e a atuação transnacional da TFP* volta-se a provocativas discussões apresentadas por pesquisadores que têm se debruçado ao avanço dos estudos sobre a obra intelectual e operativa pliniana, bem como as ações e repercussões das TFP's para além do Brasil. É para nós uma grata satisfação trazer a público estes trabalhos, sobretudo porque é recorrente vermos pesquisas que desconsideram – por dificuldades de conhecimento e/ou acesso – a vasta produção nacional e internacional sobre o tema. Esta situação, acreditamos, tem dado ensejo a muitas obras que enfatizam as mesmas questões, propostas e recortes temático e espacial. A perspectiva geral desta publicação, assim, visa reunir as muitas contribuições sobre o tema, produzidos em vários contextos, países e áres de conhecimento. Esta proposta nos mobilizou há vários meses e tem como premissa a centralização de estudos para fazer avançar a produção de conhecimento sobre o integrismo católico pliniano e a TFP. Esperamos que outros volumes sejam agregados a estes dois iniciais, pois muitos autores ainda não foram contemplados<sup>1</sup> e as pesquisas seguem sendo produzidas.

---

<sup>1</sup> Nossa proposta para esta publicação iniciou com um levantamento dos estudos sobre Plínio C. de Oliveira e a TFP que nos levou a uma lista inicial de 19 pesquisadores de pós-graduação e/ou profissionais que dedicaram-se ou ainda dedicam-se ao tema. Desses tivemos aceite de 12 autores para os dois volumes iniciais da coletânea. Além dessa lista ainda poder contemplar mais estudiosos, acreditamos que o tema continuará mobilizando pesquisas e que necessitamos de maior articulação entre elas para compreender de modo sempre mais aguçado as idiossincrasias deste movimento católico transnacional. Ainda há que se ater a trabalhos de conclusão de curso que por ora não foram agregados às coletâneas, mas que também têm muito a colaborar com a produção de conhecimento.

Este volume está organizado em dois blocos, o primeiro dedicado às questões da conformação do pensamento, vínculos e crenças tefepistas, e nos traz importantes contribuições baseadas em fontes privadas (ou pessoais ou institucionais) que ampliam nossa perspectiva sobre a compreensão do crer, pertencer e viver como tefepistas. O segundo bloco de textos traz discussões contemporâneas, evidenciando que a matriz tefepista segue ativa – de modo mais ou menos “fiel” – e que os motes da tríade tradição, família e propriedade se reacendem moldando a retórica e a ação conservadora em contextos diversos, mesmo onde pareciam estar adormecidos ou mesmo “sepultados”.

A obra inicia com um trabalho panorâmico sobre a historicidade de fundação da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) no Brasil, articulando este processo as fontes teológicas que lhe são fundamentais, em especial o integrismo. Rodrigo Carrapatoso de Lima, autor de “TFP: alguns apontamentos históricos de seu percurso político-teológico”, também destaca o papel dos religiosos Dom Antônio de Castro Mayer e Dom Geraldo de Proença Sigaud que, em parceria com Plínio Corrêa de Oliveira e os tefepistas, promoveram as sistematizações doutrinárias e os lócus de atuação conservadora inicialmente nos movimentos eclesiais hierárquicos e de base<sup>2</sup> – Congregações Marianas, Ação Católica, etc. – e depois extra eclesial, como movimento católico, via TFP e *Catholicismo*.

O capítulo produzido por Vinícius Couzzi Mérida, intitulado “A ligação entre Dom Antônio de Castro Mayer e Plínio Corrêa de Oliveira”, por sua vez, traz significativas análises sobre esta relação pessoal

---

<sup>2</sup> Estamos nos filiando a proposta de Pablo Richard que nos ancora a reflexão sobre a TFP como entidade de identidade católica mas registrada como associação civil. O autor trabalha com a diferenciação entre o que denomina de movimento católico (organizações, movimentos, grupos, etc. explicitamente confessionais ou religiosos mas não diretamente dependentes da estrutura hierárquica da Igreja Católica) e estruturas eclesiais hierárquicas e de base (RICHARD, Pablo. *Morte das Cristandades e Nascimento da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 11).

ao longo de décadas de parceria e admiração mútua, mas que tem neste processo momentos de tensão e discordância que os levarão ao rompimento nos anos 1980. Trabalhando com fontes pessoais instigantes, o autor detém-se ao aprofundamento da biografia de Dom Mayer como instrumento para compreender as motivações desta união longa entre o religioso e o católico leigo, ambos afeitos à proposta de catolicismo conservador, tradicional, mesmo reacionário, que marcou seus pensamentos e ações. Inovador nas fontes e abordagem, o texto de Mérida traz importantes contribuições para o aprofundamento dos estudos sobre o pensamento e obra plinianos voltando-se à importante relação de Plínio C. de Oliveira com Dom Mayer na conformação e consolidação tefepista.

No capítulo “Escravos, Guerreiros e Monges: a centralidade da escatologia no imaginário tefepista”, Victor Almeida Gama volta-se a análise dos elementos religiosos que conformaram a crença milenarista da TFP. Analisando a formação do imaginário mítico sobre o “grande castigo” que se abaterá sobre toda a humanidade, denominada nos âmbitos internos de *bagarre*, o autor evidencia elementos duais que conformam a compreensão de luta entre bem e mal, mobilizando discursos, representações e ações. A presença da *bagarre* é aqui entendida como norteadora de aspectos estéticos, comportamentos, devoções e da própria atuação político-social pliniana e tefepista. Esperando os tempos finais os membros expressam concepções escatológicas, milenaristas, proféticas e operativas cotidianas numa mescla de esperança e temor que molda comportamentos e sentimentos públicos e subjetivos. O autor também consegue aprofundar esta discussão mobilizando fontes internas que potencializam a análise e nosso conhecimento sobre a vida *intra muros*.

Uma abordagem intrigante nos é propiciada por Jaime Andrés Wilches Tinjacá, Lizeth Nataly González Guaje e Daniela Rivera Ortega no capítulo “Pablo Escobar y la narcocultura: ejes fundamen-

tadores del modelo ideológico “Tradición, Familia y Propiedad” en Colombia”. Neste capítulo os autores trabalham menos com a TFP colombiana em si e mais com a resignificação de elementos básicos de seu ideário numa aproximação simbiótica singular com a narcocultura do país. Partindo da contextualização e da transnacionalização da TFP ao Cone Sul, inicialmente, e depois outros países sul americanos como Equador e Colômbia, os autores evidenciam as bases da perspectiva tefepista tratando-a como um *modelo TFP*, ancorado na religião, família e propriedade. A discussão segue evidenciando as singularidades do pensamento e política colombianos e a mobilização deste modelo trídico por Pablo Escobar numa instigante resignificação da religião, da vida e apreço familiar e da concepção de propriedade pela atuação e propostas do líder narco. Assim, evidencia-se que mesmo que a TFP colombiana não tenha tido uma consolidação tão marcante como em outros países nos quais atuou/atua, a tríade de sua leitura de mundo serviu a outras realidades para dar sustentação, legitimidade e prestígio a Escobar que, para muitos, é tido também como santo.

O capítulo final, “O pensamento conservador de Plínio Corrêa de Oliveira e o governo Bolsonaro no Brasil: paralelos e alinhamentos”, de Moacir Pereira Alencar Jr., discorre sobre os movimentos recentes do grupo “herdeiro” do pensamento pliniano no Brasil – agora representados pelos estandartes dourados do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO)<sup>3</sup> – aproximou-se do atual presidente do Brasil

<sup>3</sup> Com o falecimento de Plínio Corrêa de Oliveira em 1995, sistematizador e líder profético da TFP, houveram dissensões expressivas que consolidaram-se numa divisão entre os membros. Um grupo deriva dos sócios fundadores da entidade e que hoje militam a partir do IPCO. O segundo, agrupado em torno de João Clá Dias, reuniu-se na Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima e na Associação Arautos do Evangelho. A TFP brasileira atualmente é controlada pelo grupo vinculado a Clá Dias. Desde abril de 2004, quando obtiveram ganhos na Justiça, a nova diretoria cessou sua atuação político-cultural. (ALTOÉ, André Pizetta. *Tradição, Família e Propriedade (TFP): Uma instituição em movimento*. 2006. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006 / ZANOTTO, Gizele. Os Arautos do Evangelho no espectro católico contemporâneo. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. X, p. 279-298, 2011). Interessante observar que essa divisão é analisada, pelos tefepistas vinculados aos fundadores,

muito em função de sua correspondência retórica de defesa do conservadorismo contrarrevolucionário, marcadamente anticomunista e antiliberal. Outras questões de aproximação são a defesa da propriedade privada, a contrariedade a seu uso social e a defesa ambiental, assim como a moralidade discursiva e a defesa da religião como lastro da nação. Esta relação é observada pelo autor que detem-se a analisar as bases argumentativas e conceituais que podem articular o bolsonarismo com o pensamento pliniano. Fazendo uso de fontes midiáticas, o autor traz importantes discussões para a compreensão do pensamento pliniano e de sua mobilização atual.

Pensar as relações entre o pensamento pliniano e a TFP, bem como outras entidades fundadas na mesma perspectiva conservadora católica a partir do século XX e sua importância sócio-cultural e política no século XXI nos mostram a complexidade deste tema, assim como sua relevância. Aos próceres do fim da TFP – tida como entidade sectária, reacionária e anacrônica – resta o alerta: o pensamento conservador e reacionário – de matiz religiosa ou não – tem muito mais poder de mobilização e ressignificação do que pode aparentar...

Boa leitura!

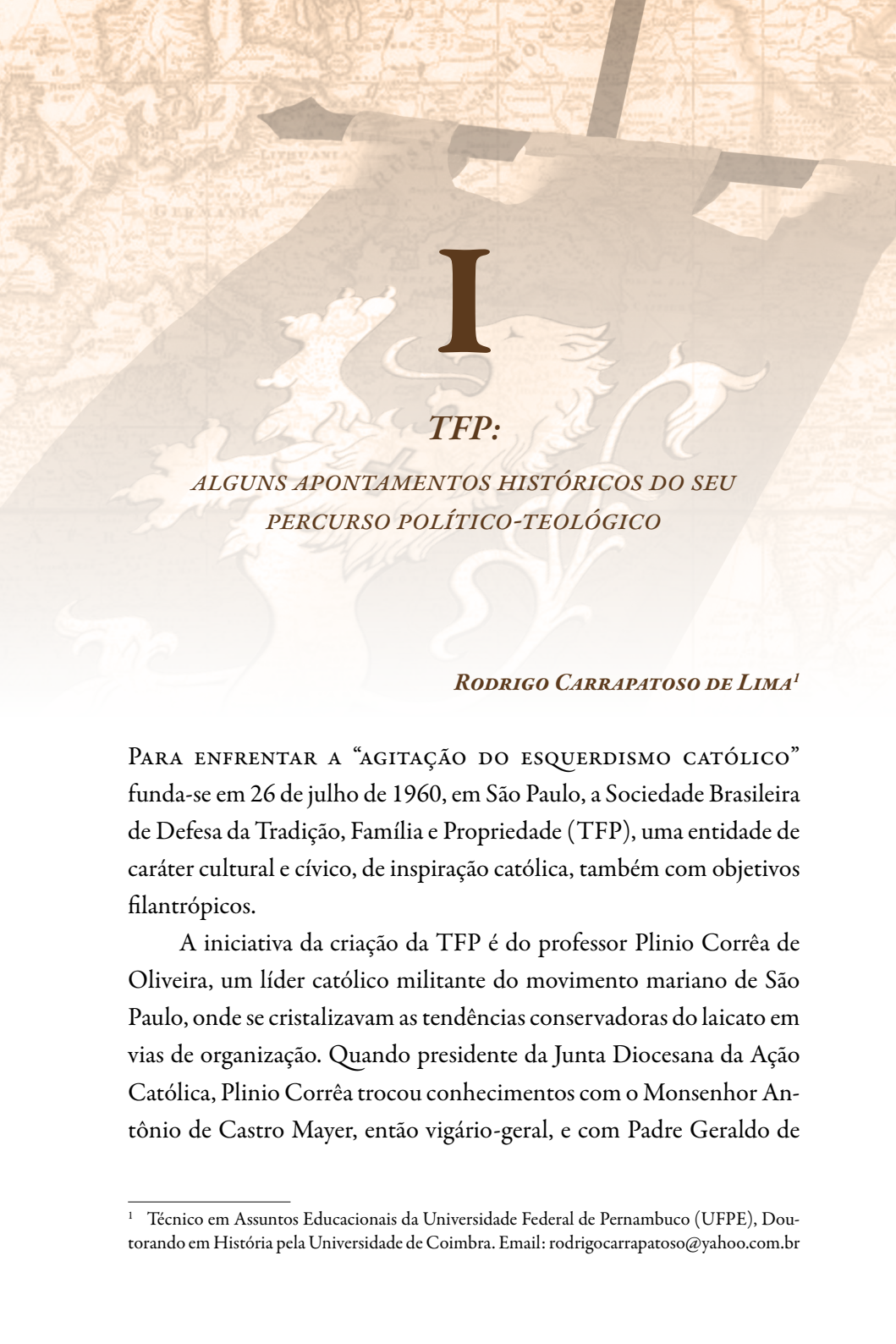
*Gizele Zanotto*  
*Benjamin Arthur Cowan*

Outubro de 2020.

---

como evidência da infiltração da Revolução na própria TFP (GOMES, Rogério César Pereira. *Plínio Corrêa de Oliveira: O maior Contra-Revolucionário da História*. S. l.: s.n., 2000.).





# I

*TFP:*

*ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICOS DO SEU  
PERCURSO POLÍTICO-TEOLÓGICO*

*RODRIGO CARRAPATOSO DE LIMA<sup>1</sup>*

PARA ENFRENTAR A “AGITAÇÃO DO ESQUERDISMO CATÓLICO” funda-se em 26 de julho de 1960, em São Paulo, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), uma entidade de caráter cultural e cívico, de inspiração católica, também com objetivos filantrópicos.

A iniciativa da criação da TFP é do professor Plínio Corrêa de Oliveira, um líder católico militante do movimento mariano de São Paulo, onde se cristalizavam as tendências conservadoras do laicato em vias de organização. Quando presidente da Junta Diocesana da Ação Católica, Plínio Corrêa trocou conhecimentos com o Monsenhor Antônio de Castro Mayer, então vigário-geral, e com Padre Geraldo de

---

<sup>1</sup> Técnico em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Doutorando em História pela Universidade de Coimbra. Email: rodrigocarrapatoso@yahoo.com.br

Proença Sigaud, capelão da Ação Católica, os quais se tornaram bispos colaboradores da TFP.

As primeiras atividades anticomunistas da TFP se concentraram no debate travado em todo o país a propósito da Reforma Agrária, tendo como principal arma o livro *“Reforma Agrária – Questão de Consciência”* (RA-QC), lançado em 10 de novembro de 1960. Dentre as teses apresentadas nesse livro estão: a inviolabilidade sagrada do direito de propriedade, a incompatibilidade do *“agro-reformismo confiscatório e socialista”* com uma nação onde 95% de sua população é de seguidores da doutrina católica e que devem respeitar o 7º e o 10º Mandamentos da Lei de Deus (Não roubarás e Não cobiçarás as coisas alheias). A TFP, então, aponta como solução para o problema agrário um rumo isento da *“peçonha socialista e inspirado pelos princípios cristãos”*. Reações favoráveis e contrárias às ideias defendidas no livro são vistas de todos os lados.

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que endossou o Golpe Civil-Militar de 1964, ocorrida em São Paulo a 19 de março, dia de São José, padroeiro da família, contou com a organização da TFP. Os dirigentes da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, da Família e da Propriedade obraram para impedir que o regime resvasasse para a esquerda.

Com uma visão ideológica de sociedade, o integrismo brasileiro representa um item considerável na problemática política brasileira. A aliança entre as forças integristas e o governo militar na luta contra a subversão política, moral e social, explica a liberdade de expressão das diversas correntes integristas quando da censura imposta a partir de 1968, explicando também a impunidade que gozavam os líderes dessas correntes em suas campanhas de difamação.

## ***A AÇÃO POLÍTICO-TEOLÓGICA DA TFP***

A TFP foi fundada por um grupo de leigos católicos que tinha a matriz de interpretação do mundo derivada do catolicismo integrista, uma doutrina contrarrevolucionária que acreditava que a reedificação da ordem social cristã era a única solução para os problemas criados, desde a época medieval, pela denominada Modernidade. A sua criação foi uma maneira de obter estatuto jurídico para suas atividades e como forma de reunir com contorno associativo os que comungavam dos mesmos ideais de Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995), seu líder espiritual e doutrinário.

Plínio Corrêa ingressou, com apenas 19 anos, no Movimento das Congregações Marianas, em plena expansão no Brasil naquele momento. Em 1933 foi eleito deputado federal à Assembleia Constituinte devido aos grupos católicos de São Paulo reunidos sob o nome da Liga Eleitoral Católica (LEC). Professor de História das Civilizações e de História Moderna e Contemporânea na Universidade Católica de São Paulo, Plínio era um militante ativo nas organizações católicas, tornando-se redator-chefe do semanário do movimento mariano de São Paulo, que logo passou a ser o órgão em que se cristalizava as tendências conservadoras dos leigos em vias de organização.

Após se tornar presidente da Junta Diocesana da Ação Católica, trava conhecimento com o Monsenhor Antônio de Castro Mayer, vigário-geral, e com Padre Geraldo de Proença Sigaud, capelão da Ação Católica.

As crescentes divergências com esse movimento levam Plínio Corrêa a publicar em 1943 o livro *Em defesa da Ação Católica*. Segundo Charles Antonie (1980), nas ideias expostas nessa obra encontra-se a descrição do que deve ser uma verdadeira atividade do laicato católico. Chama-nos a atenção o fato das listas de penalidades aplicáveis a não observância das prescrições ocuparem 23 páginas do livro.

Sobre as regras do vestuário das Filhas de Maria da Federação Mariana Feminina de São Paulo, “*um meio de santificação*”, Plínio comenta:

É evidente a utilidade de tais regras. Com efeito, o fim da lei não é apenas elucidar, mas ordenar e punir. É justo, louvável e explicável que os membros de determinada associação não se queiram deter nos limites extremos sugeridos ou tolerados pela moral, mas que se proponham reagir contra o paganismo ambiente, não só pelo uso exclusivo do que é lícito como ainda trajando-se apenas do modo compatível com a mais severa e rigorosa pureza de costumes. (OLIVEIRA, 1943, p.67)

O que se encontra na obra *Em defesa da Ação Católica* é o embrião do espírito da TFP. É a luta contra o igualitarismo entre eclesiásticos e leigos, que para Plínio, os membros da Ação Católica desenvolviam.

Na condição de deputado constituinte, Plínio Corrêa fora encarregado de administrar e desenvolver um veículo da imprensa católica paulista, o *Legionário* (1937-1944), órgão de divulgação da Congregação Mariana da Matriz de Santa Cecília<sup>2</sup>.

A nomeação a bispo do Padre Sigaud em 1947 e a de Mons. Mayer, no ano seguinte, a bispo coadjutor de Campos é recebido pelo grupo como um sinal divino. E é justamente em Campos (RJ), que em 1951 nasce o mensário *Catholicismo*, que mais tarde é transformado em órgão da TFP. “*O conjunto de atividades exercido em caráter pessoal pelos componentes do grupo de “Catholicismo”, só pouco a pouco e organicamente será assumido pela TFP*” (MACHADO, 1980, p.24).

Filipe Domingues nos traz no título de sua monografia<sup>3</sup> a pri-

<sup>2</sup> SILVA, Filipe. *A Cruzada do Século XX: Movimento Tradição, Família e Propriedade (TFP), Origens ideológico-institucionais e Ação (1928-1964)*. Maio-2006.

<sup>3</sup> Idem.

meira manchete deste jornal: “*A Cruzada do Século XX*”. Percebe-se que a intenção de que a “Cruzada” jornalística iniciada no *Legionário* tivesse continuidade na *Catolicismo*.

O redator-chefe do mensário católico era José Carlos de Castilho Andrade. Este iniciou sua carreira de jornalista no *Legionário*, como secretário de redação, sendo a paginação do jornal responsabilidade sua. Entre os principais colaboradores do mensário estava o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira. Sua seção no jornal intitulava-se “Ambientes, Costumes e Civilizações”. Nela ele procurava estabelecer uma crítica comparativa entre o que produziu a civilização sob os auspícios da influência cristã e os frutos oferecidos à humanidade pela civilização moderna e mundana. (SILVA, 2006, p.34)

Quando ocorre o recrutamento de jovens estudantes da Congregação São Luís dos Jesuítas de São Paulo, Plínio enxerga que esse é o momento de formar um verdadeiro movimento. É criada a Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, tendo o bispo de Campos, Dom Mayer, seu protetor e fiador teológico e o bispo de Diamantina (MG), Dom Sigaud, seu porta-voz oficioso nos meios católicos e políticos. Sua proposta era ser “*Uma entidade de caráter cultural e cívico – com objetivos também filantrópicos – para enfrentar, no campo temporal, a dupla investida esquerdista-progressista, então prestes a desencadear com todo ímpeto*” (MACHADO, 1980, p.66).

Para o Pe. Charles Antonie, autor do livro *O Integrismo brasileiro*, a TFP desde sua criação, tem a atividade literária relativamente importante. Destacam-se as seguintes publicações: - *Reforma Agrária – Questão de Consciência*, uma refutação as teses da reforma agrária “socializante e anticristã”; *Declaração do Morro Alto*, um manifesto para uma política agrária de acordo com os princípios do livro acima descrito; *A liberdade da Igreja no Estado Comunista*, um estudo do de-

cálogo e do direito de propriedade; *Baldeação ideológica inadvertida e diálogo*, uma revelação “*da estratégia comunista de conquista da opinião pública*”.

De autoria de Dom Castro Mayer, temos duas cartas pastorais, uma sobre os problemas do apostolado moderno e outra com o intuito de advertir os diocesanos sobre as armadilhas da seita comunista.

Não estamos livres de sofrer também uma revolução marxista. O exemplo das Antilhas constitui ameaça para toda a América Latina, e não vemos reação proporcionada à gravidade do perigo. Muito pelo contrário, assistimos a um recrudescimento de ousadia por parte dos comunistas, e de simpatia, mais ou menos generalizada em vários setores da sociedade, pelo mundo socialista (MAYER, 1961, p.08.)

Já Dom Sigaud é autor de *Carta Pastoral sobre a seita comunista e Catecismo Anticomunista*. Comparando a luta entre a Cristandade e o comunismo com a que no passado se travou entre a Cruz e o Islã, *Catolicismo* (nº 135 de março de 1962) apresenta a Carta Pastoral do Arcebispo de Diamantina, D. Geraldo de Proença Sigaud que “*sentia a necessidade urgente de instruir os filhos amados para imunizá-los contra o veneno da seita comunista, e sua doutrina, o marxismo.*” Conforme Sigaud,

por ocasião da crise que nossa Pátria atravessou em agosto e setembro do ano passado, notamos que inúmeros católicos se sentiam desorientados diante da ação dos comunistas e indefesos de suas manobras. Resolvemos, pois, vir em auxílio desses nossos irmãos e filhos explicando-lhes o que é a seita comunista, o que ensina e o que intenta, na certeza de que, para grande número de almas que correm perigo, bastará conhecerem de perto o comunismo, para o detestarem e o combaterem. (SIGAUD, 1962a, p.02)

D. Geraldo Sigaud em seu Catecismo Anticomunista, publicado em primeira mão em *Catolicismo*, define o comunismo como

uma seita internacional, que segue a doutrina de Karl Marx, e trabalha para destruir a sociedade humana baseada na lei de Deus e no Evangelho, bem como para instaurar o reino de Satanás neste mundo, implantando um Estado ímpio e revolucionário, e organizando a vida dos homens de sorte que se esqueçam de Deus e da eternidade. (SIGAUD, 1962b, p.02)

A prática social da TFP foi baseada, em sua essência, em três fontes que juntas sistematizam a ideia de que o processo maligno de destruição da civilização cristã somente será detido se os homens novamente se converterem á verdadeira fé e praticarem a devoção a Nossa Senhora, padroeira da contrarrevolução e responsável pela vitória do bem contra o mal pela distribuição da sua graça. As três fontes são: o livro de Plínio Corrêa, *Revolução e Contra-revolução* (1959), a devoção Mariana fundamentada na obra *Tratado da verdadeira devoção a santa virgem* de São Luís Maria Grignion de Montfort e a mensagem contrarrevolucionária de Nossa Senhora de Fátima de 1917 (ZANOTTO: 2003,p. 67-68)

A compreensão integrista de mundo e de História está sintetizada no ensaio *Revolução e Contra-Revolução* (consagrado a Nossa Senhora, mediadora entre os homens e Jesus) onde Plínio descreve os problemas que levaram a decadência da Cristandade- a Revolução.

Para Plínio, na Europa Cristã, durante o século XIV começa a observar-se uma transformação de pensamento que ao longo do século XV cresce com nitidez. Os prazeres terrenos vão ser tornando mais frequentes. Nos trajes, nas maneiras, nas linguagens, na literatura e na arte, o anseio por uma vida repleta de deleites da fantasia e dos sentidos vai produzindo progressivas mostras de sensualidade e mo-

leza. Desaparece, aos poucos, a ponderação e a austeridade dos velhos tempos. Penetrando nas esferas intelectuais, tal clima moral produziu claras manifestações de orgulho, como o gosto pela exibição arrogante de erudição, a interpretação naturalista da Escritura, o livre exame<sup>4</sup>. Portanto, para a compreensão integrista tefepista, o processo demoníaco de explosão de orgulho e sensualidade inspirou toda uma cadeia de sistemas ideológicos contrários aos princípios defendidos pela Igreja Católica Apostólica Romana. O orgulho segundo Plínio

leva ao ódio a toda superioridade, e, pois, à afirmação de que a desigualdade é em si mesma, em todos os planos, inclusive e principalmente metafísico e religioso, um mal. É o aspecto igualitário da Revolução (OLIVEIRA, 1959, p. 12).

Já a sensualidade,

tende a derrubar todas as barreiras. Ela não aceita freios e leva à revolta contra toda autoridade e toda a lei seja divina ou humana, eclesiástica ou civil. É o aspecto liberal da Revolução. (OLIVEIRA, 1959, p.12)

A sociedade medieval do século XIII seria, então, para os tefepistas, a que realizou com maior requinte o ideal de uma sociedade genuinamente católica. A Revolução da qual Plínio chama de conspiração das trevas está dividida em três etapas sucessivas. A primeira parte da Revolução seria a Pseudo-Reforma (Reforma Protestante), inspirada no espírito humanista e da Renascença, com o culto ao homem e ao gozo da vida, visões contrárias à noção cristã de sacrifício.

Em sequência vem a Revolução Francesa, com o triunfo do igua-

<sup>4</sup> Revista Catolicismo, edição especial – Ano IX – número 100, maio de 1959. Acervo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Olinda e Recife.

litarismo no campo religioso, e do ateísmo/laicismo. No âmbito político, nasce a ideia de que as desigualdades são injustas.

Uma dissolução quase geral dos costumes, um modo frívolo e brilhante de considerar as coisas, um endeuamento da vida terrena, que preparou o terreno para a vitória gradual da irreligião. Dúvidas em relação a Igreja, negação da divindade de Cristo, deísmo, ateísmo incipiente foram as etapas de apostasia. (OLIVEIRA, 1959, p.04)

A terceira parte da Revolução é o Comunismo que ultrapassa as máximas igualitárias e ateias para as áreas sociais e econômicas. Seu principal ícone é a Revolução Russa de 1917.

O orgulho, inimigo de toda superioridade, haveria de investir contra a última desigualdade, isto é, a de fortunas. E assim, ébrios de sonhos de República Universal, de supressão de toda autoridade eclesiástica ou civil, de abolição de qualquer Igreja e, depois de uma ditadura operária de transição, também do próprio Estado, aí está o neobárbaro do século XX, produto mais recente e mais extremado do processo revolucionário. (OLIVEIRA, 1959, p.06)

A secção “*Ambientes, Costumes, Civilizações*” em *Catolicismo* (nº 121) expõe “*as três faces de um imenso movimento, uno pelo espírito, pelos objetivos e até pelos métodos*”.



IMAGEM 1. TRÊS FACES DA REVOLUÇÃO. Fonte: Catolicismo - Ano XI – número 121, janeiro de 1961, p. 07. Acervo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Olinda e Recife.

Nas palavras de Plínio Corrêa as “*três faces da revolução*”: Lutero morto (quadro de Lucas Fortnagel, Biblioteca da Universidade de Leipzig), “*um arruaceiro cuja pregação tantos erros e tanta revolta espalhou*”; Robespierre, (máscara mortuária conservada no Museu Tus-saud) responsável por destilar pregações “*de violência e de morte na era do Terror*”; Ernesto “Che” Guevara, “*um dos suportes do regime do “paredon” onde tantas vítimas têm sido cruelmente imoladas*”.

Com o intuito de conter esse “processo demoníaco”, entra em cena a chamada Contrarrevolução, com o objetivo principal de restaurar a Ordem, entendida com uma civilização cristã austera e hierárquica, antigualitária e antiliberal.

Se a Revolução é a desordem, a Contra-Revolução é a restauração da Ordem. E por Ordem entendemos a paz de Jesus Cristo no Reino de Cristo. Ou seja, a civilização cristã, austera e hierárquica, fundamentalmente sacral, antiigualitária e antiliberal. (OLIVEIRA, 1959, p.04).

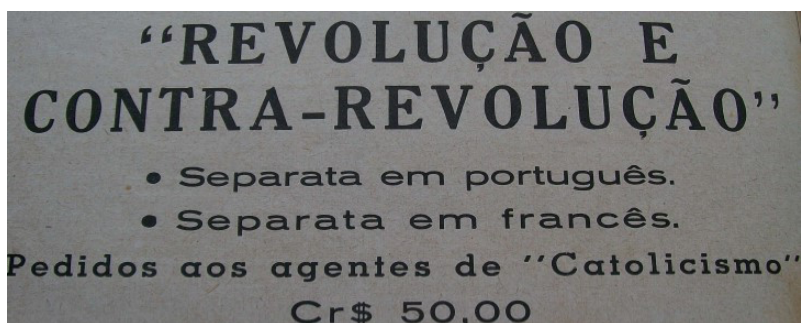


IMAGEM 2. ANÚNCIO DE VENDA DO LIVRO REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO. Fonte: Catolicismo – Ano IX, número 101, maio de 1959. Acervo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Olinda e Recife.

Após o aparecimento de um catolicismo “moderno”, surge o catolicismo “integral”, que buscava provar que somente ele, com seus valores tradicionais, é a regeneração da sociedade como tal.

Com a criação da TFP, Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995), seu fundador e líder doutrinário e espiritual, foi o responsável por sistematizar e consolidar as ações tefepistas no seio da sociedade brasileira. Sua “missão” de defender e estimular os princípios da doutrina tradicional católica encontrou nos bispos intransigentes, antimodernos, autoritários e anticomunistas respaldo essencial para a construção de um alicerce teológico. Sempre se baseando em documentos de autoridades religiosas para elaborar e referendar suas ideias, Plínio incumbia-se de “guiar os fiéis católicos para o caminho do bem”.

A ação política-teológica da TFP, num primeiro momento se ocupou em torno do que eles intitularam de agro-socialismo do governo João Goulart. Sua principal arma foi a publicação de *Reforma Agrária – Questão de Consciência* em 1960. A querela em torno da Reforma Agrária alastrou-se por todo país, se tornando tema recorrente nos meios políticos e sociais. Nesse ínterim, a TFP empenhava-se na intensificação da defesa de suas ideias e atitudes, confrontando até

mesmo a CNBB e os membros hierarquia católica brasileira, como foi o caso de D. Hélder Câmara.

A TFP, embora contasse com poucos membros, era bastante organizada e mobilizada. Fazia-se presente nas capitais do país e buscava embasamento teórico-teológico, econômico e político nas suas tomadas de posição. Na intenção de que um dia seriam reconhecidos, os tefepistas julgavam-se “*os arautos dos últimos tempos*” ou ainda “*os paladinos da contra-revolução*”. Esse maniqueísmo demonstra como os tefepistas viam “o outro”, o não-membro: um inferior, um degradado, um infiel desprovido de salvação.

É inegável a importância dos estudos acerca das ações e reflexões da TFP. Sua tomada de decisão legitimadora na intervenção militar de 1964, resultado da “divina providência”, nos traz bastantes significados.

É evidente que a TFP não participaria de atos públicos, como foram as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, se não houvesse um impulso dado por uma elite empresarial e por políticos conservadores. O elitismo trabalhava de modo a conter as massas inquietas. Grupos diferentes se uniam para condenar de maneira bastante genérica a política “populista”, que era taxada de demagógica e corrupta, e o “comunismo”, de ateu e materialista. Em claras palavras, o que representava um risco à propriedade privada era classificado de ruim. Portanto, procurou-se assim patentear a importância desta instituição no contexto histórico-social brasileiro do período da ditadura militar de 1964, ficando evidente que muito ainda há por se pesquisar e se aprofundar.

## REFERÊNCIAS

ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. *Construindo o Sindicalismo Rural: lutas, partido, projetos*. Recife: Universitária da UFPE: Editora Oito de Março, 2005.

ACAT. *Fundamentalismos, integrismos: Uma ameaça aos direitos humanos*. São Paulo: Paulinas, 2001. - (Coleção Ética e Sociedade)

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

ANTOINE, Charles. *O integrismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. *A bênção de abril*. “Brasil, Urgente”: memória e engajamento católico no Brasil, 1963-64. Petrópolis: Vozes, 1983.

CATÃO, Francisco A. C. *O que é teologia da Libertação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CODATO, Adriano Nervo. OLIVEIRA, Marcus Roberto de. *A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 47, p.271-302 – 2004.

FERRARINI, Sebastião Antonio. *A imprensa e o Arcebispo Vermelho (1964-1984)*. São Paulo: Paulinas, 1992.

GARCIA, Nelson Jahr. *O que é propaganda ideológica*. 3a ed. -. São Paulo: Brasiliense, 1984.

HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos o breve século XX 1914 - 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MACHADO, Antonio Augusto Borelli. CAMPOS FILHO, Abel de Oliveira. *Meio século de epopéia anticomunista*. 2. ed. - São Paulo: Vera Cruz, 1980.

MALAN, Pedro Sampaio. Relações econômicas internacionais do Brasil. In FAUSTO, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira*. Rio de Janeiro, Bertrand-Brasil, 1995, t.III, v.4.

MAYER, D. Antônio de Castro. Carta Pastoral prevenindo os diocesanos contra os ardis da seita comunista. *Revista Catolicismo*. São Paulo, Nº 127, julho, 1961.

MONTENEGRO, João Alfredo. *Evolução do Catolicismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. Revolução e Contra-Revolução. *Revista Catolicismo*. São Paulo, Nº 100, março, 1959.

SIGAUD, D. Geraldo de Proença. Carta Pastoral sobre a seita comunista, seus erros, sua ação revolucionária e os deveres dos católicos na hora presente. *Revista Catolicismo*. São Paulo, Nº 135, março, 1962a.

SIGAUD, D. Geraldo de Proença. Catecismo anticomunista. *Revista Catolicismo*. São Paulo, Nº 140, agosto, 1962b.

SILVA, Filipe Francisco Neves Domingues da. *A Cruzada do Século XX: Movimento Tradição, Família e Propriedade (TFP), Origens ideológico-institucionais e Ação (1928-1964)*. Monografia de Bacharelado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife/PE, 2006.

SILVA, Severino Vicente da. *Entre o Tibre e o Capibaribe: os limites da igreja progressista na arquidiocese de Olinda e Recife*. 1. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

ZANOTTO, Gizele. *É o caos!!! A luta anti agro-reformista de Plínio Corrêa de Oliveira*. Dissertação apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis/SC, 2003.

\_\_\_\_\_. Tradição, Família e Propriedade: Cristianismo, sociedade e salvação. In: XI Congresso Latino Americano sobre Religião e Etnicidade - Mundos religiosos: identidades e convergências, 2006, São Bernardo do Campo/SP. *Anais do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências*. São Bernardo do Campo/SP: UMESP / ALER, 2006. v. I.

\_\_\_\_\_. Profetismo na Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição Família e Propriedade (TFP): Um estudo de caso. *Revista Brasileira de História das Religiões* – Ano I, no. 2 – ISSN 1983-2850.



# II

## *A LIGAÇÃO ENTRE DOM ANTÔNIO DE CASTRO MAYER E PLÍNIO CORREA DE OLIVEIRA*

*VINÍCIUS COUZZI MÉRIDA<sup>1</sup>*

A VIDA DE DOM ANTÔNIO DE CASTRO MAYER (1904-1991) ESTEVE diretamente ligada à vida de Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995) por mais de cinco décadas. Juntos, eles militaram a favor do catolicismo antimoderno e assumiram a luta contra os pensamentos Iluministas, que eivados de anticlericalismo promoveram a Revolução Francesa (1789) e se desdobraram pelos séculos seguintes.

No século XIX, a Igreja se pronunciou abertamente contra o Iluminismo, o Racionalismo, Positivismo, Cientificismo etc. adotando uma postura antimoderna, que posteriormente, em pleno século XX, foi aderida por Plínio Corrêa de Oliveira e Castro Mayer na empreitada que ficou conhecida como Contrarrevolução. Assim, eles se

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Religião da PUC Minas em cotutela com a L'Université Laval de Quebec. Email: [viniciusmerida@gmail.com](mailto:viniciusmerida@gmail.com)

mostraram convergentes com a doutrina antimodernista do Papa Pio X (1835-1914) e de outros Papas que condenaram a infiltração das ideias racionalistas, positivistas etc. dentro da Igreja. Por meio de diversas publicações, o prelado brasileiro e o leigo militante disseminaram e defenderam as ideias papais ultramontanas<sup>2</sup> do século XIX.

Por entenderem que o Concílio Vaticano II (1962-1965) foi influenciado pelas modernistas, condenadas por Pio X, Castro Mayer e Plínio se notabilizaram no Brasil por uma intransigente parceria antimoderna que despertou aliados e adversários dentro da hierarquia católica.

Assim, a proposta desse capítulo é analisar e explicar o trabalho que Plínio e Castro Mayer desempenharam, atuando em diferentes frentes do catolicismo brasileiro do século XX, contra as reformas que ocorreram dentro da Igreja, sempre condenando o mundo contemporâneo, por entender que o atual modo de vida é anticristão por ser influenciado por ideias Revolucionárias.

## ***BIOGRAFIA DE DOM ANTÔNIO DE CASTRO MAYER***

A vida de Antônio de Castro Mayer se confunde com a história do século XX. Hobsbawm (1995) se refere a esse século como o *Curto Século*, 1914-1991, assim, dentro da perspectiva do historiador britânico, poderíamos dizer que Castro Mayer nasceu 10 anos antes do início do século XX, em 1904, e faleceu em 1991<sup>3</sup>, no mesmo ano

<sup>2</sup> O ultramontanismo designa a tendência do catolicismo no século XIX de buscar o fortalecimento do Papado, tanto no governo quanto no magistério da Igreja. Por consequência os católicos deveriam ver no Papa o principal líder e o mediador entre a sociedade e o mundo espiritual. Os leigos e os religiosos deveriam ser submissos às iniciativas e diretrizes da Santa Sé (SANTOS, 2000. p. 444-445).

<sup>3</sup> A primeira guerra mundial começou em 28 de julho de 1914 e a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas se deu em 26 de dezembro de 1991. São estes eventos, acontecidos no início e no final do século XX que são tomados pelo historiador como marcos temporais que delimitam o século XX. (HOBSBAWM, 1995).

que se encerrou o século XX, por ocasião do colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS).

No tocante à História da Igreja no Brasil, a vida de Castro Mayer é ainda mais ligada, uma vez que ele participou direta e ativamente, se opondo ou apoiando, os principais movimentos do catolicismo romano na história do Brasil republicano.

Filho do pedreiro bávaro Johannes Mayer e da camponesa Francisca de Castro Mayer, casados na Igreja Nossa Senhora do Rosário, no dia 08 de junho de 1888, Castro Mayer nasceu em 20 de junho de 1904, na cidade de Campinas, no estado de São Paulo, Brasil. De família católica e numerosa, ele teve 11 irmãos, dentre os quais duas irmãs se tornaram freiras, uma da congregação dominicana e a outra da congregação das freiras conceitualistas.

Seus pais mudaram-se para a cidade de São Paulo em 1909, onde Castro Mayer cursou o Grupo Escolar do Pari, entre 1911 e 1916. Em 1910, quando Castro Mayer tinha apenas 6 anos de idade seu pai faleceu. A partir desse fato, Castro Mayer trabalhou para ajudar a mãe a sustentar a família<sup>4</sup>. Referindo-se a figura paterna, ele dizia: “De meu pai recebi o maior tesouro: a fé”.

Com a idade de 12 anos, em 16 de fevereiro de 1916, ele entrou para o Seminário menor de Bom Jesus de Pirapora, dirigido pelos padres Premonstratenses. Entre 1922 e 1924, o seminarista Antônio de Castro Mayer estudou no Seminário Maior da arquidiocese de São Paulo, no Bairro da Luz, onde fez o curso de Filosofia, tendo estudado as seguintes disciplinas: Filosofia Universal, Matemática, Física e Química, História da Filosofia, Língua Grega, Literatura e História do Brasil (ARQVCM 02/10/1924)<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Biografia de Dom Antônio de Castro Mayer. Disponível em <<http://diocesedecampnos.org.br/galeria-dos-bispos/>> Acesso em 30 de março de 2019.

<sup>5</sup> ARQVCM: Arquivo de Pesquisa Pessoal Vinícius Couzzi Mérida. Grade curricular do curso de Filosofia da Arquidiocese de São Paulo atestado pelo Reitor padre Alberto Pequeno em 02 out. 1924.

Em 2 de outubro de 1924, o Reitor do seminário arquidiocesano de São Paulo, Padre Alberto Teixeira Pequeno, escreveu para o Pontifício Colégio Pio Latino-americano pedindo que aceitasse o seminarista Castro Mayer, que estava com 20 anos, entre seus alunos e hóspedes, para que estudasse Teologia (ARQVCM 02/10/1924)<sup>6</sup>. Naquela ocasião, o Pontifício Colégio se localizava à Via Gioacchino Belli, 3, em Roma.

Ao chegar a Roma, em 1924, Castro Mayer começou seus estudos de Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. O contexto pelo qual a Europa passava na década de 1920 era de instabilidade e ascensão de regimes totalitários, que culminou com a II Guerra Mundial (1939-1945).

Uma vez admitido no Pontifício Colégio Pio Latino Americano, o seminarista Castro Mayer cumpriu todos os protocolos pelos quais deveria passar até a sua ordenação sacerdotal. Em 9 de dezembro de 1925, Castro Mayer pediu a tonsura (ARQVCM 09/12/1925)<sup>7</sup>; em 7 de março de 1926 pediu as ordens menores; em 8 de abril de 1927 pediu o subdiaconato e, por fim, em 12 de setembro, pediu o sacramento da ordem (ARQVCM 12/09/1927)<sup>8</sup>. Dessa forma, no dia 30 de outubro de 1927, Castro Mayer foi ordenado padre pelo Cardeal Basílio Pompili (1858-1931), Vigário Geral de Pio XI (1857-1939). Pouco depois de sua ordenação presbiteral, Castro Mayer recebeu o título de Doutor em Teologia.

A Universidade Gregoriana de Roma foi um centro de formação clerical antiliberal, antirrevolucionária e antimodernista (ROY-LYSENCOURT, 2011, p 154). Consequentemente, a formação que Castro Mayer recebeu na Gregoriana foi convergente com a conduta antimoderna que a Igreja adotou no século XIX, tendo em

<sup>6</sup> Carta do padre Alberto Pequeno para o seminário Pio Latino de Roma.

<sup>7</sup> Cerimônia religiosa em que o bispo dá um corte no cabelo do ordinando ao conferir-lhe o primeiro grau de Ordem no clero, chamado também de “*prima tonsura*”.

<sup>8</sup> Carta do Pontifício Colégio Pio Latino de Roma.

vista os eventos históricos que marcaram a Europa nos séculos anteriores.

Ao lado do Seminário Francês em Roma, a Pontifícia Universidade Gregoriana era outro local de tradição ultramontana e intransigente, na qual vários membros do futuro *Coetus Internationalis Patrum* passaram alguns anos como estudantes. Além disso, a formação que os seminaristas recebiam era essencialmente tomista, tanto na Filosofia como na Teologia (ROY-LYSENCOURT, 2011, p.161).

No final de 1927, Castro Mayer deixou a Itália fascista de Benito Mussolini (1883-1945) e encontrou a Igreja Católica mais vigorosa, anticomunista e antiprotestante, que buscava atuação no sistema educacional pregando a hierarquia e a ordem social. Não obstante a isso, a política Vaticana apoiou a Igreja do Brasil a fortalecer a sua presença em todos os segmentos da sociedade, e Pio XI encorajava Dom Sebastião Leme a promover a restauração católica no Brasil (MAINWARRING, 2004, p. 42).

Em 1928, Castro Mayer foi nomeado professor do Seminário arquidiocesano e durante treze anos ensinou Filosofia, História da Filosofia e Teologia Dogmática. Enquanto esteve ligado à arquidiocese de São Paulo, Castro Mayer foi subordinado diretamente a três arcebispos: Dom Duarte Leopoldo e Silva (1867-1938), Dom José Gaspar d'Afonseca e Silva (1901-1943) e Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta (1890-1982).

Em 1940, o arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Affonseca e Silva (1901-1943) o nomeou assistente geral da Ação Católica, então em fase de organização no Brasil, onde exerceu trabalho ligado a Plínio Corrêa de Oliveira.

No final de 1941, Castro Mayer deixou a função de professor no seminário arquidiocesano para se dedicar exclusivamente à Ação Católica, o que não lhe agradou, pois ele tinha grande satisfação em dar aulas no seminário e identificação com a função de professor. Ainda

no mesmo ano, Castro Mayer foi nomeado cônego catedrático do Cabido Metropolitano de São Paulo, com a dignidade de primeiro Tesoureiro. Pouco depois, torna-se Vigário Geral (1942).

Em 1945, Castro Mayer foi transferido para o cargo de Vigário Econômico da Paróquia de São José do Belém pelo Cardeal Motta. Simultaneamente a sua transferência, ele assumiu as cátedras de Religião e Doutrina Social Católica, respectivamente na Faculdade Paulista de Direito e no Instituto *Sedes Sapientiae*. Ambas escolas superiores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Em 6 de março de 1948, Pio XII (1876-1958) elevou Castro Mayer a Bispo titular de Priene e Coadjutor, com direito à sucessão, do Arcebispo-Bispo de Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Dom Octaviano Pereira de Albuquerque (1866-1949). Em 23 de maio de 1948, o Núncio Apostólico do Brasil, Dom Carlo Chiarlo (1881-1864), presidiu a cerimônia de sagração tendo como assistentes: Dom Ernesto de Paula (1899-1994), Bispo de Piracicaba (São Paulo) e Dom Geraldo de Proença Sigaud (1909-1999), Bispo de Jacarezinho (Paraná). A sagração teve lugar na Igreja de Nossa Senhora do Carmo em São Paulo. O lema episcopal escolhido por Castro Mayer foi “*Ipsa Conteret*”, que significa Ela Esmagará. Esse lema, escrito em seu brasão episcopal, evidencia a devoção mariana a qual ele confiou-se enquanto bispo e sua postura combativa para com os inimigos da Igreja.

Quando Castro Mayer chegou em Campos dos Goytacazes em 1948, a cidade tinha sua economia pautada na indústria canavieira e na propriedade agrária, ainda com fortes resquícios históricos dos séculos anteriores quando Campos foi uma cidade dos barões da cana-de-açúcar com mão-de-obra essencialmente escrava. E foi nessa economia canavieira, e de cultura mestiça de índios da tribo dos Goytacazes, escravos africanos e colonizadores portugueses, que Castro Mayer exerceu seu episcopado e apregoeou a doutrina católica romana com traços ultramontanos, na qual Plínio Correa de Oliveira teve forte influência.

Enquanto esteve à frente da diocese de Campos dos Goytacazes, Castro Mayer exerceu o trabalho pastoral junto ao clero e aos fiéis e lecionou Filosofia na Faculdade de Filosofia de Campos (FAFIC) e na Faculdade de Direito de Campos (FDC). Entre as atividades realizadas destaca-se a fundação, em 1951, da revista “Catolicismo”, com tiragem mensal, a rádio católica Afonsiana, a organização da Semana Eucarística, em preparação ao 36º Congresso Eucarístico Internacional realizado de 16 a 25 de abril de 1955, e o estabelecimento em toda a diocese da adoração diurna à eucaristia.<sup>9</sup>

Castro Mayer fundou cinco paróquias<sup>10</sup> e ordenou 23 padres<sup>11</sup>. Ele também fundou o Seminário de Maria Imaculada, sendo o Menor em 1957 e o Maior em 1969, e elevou a Catedral Diocesana à Basílica Menor do Santíssimo Salvador em 1963. Outras realizações foram as Missões Diocesanas, presididas pela imagem Peregrina e Milagrosa de Nossa Senhora de Fátima, em 1974 e 1976, que causou grande repercussão na prática religiosa dos católicos do norte e noroeste fluminense. Castro Mayer desempenhou um apostolado no campo da Ação Católica dando impulso às Congregações Marianas e às Pias Uniões das Filhas de Maria.

O Bispo diocesano de Campos sempre se preocupou em difun-

<sup>9</sup> Biografia de Dom Antônio de Castro Mayer disponível em <<http://arquidiocesecampinas.com/clero/dom-antonio-de-castro-mayer/>> Acessado em 12 de julho de 2019.

<sup>10</sup> Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Italva (21.11.1955); Paróquia Imaculado Coração de Maria no distrito campista de Ururá (07.10.1958); Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Fátima em Itaperuna (20.12.1967); Paróquia São Benedito em Itaperuna (10.04.1968) e Paróquia Santa Maria, no distrito campista de Santa Maria (13.11.1976).

<sup>11</sup> Padre Olivácio Nogueira Martins (1950), Padre Lamar Barreto Calzolari (1955), Padre José Moacir Pessanha (1959) Padre Emanuel José Possidente (1959), padre Roberto Gomes Guimarães (1961), padre Joaquim Ferreira Sobrinho (1961), padre Eduardo Athayde (1967), padre Licínio Rangel (1967), Padre Antônio Alves de Siqueira (1969), Padre Manoel Henrique Ferreira Lima (1969) Padre Gervásio Gobato (1970), Padre Élcio Murucci (1974), Padre David Francisquini (1974), Padre Fernando Arêas Rifan (1974), Padre José Eduardo Pereira (1974), Padre Antônio de Paula (1974), Padre José Gualandi (1975), Padre Jonas dos Santos Lisboa (1976), Padre Geraldo Gualandi (1979), Padre José Ronaldo de Menezes (1980), Padre José Onofre Martins de Abreu (1980), Padre Alfredo Gualandi (1980) e Padre Manoel Macedo de Farias (1988).

dir a doutrina católica por meio de catequeses e cartas pastorais. Por isso, ele escreveu, ao todo, quatorze cartas aos seus diocesanos, sempre em tom de admoestação diante das transformações trazidas pelo século XX.<sup>12</sup>

Entre as cartas publicadas, destacam-se as que tiveram repercussão internacional: Sobre Problemas do Apostolado Moderno (1953), com edições na França, Itália, Espanha e Argentina; *Aggiornamento e Tradição* (1971), traduzida na França, Alemanha Espanha, Inglaterra e Itália; Sobre o Santo Sacrifício da Missa (1969), traduzida para o italiano; Sobre Cursilhos de Cristandade (1972), traduzida para o inglês e espanhol; e cartas pastorais em que apresenta aos fiéis os documentos conciliares do Vaticano II.

O destaque de Castro Mayer fora da diocese se deve, em grande parte, a essas numerosas cartas pastorais. Talvez a mais célebre seja a de 6 de janeiro de 1953, sobre os Problemas do Apostolado Moderno (PADRES DE CAMPOS, 1988, p.2). Essa carta pastoral foi publicada no Brasil, Argentina, Canadá, França e Itália, em português, francês, italiano e espanhol.<sup>13</sup>

Durante o Concílio Vaticano II, Castro Mayer discordou e combateu a corrente progressista e se destacou como um dos líderes da corrente conservadora reunida no *Coetus Internationalis Patrum*. Ele foi

<sup>12</sup> Sobre o dogma da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria (1950); Sobre os problemas do apostolado moderno, contendo um catecismo de verdades oportunas que se opõem aos erros contemporâneos (1953); Prevenindo os diocesanos contra os ardis da seita comunista (1961); Castidade, humildade, penitência, características do cristão, alicerces da ordem social (1963); Os documentos conciliares sobre a Sagrada Liturgia e instrumentos de comunicação social (1963); Instrução pastoral sobre a Igreja (1965); considerações a propósito da aplicação dos documentos promulgados pelo Concílio Vaticano II (1966); Por ocasião do 250º aniversário do encontro da milagrosa imagem de Nossa Senhora Aparecida e do 50º aniversário das aparições de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (1967); sobre a preservação da fé e dos bons costumes (1967); Sobre o santo sacrifício de missa (1969); *Aggiornamento e tradição* (1971); Sobre cursilhos de cristandade (1972); Pelo casamento indissolúvel (1975); Sobre a realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo (1976) e Sobre a mediação universal de Maria Santíssima (1978) (PADRES DE CAMPOS, 1988, p. 2).

<sup>13</sup> Conforme está escrito na sua apresentação no livro “Por um Cristianismo Autêntico”, de 1971.

o segundo bispo brasileiro que mais interveio durante as sessões conciliares, tendo feito 30 intervenções durante as 4 sessões no Vaticano II (BEOZZO, 2001, p. 203), num total de mais de 200 bispos.

Suas intervenções foram em favor da conservação do Latim na Liturgia, em defesa da estrutura monárquica da Igreja, pela manutenção dos privilégios do catolicismo, que na ordem social cristã devem distinguir o catolicismo romano e as demais religiões, e pela condenação explícita do Comunismo no esquema da Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo. Com Dom Marcel Lefebvre (1905-1991), ele integrou ativamente o “*Coetus Internationalis Patrum*<sup>14</sup>” (ROY-LYSENCOURT, 2015, p. 1062) e foi, juntamente com Dom Marcel, o único bispo diocesano no mundo a continuar, no período pós-conciliar, o combate público contra as reformas promovidas pelo Concílio Vaticano II (MÉRIDA, 2016).

Após as reformas propostas pelo concílio, Castro Mayer voltou a sua diocese onde deu a interpretação conservadora do “*aggiornamento*” proposto por João XXIII, o que na prática significou conservar o mesmo modelo de Igreja pré-Vaticano II, adotando apenas algumas reformas propostas pelo missal de 1962 (MÉRIDA, 2016). Assim, nos anos que seguiriam o término do concílio, Castro Mayer se afastou paulatinamente da CNBB, uma vez que ele e a maioria do episcopado brasileiro trilharam caminhos distintos a respeito da interpretação do Concílio, e por isso, o processo de recepção na diocese de Campos foi diferente das demais diocese do Brasil.

Em 1981, Castro Mayer, com 77 anos de idade, tornou-se bispo emérito de Campos dos Goytacazes, após trinta e três anos à frente da diocese. Ele foi substituído por Dom Carlos Alberto Etchandy Gimeno Navarro (1931-2003), que assumiu a diocese em 15 de novembro daquele ano.

<sup>14</sup> Grupo de estudo e trabalho que se formou nas sessões do Concílio Vaticano II, e atuou contra as influências progressistas manifestadas no Concílio.

Até aquele momento, a maioria absoluta do clero diocesano ainda celebrava o rito tridentino, a exemplo do bispo (emérito) de Campos. Nos anos seguintes, de forma aberta, Castro Mayer se aproximou de Dom Marcel Lefebvre na luta de resistência às reformas promovidas pelo Concílio Vaticano II.

A conservação do modelo de Igreja pré-conciliar está diretamente ligada às crenças e valores antimodernos de Castro Mayer. De acordo com a concepção do prelado brasileiro, o Concílio Vaticano II foi influenciado pelos teólogos modernistas, o que contrariou os ensinamentos deixados pelo Papa de Pio X. (MAYER, 1971, p. 23), por isso, ele se viu na obrigação de rechaçar essas reformas alegando questão de consciência.

Nesse contexto, ao longo dos anos de 1980, Castro Mayer foi se afastando cada vez mais da CNBB e da Santa Sé e, em nome de suas crenças, prestou assistência a vinte e cinco padres diocesanos que formaram a União Sacerdotal São João Maria Vianney.

Por terem a mesma interpretação a respeito das reformas implementadas pelo Concílio Vaticano II, Castro Mayer e Lefebvre romperam com a Santa Sé, sagraram 4 bispos sem mandato apostólico no vilarejo de Écône, na Suíça, em 30 de junho de 1988. Em virtude disso todos foram excomungados pelo Papa João Paulo II em 02 de julho do mesmo ano.

Em 18 de dezembro de 1988, Castro Mayer realizou a ordenação sacerdotal do diácono Manoel Macêdo de Farias na cidade de Varre-Sai, noroeste fluminense. Essa ordenação foi sua última participação em evento público, tendo em vista sua idade avançada e seu frágil estado de saúde. Em 25 de abril de 1991, Castro Mayer morre na cidade de Campos dos Goytacazes, na casa onde funcionou o seminário da União Sacerdotal São João Maria Vianney.

## ***A LIGAÇÃO ENTRE DOM ANTÔNIO DE CASTRO MAYER E PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA***

Dom Castro Mayer fez o seu curso de Teologia na Universidade Gregoriana de Roma, já descrita como antiliberal, antirrevolucionária e antimodernista (ROY-LYSENCOURT, 2011, p 154). A formação teológica que ele recebeu em Roma foi fundamental para formar sua visão de mundo. Entretanto, é necessário saber que não foram apenas os estudos em Roma que determinaram a visão de mundo de Castro Mayer. Outro importante elemento também constituiu sua militância dentro do catolicismo romano brasileiro: a relação com Plínio Correa de Oliveira.

A ligação entre Castro Mayer e Plínio Corrêa de Oliveira foi tão estreita, que no livro *“Minha Vida Pública: compilação de relatos autobiográficos de Plínio Correa de Oliveira”*, Castro Mayer é o nome mais citado por Plínio, tendo sido mencionado em quase 130 páginas de memórias do líder tefepista. Inegavelmente, se trata de uma relação estreita que durou décadas.

Plínio e Castro Mayer se conheceram em 1936, na Arquidiocese de São Paulo. Plínio escreveu um relatório sobre o Integralismo e procurou Dom José Gaspar para lhe entregar esse relatório. Nessa ocasião, Dom Gaspar era bispo auxiliar de São Paulo. Como ele não tinha tempo para ler o documento escrito por Plínio, Dom José Gaspar delegou a análise desse relatório aos cuidados do padre Castro Mayer. Segundo o bispo auxiliar de São Paulo, Castro Mayer era muito culto, inteligente, virtuoso, piedoso e extraordinário. O jovem padre da arquidiocese era simpático ao Integralismo, e duvidou do relatório escrito por Plínio. Então, ele pediu os livros de Plínio para se aprofundar no assunto do Integralismo. Após as leituras, Castro Mayer se disse desiludido com o Integralismo, e afirmou que Plínio tinha toda razão em suas críticas. Foi nesse momento que eles iniciaram a amizade que durou 5 décadas. (ARQVCM 08/08/1954).

O jovem padre Castro Mayer se tornou amigo e permaneceu sob a influência desse proeminente pensador católico. Em função da amizade e do trabalho que empreenderam juntos, Castro Mayer sofreu severas críticas de setores mais progressistas da Igreja no Brasil (WHITE, 1993, p. 39).

Plínio Corrêa de Oliveira nasceu em São Paulo em 13 de dezembro de 1908. Era filho do Dr. João Paulo Corrêa de Oliveira e de Dona Lucília Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira (1876-1968). Ele veio de duas famílias ricas que pertenciam à elite fundiária brasileira. Do lado paterno, os Corrêa de Oliveira, senhores de Engenho em Pernambuco, eram descendentes dos portugueses que expulsaram os holandeses de Pernambuco.<sup>15</sup> Entre seus parentes de proeminência social e política, está o Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira (1835-1919), Senador vitalício do Império e membro, também vitalício, do Conselho de Estado, que era seu tio-avô paterno. Enquanto Primeiro-Ministro, João Alfredo referendou a Lei de libertação dos escravos, cognominada “Lei Áurea”, em 13 de maio de 1888. João Alfredo era irmão do Senhor de Engenho de Uruaé, Leodegário Corrêa de Oliveira, avô de Plínio.

Do lado materno, era oriundo da elite paulistana, as chamadas famílias dos “quatrocentos anos”, isto é, provenientes dos fundadores ou primeiros moradores da cidade de São Paulo. Dentre os antepassados maternos de Plínio Corrêa de Oliveira destacou-se, durante o reinado do Imperador Dom Pedro II, o Professor Gabriel José Rodrigues dos Santos, catedrático da Faculdade de Direito de São Paulo, advogado, deputado provincial e mais tarde nacional. Conhecer um pouco da origem familiar, contribui para a compreensão de boa parte das posições de Plínio, principalmente as críticas ao socialismo e a defesa intransigente da propriedade privada e da monarquia.

<sup>15</sup> Biografia Plínio Correa de Oliveira. Disponível em <<https://www.pliniocorreadeoliveira.info/biografia.asp>>. Acesso em 24 de outubro de 2019.

Embora fosse de família aristocrática, Plínio rompeu com o seu meio social e direcionou sua vida para trabalhos ligados à Igreja. Assim, ele estabeleceu sua rede de sociabilidade, que era distinta da rede de sociabilidade da sua família. Segundo palavras do próprio Plínio, ele rompera com o meio social ao qual pertencia para se dedicar às causas nas quais acreditava em relação à Igreja:

Eu fiz mais ou menos como Cortéz quando queimou os navios para ele não poder voltar do México para Espanha. Eu queimei os navios. Quando eu rompi com o mundo, deixei de frequentar a sociedade e emergi no Movimento Católico, me chamou especialmente atenção o [seguinte trecho do] Salmo 101: Tornei-me semelhante ao pelicano no deserto; tornei-me como a coruja no seu albergue. Velei, e tornei-me como o pássaro solitário no telhado. Eu passava perto das casas da sociedade, passava perto do Clube Paulistano, que era o melhor clube de São Paulo naquele tempo e do qual eu fora sócio anos, onde eu mandei cortar meu nome para cortar qualquer ligação com aquele mundo, e passando diante daquilo que era o mundo que eu não frequentava mais, eu me sentia alheio àquilo, mas como o pássaro é alheio ao que se passa debaixo dele na casa de família, onde outrora ele poderia ter morado numa gaiola, ou num poleiro, ou numa coisa qualquer. Quer dizer, eu morei aqui, mas hoje vivo solitário no teto, rompi com isso. (ARQVCM 16/06/1992).

A postura de deixar os ambientes sociais não católicos é convergente com a prática do integrismo católico<sup>16</sup>, que é caracterizada como

<sup>16</sup> O Integrismo constitui uma mentalidade ou um modo de ver mais do que uma escola ou um sistema de Filosofia. Tem suas raízes nos fins do séc. XIX, quando o racionalismo se afirmou, proclamando o culto à Razão e à Ciência, em oposição à fé cristã; as novas ideias acompanhavam uma revolução social, definida pelo lema “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, em antagonismo à antiga estrutura da sociedade, muito marcada pela aristocracia, a monarquia e o

um movimento que surgiu no interior do catolicismo, e teve como função o reestabelecimento do Reinado de Cristo na sociedade contemporânea. Por isso, é possível compreender esta atuação para além das fronteiras do campo religioso-a partir do entendimento deste enquanto fluido, passível de configurações múltiplas e compostas com outros campos de pensamento (ZANOTTO, 2007, p. 9).

Em setembro de 1928, aos 19 anos, Plínio Corrêa de Oliveira, então jovem universitário, participou do Congresso da Mocidade Católica, onde estabeleceu o primeiro contato com as Congregações Marianas, nos primórdios da expansão das congregações no Brasil. Nesse movimento, Plínio se destacou como conferencista, orador e membro atuante. Em pouco tempo, ele se tornou uma das lideranças do Movimento Católico no Brasil com o apoio de Dom Duarte Leopoldo e Silva (1867-1938).

O contexto e a militância nos quais Plínio Correa de Oliveira esteve inserido, nos anos de 1920, são caracterizados por uma perspectiva elitista, e têm por finalidade a recatolização da sociedade. Essa tarefa deveria ser desempenhada por uma elite católica formada em escolas, congregações ou movimentos religiosos, que elaborou jornais, revistas, livros, campanhas públicas e associações para difundir a doutrina católica no intuito de formar os jovens que aderissem a esses

---

absolutismo dos soberanos. Diante dos novos feitos, surgiu, da parte católica, uma reação, que, consciente ou inconscientemente, começou a opor extremismo a extremismo; tais defensores do Catolicismo eram imbuídos de desconfiança para com as instituições, a ciência e a filosofia dos tempos modernos, tendendo a fechar-se nas categorias de pensamento e de estrutura social da Idade Média; esta era assim enaltecida, como se fora o período áureo de toda a história, período no qual o Cristianismo e a Cidade de Deus se afirmavam de maneira quase ideal; o que fosse posterior à Idade Média ou ao séc. XV provocaria, antes, aversão da parte do cristão. No decorrer do séc. XIX, ela foi sendo transmitida de geração a geração; concorriam para aguçá-la os novos ímpetus do racionalismo e da impiedade, que se serviam das ciências, da filosofia, da sociologia e da política para se burlar de Deus e do Cristianismo. (PERGUNTE e RESPONDEREMOS Nº 58, outubro de 1962).

movimentos formadores. Portanto, a década de 1920, em especial, foi marcada pela criação e estímulo a movimentos eclesiais de reação ao Positivismo, Liberalismo, Comunismo, Materialismo e Ateísmo. Essas correntes filosóficas eram vistas como anticristãs e contrárias à doutrina católica e, por isso, houve militância de grupos católicos contra essas ideias (ZANOTTO, 2007, p. 21).

Entre os anos de 1928 a 1937, quando Plínio Corrêa de Oliveira conseguiu relevante proeminência como líder católico, um intenso movimento se disseminou entre os jovens brasileiros, de forma particular entre aqueles da baixa e média burguesia. O Congresso da Juventude Católica, do qual Plínio participou em setembro de 1928, foi um marco nesse movimento nascido das Congregações Marianas de jovens em São Paulo e que se espalhou pelo Brasil (TFP, 1980, p. 412).

Plínio Correa de Oliveira ganhou destaque social, religioso e político para além das fronteiras da Arquidiocese de São Paulo. Entre 1928 e 1932, ele se tornou líder Congregado Mariano e, em 1929, fundou a Ação Universitária Católica (AUC) na Faculdade de Direito de São Paulo pouco antes de concluir a sua graduação em Ciências Jurídicas e Sociais. Sobre a fundação e a atuação da AUC, Plínio disse:

Depois de formarmos um pequeno grupo de amigos, eu propus a [esses congregados marianos] fundarmos um movimento católico, de luta a favor da Religião Católica, na Faculdade. Eles ficaram logo muito entusiasmados com a ideia e eu tive uma alegria, uma satisfação enorme com isso. E com a aprovação do diretor da minha congregação mariana, que era o Monsenhor Pedrosa, formamos uma organização só desses cinco, chamada “Ação Universitária Católica”. Logo [que foi fundada], a “Ação Universitária Católica” tomou o mesmo colorido intransigente [das Congregações Marianas]. Os meus colegas eram bobinhos; acho que nem tinham ideia do que aconteceria com eles se o assunto da castidade fosse levantado lá. Mas eu falei, expliquei,

enfim, a coisa ficou bem combinada e nós resolvemos então, lançar um jornal católico chamado “AUC” e distribuir o jornal na Faculdade. Era um jornalzinho de estudante, mas sustentando ideias católicas desde a primeira letra até a última. Eu via chegando aqueles automóveis trazendo alunos, a maior parte automóveis ricos, e quando o colega descia do automóvel, eu me apresentava a ele e dizia: *“Olha aqui, um número da organização dos jovens católicos da Faculdade (ARQVCM 13/08/1988)”*.

A forma como Plínio descreveu a sua atuação junto à AUC evidencia um jovem atuante, que buscou disseminar as ideias católicas entre os universitários, no intuito de angariar membros e simpatizantes e difundir a doutrina religiosa no ambiente universitário. E dessa forma, Plínio atuou em sua vida, nos distintos lugares que frequentou, a exemplo do que fez quando era estudante universitário.

Entre 1933 e 1936, Plínio exerceu seu mandato de deputado federal pelo estado de São Paulo, tendo sido o candidato mais votado nas eleições de 1932 entre os que participaram da constituinte de 1934: 24017 votos. Essa votação expressiva se deve à ajuda da Liga Eleitoral Católica (LEC). À época de sua eleição, Plínio estava com apenas vinte e quatro anos de idade (ARQVCM 14/09/1991).

Enquanto deputado federal, Plínio atuou na Constituinte como voz ativa entre o grupo de parlamentares católicos. Ele pretendia que a LEC se tornasse o maior partido político do Brasil com o apoio dos congregados marianos espalhados por todo o país. Assim, após esse passo, Plínio tinha um segundo plano: criar nos congregados marianos, e posteriormente na LEC, a concepção monarquista. Afinal, de acordo com sua concepção de mundo, enquanto jovem, “ser católico era necessariamente ser monarquista” (ARQVCM 29/04/1992).

Em agosto de 1933, Plínio se tornou diretor do jornal *“Legionário”*, no qual disseminou muito do seu pensamento. Esse jornal, até

então, tinha pouca expressividade, porém, logo se tornou o veículo oficioso de comunicação da Arquidiocese de São Paulo:

Em pouco tempo o “*Legionário*” cresceu e ampliou seu campo de influência e de ação. De quinzenário de duas folhas passou a semanário de oito páginas; de folha paroquial, a órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo. Além de outros colaboradores, dois jovens professores de seminário atuavam também no “*Legionário*”: Mons. Antônio de Castro Mayer – Assistente Eclesiástico do jornal – e o Pe. Geraldo de Proença Sigaud, S.V.D. Ambos, Mons. Mayer e o Pe. Sigaud, eram apontados como figuras proeminentes do jovem Clero brasileiro (SILVA, 2009, p. 57)

Portanto, a atuação conjunta entre Plínio e Castro Mayer começou no *Legionário*, e essa aproximação se intensificou pouco antes de Dom José Gaspar se tornar Arcebispo de São Paulo.

Plínio queria ser presidente da Ação Católica de São Paulo para fazer oposição a Tristão de Athayde (1893-1983), que mudou de pensamento e se tornou mais progressista. E para isso tomou duas medidas: reclamou com o padre Paulo Rolim Loureiro (1908-1975), secretário do Arcebispo, dizendo que se sentia preterido por ele na expectativa de que Dom José Gaspar o compensasse pela falta de reconhecimento que sentia, e se aproximou do padre Castro Mayer, para que este influenciasse Dom José Gaspar a escolhê-lo como presidente da Ação Católica de São Paulo (ARQVCM 16/06/1973).

Por outro lado, Castro Mayer se identificou com Plínio em função das ideias que ele tinha para a Ação Católica, e Plínio, sabendo que Dom José Gaspar não o escolheria para a função de presidente da Ação Católica conseguiu que Castro Mayer o influenciasse a seu favor (ARQVCM 16/06/1973). Assim, ele se tornou presidente da Ação Católica de São Paulo em 11 de março de 1940.

No mesmo período, o padre Antônio de Castro Mayer foi nomeado Assistente Geral da Ação Católica de São Paulo, enquanto o padre Geraldo de Proença Sigaud foi designado assistente arqui-diocesano da Juventude Estudantil Católica, JEC, masculina e feminina. Plínio, o então padre Castro Mayer e o padre Proença Sigaud trabalharam juntos na arquidiocese de São Paulo em prol da Ação Católica (SILVA, 2010) e não por coincidência ganharam projeção na arquidiocese, simultaneamente, sob as bênçãos de Dom José Gaspar.

Quando concluiu o seu mandato de deputado, Plínio se dedicou ao magistério universitário assumindo a cátedra de História da Civilização no Colégio Universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e, posteriormente, tornando-se professor catedrático de História Moderna e Contemporânea nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras São Bento e *Sedes Sapientiae*, ao mesmo tempo em que se empenhava na análise filosófica e religiosa do que chamou de “crise contemporânea”, em função dos tempos revolucionários.

Como Presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica de São Paulo, escreveu, em 1943, seu primeiro livro, *Em defesa da Ação Católica*, que contou com a revisão do padre Geraldo Sigaud e do padre Castro Mayer, teve o *Imprimatur* de José Gaspar e foi prefaciado pelo então Núncio Apostólico no Brasil, Dom Benedetto Aloisi Masella (1879-1970) (CALDEIRA, 2005, p. 81). Esse livro contou com a oposição ferrenha de alguns bispos, destacando-se o Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral (1884-1967) (IPCO, 2015, p. 276)

Com a morte de Dom José Gaspar, em função de um acidente de avião no Rio de Janeiro em 1943, foi nomeado Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta para assumir a Arquidiocese, e com essa nova nomeação a ascensão de Plínio, Castro Mayer e padre Geraldo Sigaud encontra um limite: antes mesmo do novo arcebispo chegar em

São Paulo, ele já tinha planejado enfraquecer o grupo ligado a Plínio (ARQVCM O Cardeal Motta, novo Arcebispo de São Paulo). Castro Mayer e o padre Geraldo Sigaud sofreram consequências diretas, por estarem ligados a ele e comungarem das suas ideias.

Dom José Gaspar já tinha preocupação com o grupo do *Legionário*, mas faleceu sem tomar qualquer atitude contrária ao mesmo, o que não aconteceu com Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta. O novo arcebispo, cuja visão era contrária à defendida pelo *Legionário*, propôs um armistício à situação de conflito gerada nos meios católicos pela publicação de “*Em defesa da Ação Católica*” (CALDEIRA, 2005, p. 76). Mas, o tempo do armistício proposto pelo Arcebispo de São Paulo não representou tempos de paz para *O Legionário*. Na prática, serviu para o grupo de Plínio sofrer em silêncio críticas de pessoas que combatiam publicamente suas ideias enquanto nada podia fazer (IPCO, 2015, p. 307).

A primeira memória de Plínio sobre o novo Arcebispo de São Paulo traz uma informação ruim para ele e seu grupo:

Eu atravessava o Largo de São Francisco, preocupado como vocês podem imaginar, e encontro o Paulo Monteiro, Ministro na Ordem Terceira de São Francisco –o que equivale ao Prior na Ordem do Carmo–, chefe leigo, mulato esperto, vivo, muito informado, simpático a nós em algumas coisas, que me chamou e disse o seguinte: “*Dr. Plínio, informações absolutamente seguras me dizem que Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, Arcebispo de Maranhão, vai ser nomeado Arcebispo de São Paulo. Amigo íntimo de Dom Cabral, ele vem executar em São Paulo a política de Dom Cabral, e já está decidido que o primeiro golpe dele será contra os senhores*”. Eu disse a ele: “*Seu Monteiro, nós estamos nas mãos de Nossa Senhora. Nossa Senhora fará ou permitirá o que entender. Nós vamos continuando a viver*”. (ARQVCM O Cardeal Motta, novo Arcebispo de São Paulo).

De acordo com suas memórias, o Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral, era um bispo progressista, afeito às reformas na Igreja, adepto do liturgicismo<sup>17</sup> e inimigo do *Legionário*. A aversão do Arcebispo a Plínio era tão grande e suas críticas ao livro *Em defesa da Ação Católica* tão severas que ele mandou queimar um exemplar do livro em uma das reuniões da Ação Católica (IPCO, 2015, p. 162). Sendo Dom Carlos Carmelo adepto da política de Dom Cabral, compreende-se melhor a razão de ter havido cerceamento do grupo do *Legionário*. Ele tinha discordâncias políticas com Plínio, que se identificava como anticomunista de Direita. Por isso, quando a PUC foi fundada em São Paulo, Plínio não era mais professor dos cursos em que ministrava aulas para evitar problemas com o Dom Carlos Carmelo (IPCO, 2015, p. 144).

Por ocasião da nomeação de Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, o núncio apostólico Bento Aloisi Masella, de maneira apreensiva, disse ao padre Dainesse Dias: “o Arcebispo que vem para São Paulo é inimigo pessoal de Dr. Plínio; vem com intenção de demolir o Dr. Plínio e o seu Grupo. É uma tristeza, mas não tem remédio. Coitado do Dr. Plínio, coitado do Dr. Plínio!” (ARQVCM 16/07/1988). O padre Dainesse reportou o alerta a Plínio.

Segundo palavras de Plínio, ele e o seu grupo sofreram com a chegada do novo arcebispo de São Paulo: “Dom Carmelo nos pôs na posição mais humilhante que uma pessoa possa ficar: réus que daqui a dois anos vão ser julgados.” (ARQVCM 31/12/1993):

<sup>17</sup> O que Plínio Corrêa de Oliveira chamava de liturgicismo é a adesão ao Movimento Litúrgico, que se caracterizou por renovar e flexibilizar a liturgia católica elaborada pelo Concílio de Trento. Na prática, o Movimento Litúrgico pretendeu vivência e participação subjetiva pessoal e comunitária, compreensão e acessibilidade do significado dos ritos, simplificação dos ritos e superação do rubricismo, variedade e pluralidade da liturgia da palavra e orações eucarísticas, profundidade de penetração do mistério celebrado, dimensão pascal e salvífica da liturgia, nova concepção do Mistério, aténs como sedução do que limite da inteligência (LIBANIO, 2005, p. 28)

As coisas estavam nesse pé, quando, depois dum retiro do Clero, o Cardeal chamou Dom Mayer, no seminário arquidiocesano, e passou em Dom Mayer a repreensão mais violenta, mais apaixonada e mais injusta que um homem possa passar no outro. Disse que estava muito desgostoso com a Ação Católica; que ele absolutamente não queria saber que a Ação Católica continuasse em mãos de Dom Mayer; que ele destituía Dom Mayer do cargo de pró-Vigário Geral; que ele cassava todos os poderes de Dom Mayer, mandava Dom Mayer como simples vigário; e que, de mais a mais, ele tinha a dizer a Dom Mayer que se ele estivesse aqui no momento em que Dom Mayer declarou que um Bispo podia errar, que ele teria suspenso Dom Mayer de ordens. Coisa muito bem feita da parte do Cardeal, porque se Dom Mayer entabulasse uma discussão com ele, ele diria: “Está vendo? Revoltoso, orgulhosos, herege etc., etc.” Como Dom Mayer ficou quieto, observou o silêncio mais modelar, ele disse a Dom Mayer: “Bem, e outra coisa: eu ouvi dizer que esse Imprimatur que figura no livro do Dr. Plínio foi dado sem autorização de Dom José Gaspar, e eu portanto quero provas de que esse Imprimatur foi dado com autorização de Dom José Gaspar” (ARQVCM Conferência para Yves de Pontfarcy - VIII).

Diante dos fatos narrados e da hostilidade com a qual foi tratado pelo Arcebispo, em 1945, Castro Mayer foi demitido do cargo de vigário geral da Arquidiocese e enviado a uma paróquia de São José, no bairro do Belenzinho, na periferia de São Paulo. O padre Geraldo Sigaud foi enviado para ser professor no seminário do Verbo Divino, na cidade de Estella, província espanhola de Navarra, onde permaneceu de 1945 a 1947, quando foi nomeado bispo de Jacarezinho. Segundo Mattei (1997):

D. Carlos Carmelo, cuja visão era oposta à do Legiãoário, tinha, por outro lado, um temperamento muito

diverso do seu predecessor: não era homem de meios termos e encarou a situação de frente. Impôs à equipe do Legionário um “armistício” como desaprovação para os seus dirigentes. Plínio Corrêa de Oliveira perdeu o seu cargo de presidente da Ação Católica; o Padre Antônio de Castro Mayer, vigário-geral da Arquidiocese, foi removido para o bairro de São José do Belém, como simples vigário ecônomo; o P. Geraldo de Proença Sigaud foi enviado para a Espanha. Seguiu-se uma tempestuosa campanha de difamação, da qual o Prof. Plínio e os seus amigos não puderam defender-se publicamente, por causa do “armistício” imposto pelo Arcebispo. Por fim, em dezembro de 1947, Plínio Corrêa de Oliveira foi afastado da direção do Legionário. No número de 29 de fevereiro de 1948, apareceu um editorial com o título “Legionário em terceira fase”, em que se anunciava o início de uma “nova fase” na existência do semanário, resumida no mote final do artigo, não assinado: “Incipit vita nova”. Nem uma palavra sobre Plínio Corrêa de Oliveira, que havia dedicado ao Legionário, com imensa generosidade, quinze anos da sua vida. No mesmo ano, D. Hélder Câmara assumiu o cargo de assistente eclesiástico da Ação Católica Brasileira. A atmosfera tinha mudado profundamente.

Dom Hélder Câmara (1909-1999), conhecido por ser um clérigo progressista, em 1946, assumiu a liderança da Ação Católica Brasileira (ARAÚJO, 2012, p. 64). Essa substituição é muito emblemática, pois evidencia a profunda transformação nos rumos da Ação Católica Brasileira, que tomou um caminho distinto do caminho almejado por Plínio enquanto líder do movimento na arquidiocese de São Paulo.

Diante da exoneração de Castro Mayer do cargo de vigário geral e remoção para a paróquia de São José do Belenzinho, da transferência do padre Geraldo Sigaud para a Espanha, da destituição de Plínio da presidência da Ação Católica da Arquidiocese e do retorno à direção da Ação Católica de padres e leigos que Plínio tinha destituído, este

sentiu que o esmagamento inglório seria o fim único de tudo quanto tinham feito até aquele momento: “Debaixo do peso dessa coisa, empurrados nós violentamente para fora da Ação Católica e, portanto, no cúmulo do desprestígio, a maior parte das pessoas que nós tínhamos expulso da Ação Católica voltou para os cargos” (ARQVCM Imprensa de que Deus abandonou nosso apostolado).

Segundo Pierucci (1984), os anos compreendidos entre 1945 e a década de 1970 foram anos de grande tensão dentro do catolicismo romano no Brasil. O crescente apelo pela atuação social da Igreja inverte as prioridades da hierarquia católica, o que causa uma cisão no episcopado brasileiro, em função das dicotomias “espirituais” e da “responsabilidade social” da Igreja. Portanto, esses anos serão um período de instabilidade dentro do catolicismo romano, pois houve grupos cujas ideologias eram diametralmente opostas, dentro do contexto histórico no qual o país esteve inserido. Assim sendo, deflagra-se nesse momento uma intensa participação da Igreja Católica em relação a temas sociais, econômicos e políticos relevantes para a sociedade brasileira.

Em 1946, um fato ajuda a entender o contexto histórico do catolicismo brasileiro. Na Constituinte de 1946, a Liga Eleitoral Católica apoiou os candidatos que defendiam o “Direito Natural”, dessa forma, a Igreja apoiaria quem fossem contra o divórcio, condenasse o aborto e garantisse o ensino religioso nas escolas públicas, assegurasse o acesso dos religiosos às forças armadas, prisões e hospitais e garantisse também o direito da propriedade privada (PIERUCCI, 1984, p. 350).

Ainda no mesmo ano, foi publicado o “manifesto do episcopado brasileiro sobre a ação social”. Nessa obra, a Igreja evidencia suas preocupações sociais em relação ao sistema capitalista, criticando as mazelas sociais e o anarquismo individualista promovidos pelo capitalismo. Entretanto, o manifesto não representa uma simpatia ao socialismo: o episcopado rechaça o ideal de luta de classes, que só acirraria as desi-

gualdades sociais e propõe a fraterna colaboração entre as classes, no intuito de transformação social (PIERUCCI, 1984, p. 347).

O contexto do pós-guerra no Brasil, o fim do governo Vargas e o início de um novo ciclo político trouxeram mudanças substanciais para o país e, naturalmente, para a Igreja. A mudança na visão de mundo é significativa, e foi justamente nesse momento da história que o grupo de Plínio foi surpreendido: contra todos os prognósticos, o padre Geraldo Sigaud foi nomeado bispo de Jacarezinho em 29 de outubro de 1946 (ARQVCM Autobiografia Sigaud). A respeito disso Plínio relatou:

Uma noite, no ano de 1947, chegando na nossa Sede da Rua Martim Francisco, eu encontro o nosso pessoalzinho, uns 5 ou 6, 7 ou 8, que me esperava. Por uma coincidência qualquer, eu cheguei um pouco mais tarde do que de costume. Eles num alvoroço, numa alegria enorme. Eu disse: O que é que houve? *O padre Sigaud foi nomeado Bispo*. Como assim? Ele foi expulso aqui de São Paulo pelo Cardeal, foi mandado pelos superiores para Estela, um lugar na Navarra que eu nem sabia que existisse. Está lá exilado, como nós estamos aqui, e agora é Bispo? Em geral, a nomeação de um Bispo era publicada pelos jornais. Essa não tinha sido publicada por nenhum jornal brasileiro, [mas] pela rádio. Ficamos desconfiados que houvesse alguma jogada. E para tirar bem a limpo, telefonamos para Estela, na Navarra. Naquele tempo, para se obter uma ligação para a Europa era difícilimo, e sobretudo muito caro. Nosso dinheiro para lá de escasso. Dom Sigaud veio ao telefone. Mas não sabia quem estava falando. A telefonista não dizia. Soube somente que do Brasil o estavam chamando. E do outro lado do fio do telefone eu dizia: Padre Sigaud! padre Sigaud! Eu ouvi de longe: *O que é? É Plínio quem fala! Ah, Plínio! Como vai você?* E eu apressando-me, com medo que a ligação caísse de um momento para outro, perguntei-lhe: *Queria saber se é*

*verdade que o senhor foi nomeado Bispo de Jacarezinho? Quêeeeeee? O senhor foi nomeado Bispo de Jacarezinho ou não foi? Fui, sim. Estou preparando minha volta para o Brasil. Grande alegria, porque era a vitória, uma confirmação da Santa Sé pela boa orientação de nosso livro (ARQVCM 17/06/1989).*

Apesar do ostracismo a que foram submetidos em função da ligação com Plínio Corrêa de Oliveira, Proença Sigaud e Castro Mayer voltariam a ter destaque no âmbito do catolicismo brasileiro. Em 6 de março de 1948, Castro Mayer foi nomeado Bispo coadjutor de Campos dos Goytacazes. Diferentemente do que acontecera com Dom Sigaud, dessa vez Plínio estava próximo ao Bispo nomeado e soube rapidamente:

Dom Mayer foi uma tarde ao meu escritório e começou a conversar e disse: “Se eu fosse convidado para Bispo, você acha que eu deveria aceitar qualquer diocese do Brasil?” Fiquei com muita pena de Dom Mayer, pensando nesses assuntos naquela situação miserável em que nos encontrávamos. Em todo o caso, providencialmente, eu disse: “Marque uma periferia que para o norte não passe de Campos, mais distante do que Campos não convém”. Ele conversou mais um pouco e despediu-se. Eu disse comigo mesmo: “Que crosta dura de quebrar!” A seguir, comecei a trabalhar e o assunto passou. Um dia, quando eu chegava à Martim, encontrei o Pacheco elétrico dizendo: “*Episcopus habemus*”, numa tal vibração que eu pensei que tivesse sido nomeado algum padre péssimo. Ele me disse: “Dom Mayer foi eleito Bispo Auxiliar de Campos!” A seguir, chegaram os outros rapazes, e nós não conseguimos sentar. Esperamos por todos e fomos ao Belenzinho em 3 táxis. Lá havia chegado o padre Arnaldo com duas garrafas de vinho no bolso. Lá o José Fernando telefonou a “O Estado de São Paulo”, pedindo a publicação para o dia seguinte. A notícia saiu na seção religiosa.

E nós antegozamos o efeito da bomba no Palácio Pio XII. (ARQVCM 17/06/1989).

Segundo narrativas do próprio Plínio, houve grande alegria, em função da nomeação episcopal de dois padres que pertenceram ao grupo do Legionário. Em maio de 1948, Castro Mayer foi sagrado bispo e se tornou coadjutor de Dom Otaviano Pereira de Albuquerque, com direito à sucessão. E em janeiro de 1949, ele se tornou bispo diocesano de Campos, após o falecimento do arcebispo-bispo de Campos. Em 1951, Castro Mayer, com a participação de Plínio, funda o jornal “Catolicismo”, cuja finalidade era a difusão da militância católica integrista em âmbito nacional, conforme o próprio jornal publicou na sua edição número 100, de abril de 1959:

Catolicismo dá a lume, hoje, seu centésimo número, e quer assinalar o fato marcando a presente edição com uma nota especial, que propicie um aprofundamento da comunicação de alma, já tão grande, que tem com seus leitores. Para isto, nada lhe pareceu mais oportuno do que a publicação de um artigo sobre o tema Revolução e Contrarrevolução. É fácil explicar a escolha do assunto. Catolicismo é um jornal combativo. Como tal, deve ser julgado principalmente em função do fim que seu combate tem em vista. Ora, a quem, precisamente, quer ele combater? A leitura de suas páginas produz a este respeito uma impressão talvez pouco definida. É frequente encontrar, nelas, refutações do comunismo, do socialismo, do totalitarismo, do liberalismo, do liturgicismo, do maritainismo, e de outros tantos “ismos”. Contudo, não se diria que temos tão mais em vista um deles, que por aí nos pudéssemos definir. Por exemplo, haveria exagero em afirmar que Catolicismo é uma folha especificamente antiprotestante ou antissocialista. Dir-se-ia, então, que o jornal tem uma pluralidade de fins. Entretanto, percebe-se que, na perspectiva em que ele se coloca, todos estes pontos de mira têm como que

um denominador comum, e que é este o objetivo sempre visado por nossa folha. O que é esse denominador comum? Uma doutrina? Uma força? Uma corrente de opinião? Bem se vê que uma elucidação a respeito ajuda a compreender até suas profundezas toda a obra de formação doutrinária que Catolicismo veio realizando ao longo destes cem meses (CATOLICISMO, n. 100, abr. 1959, p. 3).

Nota-se que o jornal fundado por Castro Mayer é antimoderno, embora não se intitule como tal. Ele assume a postura combativa contra as correntes políticas socialistas, comunistas e liberais e as correntes mais progressistas que estão dentro da Igreja, como fora dito “maritainismo”, referindo-se a Jacques Maritain (1882-1973). Esse fato revela que havia tensões entre diferentes correntes dentro do catolicismo romano, e essas tensões também se estenderam às sessões conciliares do Vaticano II.

Um amontoado de novas ideias, advindas do liberalismo, desfilava sem cessar frente a muitos olhares católicos assustados e perplexos, os quais procuravam um porto seguro em que pudessem ancorar-se; perguntavam-se como deveriam agir frente aos novos tempos. Os católicos foram, então, dividindo-se e polarizando suas ideias: uns defendendo a ideia de que a Igreja deveria entrar em diálogo e se adaptar ao mundo moderno e outros se posicionando rigidamente contra os princípios daquele mundo, exigindo da Igreja, por outro lado, condenação e afastamento (MARTINA, 1996). Os primeiros ficaram conhecidos como católicos liberais ou progressistas e os segundos como representantes do catolicismo ultramontano e antimoderno. O choque entre essas duas tendências marcou todo o século XIX, tendo sua exacerbação durante o pontificado de Gregório XVI (1831-1846) e chegando ao paroxismo no de Pio IX (1846-1878) (MARTINA,

1996). Essa polarização assinalaria de forma particular a história da Igreja e marcaria toda a sua trajetória no século vindouro (CALDEIRA, 2009, p. 45)

Portanto, havia dentro da Igreja correntes que se digladiavam, e nessa luta, Castro Mayer e Plínio seguiram a corrente antimoderna. E, as páginas do Catolicismo deixaram muito claras as preferências do Bispo de Campos e de seu leal parceiro de combate. A militância nesse jornal foi mais um capítulo da ligação entre ambos.

Em 1959, Plínio Correa de Oliveira, com a aprovação e participação de Castro Mayer, escreveu sua obra de maior relevância; dentro da perspectiva antimoderna: “Revolução e Contrarrevolução”. O livro é um estudo histórico das principais revoluções, inimigas do catolicismo, ocorridas nos últimos séculos e que tiveram impacto na Igreja: a Reforma Protestante (1517), a Revolução Francesa (1789) e a Revolução Russa (1917):

Este inimigo terrível tem um nome: ele se chama Revolução. Sua causa profunda é uma explosão de orgulho e sensualidade que inspirou, não diríamos um sistema, mas toda uma cadeia de sistemas ideológicos. Da larga aceitação dada a estes no mundo inteiro, decorreram as três grandes revoluções da História do Ocidente: a Pseudorreforma, a Revolução Francesa e o comunismo (OLIVEIRA, 2009, p. 24).

De acordo com as ideias de Plínio, o protestantismo seria fruto da Renascença e a primeira etapa de ataques ao catolicismo. Por sua vez, a Revolução Francesa, no século XVIII, seria a segunda etapa, e por fim, as revoluções comunistas do século XX, a terceira. Como remédio para esses males, a única salvação para o mundo seria a restauração da cristandade nos moldes medievais. Essas ideias apresentadas por Plínio estão contidas na carta pastoral “Sobre os Problemas

do Apostolado Moderno” publicada por Castro Mayer em 1953. Mais um fato que evidencia a familiaridade de ideias entre ambos.

Plínio tinha por finalidade a atuação na contrarrevolução. Por esse ideal, os membros da Sociedade Brasileira em Defesa da Tradição, Família e Propriedade (doravante TFP), fundada em 26 de julho de 1960, saíram às ruas dos centros urbanos com bandeiras e faixas promovendo campanhas pela difusão do catolicismo contrarrevolucionário.

De acordo com Plínio, a serpente narrada no livro do Gênesis seria a primeira revolucionária, e que a devoção mariana seria a proteção daqueles que lutam contra a revolução (AZZI, 2008, p. 205). A devoção mariana também foi outro elemento que os uniu, e foi uma das razões para que Plínio atuasse no Concílio como perito de Castro Mayer e Sigaud (ARQVCM 05/11/1999, p. 23).

A ligação entre Plínio, Castro Mayer e Proença Sigaud era tão próxima que a TFP organizou um grupo que prestou assistência a ambos os bispos durante a primeira sessão do Concílio Vaticano II (ARQVCM 05/11/1999) e, posteriormente, ao Coetus Internationalis Patrum, a partir da segunda sessão, em 1963 (BEOZZO, 2001, p. 156).

Sobre as afinidades pessoais que havia entre Plínio, Castro Mayer e Dom Sigaud. Plínio narrou em suas memórias:

Eu me lembro que quando Dom Mayer ou Dom Sigaud apareciam em casa para me visitar, para falar comigo, Dona Lucília aparecia sempre para cumprimentá-los, e frequentemente os convidávamos para jantar. Ela sempre, sempre, sempre osculava o anel, depois pedia licença para oscular a Santa Cruz. E eles naturalmente concordavam, tiravam a cruz, para ficar mais cômodo para ela, e ela osculava ali a Santa Cruz, depois punha no lugar. (ARQVCM 26/2/95).

Ainda no ano de 1960, Plínio Corrêa de Oliveira publica o livro *“Reforma Agrária, Questão de Consciência”*. A primeira parte da obra é atribuída ao próprio Plínio, que submeteu o texto à apreciação de Castro Mayer e Proença Sigaud a fim de que o avaliassem sob o ponto de vista teológico e o assinassem juntamente com ele. Já, a segunda parte foi escrita pelo economista Luiz Mendonça de Freitas, tendo em vista sua formação acadêmica, atendo-se ao viés econômico da análise. *“Reforma Agrária, Questão de Consciência”* teve quatro edições no Brasil. Foi publicado também na Argentina (1963), Espanha (1969) e Colômbia (1971), totalizando dez edições. Vendeu em torno de quarenta mil exemplares (MATTEI, 1997).

Nesse momento histórico, o Brasil vivia um contexto de impulso à legislação agrorreformista por parte do governo de João Goulart. Por isso, os tefepistas fizeram uso de uma pedagogia do medo contra as propostas de reforma agrária, imediatamente identificadas com o Socialismo/Comunismo, consideradas então como roubo, como um pecado que os cristãos não deveriam tolerar (ZANOTTO, 2007, p. 126).

Ainda dentro das campanhas contra o pensamento de esquerda no Brasil e dentro do catolicismo, entre 1966 e 1968, Plínio de Oliveira fez campanhas contra o Divórcio e a infiltração de clérigos influenciados pelo Comunismo dentro da Igreja, ligados à esquerda católica e à Teologia da Libertação, sempre em consonância com Castro Mayer.

Em 1973, por ocasião do 25º aniversário de sagração episcopal do bispo de Campos, Plínio Corrêa de Oliveira profere um discurso público que evidencia os estreitos laços de amizade que havia entre os dois. Ao expressar sua admiração por Castro Mayer, ele o compara a Santo Agostinho (354-430), devido à sua personalidade que ganhou destaque fora das fronteiras da diocese de Campos, percorrendo toda a cristandade (OLIVEIRA, 1973). Ao descrever Castro Mayer quando ainda padre na arquidiocese de São Paulo e professor no seminário do Ipiranga, Plínio atribui ao bispo de Campos:

Inteligência penetrante, lúcida, com uma capacidade de compreensão extraordinária, mas, ao mesmo tempo, uma inteligência investigadora e indagatória. Uma inteligência que no mais alto e belo sentido – e eu reconheço a essa palavra, que entre nós repercute como uma palavra de elogio extraordinário – nós podemos dizer que era uma inteligência inquisitorial, à maneira da inteligência de São Pio V, o grande inquisidor da Itália. Inteligência que fez, com o que eu ouvisse, a respeito de Dom Antônio de Castro Mayer, dos lábios do sucessor de Dom Duarte Leopoldo e Silva, Dom José Gaspar de Affonseca e Silva, essa referência a Dom Mayer muito de perto. Levei a Dom José Gaspar um documento qualquer, mostrando-lhe que tinha um erro qualquer de doutrina. Ele leu um pouco e disse: olha – ambos eram colegas e muito amigos, daí a linguagem livre – procure o Mayer e mostre ao Mayer, porque o Mayer tem uma inteligência tal – e aí os senhores veem definido o sentido de sua inteligência – o Mayer tem (Dom Mayer, faz de conta que sua excia. não está presente nesta descrição), o Mayer tem uma inteligência tal, que se der para ele um material qualquer, ele descobre o erro sem microscópio. Se for preciso microscópio, ele usará e descobrirá. Se não houver microscópio e ele não enxergar, ele queima, reduz a cinza. Se houver erro, ele descobre”. Decidido trabalhador. Mas o gênero de trabalho e o gênero de decisão tinham qualquer coisa de aquilino. Assim como, por exemplo, a águia sobe e cai sobre a presa, assim também a atividade de Dom Mayer era uma atividade em linha reta. Consistia em subir muito acima do horizonte e, do alto do horizonte, praticar um voo em linha reta em cima do problema. Pegá-lo, agarrá-lo e resolvê-lo. Dom Mayer era certamente um homem de propulsão. Ele era e é, certamente, um homem de dinamismo. Dom Mayer levantava voo e baixava de novo, tomava o problema e era para resolvê-lo num golpe, numa medida seca e que resolvia de uma vez só. Homem certamente não só de luta, não só de estudo, não só de trabalho,

mas homem também muito atento e observador. Muito atento aos matizes das coisas, muito atento às “nuances” (matizes), apaixonado por observar as psicologias e as mentalidades. Mas, ao mesmo tempo, propenso a estudar as grandes correntes do pensamento moderno (OLIVEIRA, 1973).

Essas palavras evidenciam a admiração e a identificação de ideias que havia entre Castro Mayer e Plínio. Os elogios ditos publicamente retratam que o bispo de Campos representava o modelo ideal de pastor a ser seguido pelos demais sacerdotes católicos. Assim, a TFP contou com o patrocínio de Castro Mayer na diocese de Campos, levando alguns padres e leigos a aderirem ao movimento.

Quando Castro Mayer deixou a diocese de Campos, em novembro de 1981, o bispo substituto teve problemas com membros da TFP e congregados marianos. Esses fiéis se manifestaram em frente à catedral diocesana, com faixas e megafones, por causa de mulheres que usavam calça comprida e maquiagem nas missas e recomendavam que os padres usassem batina (MÉRIDA, 2016, p. 78).

### ***RUPTURA DE CASTRO MAYER COM PLÍNIO***

Após décadas de militância conjunta e manifestações públicas de cumplicidade, em 1982, Castro Mayer rompeu relações com Plínio Corrêa de Oliveira. De acordo com Gama (2020), as razões que levaram ao rompimento foram: o culto exagerado em torno do líder tefepista, que era visto como profeta, e também à sua mãe, dona Lucília (1876-1968), que substituíra, na visão de Castro Mayer, Maria, mãe de Jesus; a existência de um grupo secreto que se consagrou como escravo de Plínio; e o anticlericalismo existente na TFP.

A respeito do anticlericalismo tefepista, Castro Mayer fez o seguinte pronunciamento:

Existe um visceral anticlericalismo na TFP: tudo que vem do clero é preconceituosamente recebido. Basicamente, mantém-se que todos os padres são ignorantes, poucos zelosos ou interessados e tais outras qualidades. Bem, então, tendo em mente a constituição divina da Igreja que foi instituída por Jesus Cristo, o anticlericalismo habitual da TFP, latente, faz dela uma seita herética, e, portanto, como disse, animada por um princípio contrário ao dogma estabelecido por Jesus Cristo na constituição de Sua Igreja (MAYER, 1991).

Em 26 de Janeiro de 1985, em uma conferência direcionada a 1.500 pessoas, Plínio fez um discurso que foi chamado oficiosamente de “*refutando a Dom Mayer*”, embora ele não tenha citado o nome do bispo de Campos dos Goytacazes.

Ainda em 1985, em 19 de dezembro, Dom Lefebvre fez uma ordenação no seminário de La Reja, na Argentina. Por ocasião das ordenações, em 4 de outubro de 1985, Castro Mayer escreveu-lhe uma carta para averiguar se haveria entre os ordenandos algum membro da TFP, pois o bispo emérito de Campos temia que sua participação em algum evento com a presença de algum tefepista fosse entendida como reconciliação com Plínio. Segundo Castro Mayer, “a TFP é, talvez, o elemento mais nocivo à Igreja ortodoxa e tradicionalista” (ARQVCM 04/10/1985)<sup>18</sup>.

Em função das sagrações episcopais de Êcône em 1988<sup>19</sup>, o distanciamento entre Plínio e Castro Mayer se agravou, porque o líder tefepista discordou das sagrações e da participação de Mayer ao lado de Dom Marcel Lefebvre nesse evento. (GAMA, 2020, p. 90). A partir desse momento, Castro Mayer se isolou em Campos, em função de sua

<sup>18</sup> Carta de Castro Mayer a Dom Lefebvre escrita em 04/10/1985.

<sup>19</sup> Dom Marcel Lefebvre, com participação de Castro Mayer, sagrou quatro bispos sem mandato apostólico, e por isso, os dois bispos sagrantes e os quatro bispos sagrados foram automaticamente excomungados pela Igreja. Em termos canônicos eles incorreram em excomunhão *latae sententiae e ipso facto*.

saúde precária e não teve mais contato com Plínio. Durante os anos de 1980, Plínio Corrêa de Oliveira e a TFP seguiram suas campanhas críticas ao socialismo e propagando as mensagens marianas de Fátima.

Em 1991, Castro Mayer faleceu em Campos, rompido com o amigo que lutou ao seu lado por 5 décadas. Após o falecimento do bispo de Campos, Plínio continuou sua militância, mas já debilitado. Faleceu em 3 de outubro de 1995, e foi enterrado no Cemitério da Consolação, em São Paulo, junto ao corpo de dona Lucília Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira.<sup>20</sup>

### *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

A militância de Plínio e de Castro Mayer durou 5 décadas, e naturalmente ainda há muito a dizer sobre o assunto. Esse capítulo pretendeu apresentar um pouco da relação que eles estabeleceram: onde se conheceram, por que se aproximaram, como foi a atuação conjunta e por que romperam.

Castro Mayer e Plínio eram antimodernos e essa forma de praticar o catolicismo deixou legado que ainda hoje congrega adeptos de diferentes gerações, tornando o movimento católico antimoderno atuante em diferentes países. Por isso, que as pesquisas históricas em torno dessas duas figuras do catolicismo romano são pertinentes, fecundas e ainda seguem caminhando.

Uma vez que a história do Concílio Vaticano II tem sido pauta de discussões, debates e pesquisas, ainda há o que dizer a respeito da minoria conciliar, a que Plínio e Castro Mayer pertenceram e como reagiram no período de recepção conciliar no mundo.

A partir de uma primeira análise sobre a relação entre Plínio e

<sup>20</sup> Biografia Plínio Corrêa de Oliveira. Disponível em <<https://ipco.org.br/quem-somos/biografia-de-plinio-correa-de-oliveira/>>. Acesso em 25 de outubro de 2019.

Castro Mayer, verifica-se que eles deixaram grande legado ainda a ser esboçado em outras leituras e pesquisas, dada a complexidade histórica em que estiveram inseridos, dentro do catolicismo do século XX, que congregou diferentes e opostas vozes e ideologias, dentre as quais está o catolicismo antimoderno, dito como tradicionalista, que teve em Plínio e Castro Mayer dois grandes e sonoros representantes.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ANTOINE, Charles. *O integrismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

AZZI, Rionlando; GRIJP, Klaus van der. *História da Igreja no Brasil*. Terceira época. Petrópolis: Vozes, 2008.

AQUINO, Maurício de. *Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil*: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63, p. 143-170, 2012.

BEOZZO, José Oscar. *Os Padres Conciliares Brasileiros no Concílio Vaticano II*: Participação e Prosopografia 1959-1965. Tese. (Doutorado em História). USP. São Paulo, 2001.

Biografia de Dom Antônio de Castro Mayer. Disponível em <<http://diocesedecampos.org.br/galeria-dos-bispos/>> Acesso em 30 de março de 2019.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. *Os baluartes da tradição*: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II. Editora CRV: Curitiba, 2011.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. *O influxo ultramontano no Brasil e o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universi-

dade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

CALDERÓN, Alvaro. *A candeia debaixo do alqueire: questão disputada sobre a autoridade doutrinal do magistério eclesiástico a partir do Concílio Vaticano II*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009.

CATOLICISMO. A sua santidade o papa João XXIII. Catolicismo, novembro de 1958, nº 95. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0095/P08.html#.XjacNbTPzIU>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

CATOLICISMO. Catolicismo edição 100. Catolicismo, abril de 1959, nº 100. Disponível em: <<https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0095/P08.html#.XjacNbTPzIU>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

COMPAGNON, Antoine. *Os antimodernos*: de Joseph de Maistre a Roland Barthes. Belo Horizonte: Humanitas, 2014.

DIAS, João Scognamiglio Clá. *Dona Lucília*. Volume III. São Paulo: Artpress, 1995.

EVERDELL, William R. *Os primeiros modernos*. Chicago: Editora Record, 1997.

GAMA, Victor A. As Representações Tefepistas do Concílio Vaticano II (1959-1988). Dissertação. (Mestrado em Ciências da Religião). PUC Minas. Belo Horizonte: 2020.

HIMELFARB, Gertrude. *Os caminhos para a modernidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.

HOBSBAWM, Erik. *Era dos Extremos*: o breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Erik. *A Era das Revoluções*: 1789-1848. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil*: 1916-1985. São Paulo: Loyola, 1992.

MALLERAI, Bernard Tissier de. *Marcel Lefebvre: une vie*. Condé-sur-Noireau: Clovis, 2002.

MATTEI, Roberto de. *O cruzado do século XX*: Plínio Corrêa de Olivei-

ra. Porto: Editora Civilização, 1997.

MATTEI, Roberto de. *O Concílio Vaticano II: uma história nunca escrita*. Porto: Caminhos Romanos, 2011.

MAYER, Antônio de Castro. *Por um cristianismo autêntico*. São Paulo: editora Vera Cruz, 1971.

MAYER, Antonio de Castro. *Carta de Dom Antônio de Castro Mayer sobre a TFP*. 1984. Associação Cultural Montfort. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br:84/dom-mayer-adverte-o-anti-clericalismo-habitual-da-tfp-faz-dela-uma-seita-heretica/>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de; PEREIRA, Maria Rita de Cássia Sales; RODRIGUES, Pablo de Andrade; LOSS, Bruno Zottelle. *Luz, escuridão e penumbra: o Governo Vargas e a Igreja Católica*. Dimensões, vol. 26, p. 277-291, 2011.

MÉRIDA, Vinícius Couzzi. *Tradicionalismo Católico: Resistência e Cisma na Diocese de Campos dos Goytacazes*. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Religião). Faculdade Unida de Vitória. Vitória, 2016.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Discurso por ocasião do jubileu episcopal de Dom Antônio de Castro Mayer*, 1973. Disponível em: [https://www.pliniocorreadeoliveira.info/DIS\\_730530\\_d\\_mayer\\_jubileu.htm](https://www.pliniocorreadeoliveira.info/DIS_730530_d_mayer_jubileu.htm). Acesso em: 19 set. 2019.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Em defesa da Ação Católica*. São Paulo: Artpress, 1983.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de; SOLIMEO, Gustavo Antonio; Luiz Sérgio. *As CEB's... das quais muito se fala, pouco se conhece*: a TFP as descreve como são. 3° ed. São Paulo: Vera Cruz, 1982.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Minha vida pública*: compilação de relatos autobiográficos de Plínio Corrêa de Oliveira. São Paulo: Artpress, 2015.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Notas autobiográficas*. Volume II. São Paulo: editora Retornarei, 2010.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Revolução e Contrarrevolução*. São Paulo: Artpress, 2009. 1999.

ROY-LYSENCOURT, Philippe. *Le Coetus Internationalis Patrum, Um*

*Groupe d'opposants au Sein du concile Vaticano II*. 2011. Tese (Doutorado em Teologia e Ciências da Religião) Faculté des études supérieures et postdoctorales de l'Université Laval, Québec dans le cadre du programme de doctorat en sciences des religions. FACULTÉ DE THÉOLOGIE ET DE SCIENCES RELIGIEUSES UNIVERSITÉ LAVAL de QUEBEC e FACULTÉ DES LETTRES & CIVILISATIONS DE L'UNIVERSITÉ JEAN-MOULIN – LYON 3 LYON.

ROY-LYSENCOURT, Philippe. *O Coetus Internationalis Patrum no Concílio Vaticano II*: apresentação e resultados de uma pesquisa. Horizonte, Belo Horizonte, v.13, nº 38, p. 1051-1079, abril/junho 2015.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. *Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma*. Temporalidades - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 2, nº 2, Agosto/Dezembro de 2010.

SANTOS, Hamilton. *Imigração e Anarquismo no Movimento Operário Durante a Primeira República*. REVISTA ESTUDOS LIBERTÁRIOS (REL), UFRJ, VOL. 1. N.º 2. P. 1-33, 2019.

SANTOS, Patrícia Teixeira. Ultramontanismo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. MEDEIROS, Sabrina Evangelista. VIANNA, Alexander Martins (Dir). *Dicionário Crítico do pensamento de direita: ideias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad, 2000.

SEIBLITZ, Zélia. *Os arquitetos do paraíso*. 1991. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

SILVA, Francisco Felipe Rodrigues Neves da. *Os Cruzados dos Século XX: O Movimento Tradição, Família e Propriedade (TFP): origens, doutrinas e práticas (1960-1970)*. Dissertação. (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2009.

SILVA, Moisés Pereira; SILVA, Valéria de Aguiar Lima. *O português medieval e o atual: congelamento linguístico na Baixada Campista*. Perspectivas online: humanas & sociais aplicadas; Campos dos Goytacazes, 17 (6), 41-72, 2016.

SILVEIRA, ArnaldoVidigal Xavier. *La nouvelle messe de Paul VI: qu'em penser?* Paris: Difusion de la pensée française, 1975.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DEFESA DA TRADIÇÃO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE. *Meio século de epopeia anticomunista*. 2º ed. São Paulo: Editora Vera Cruz, 1980.

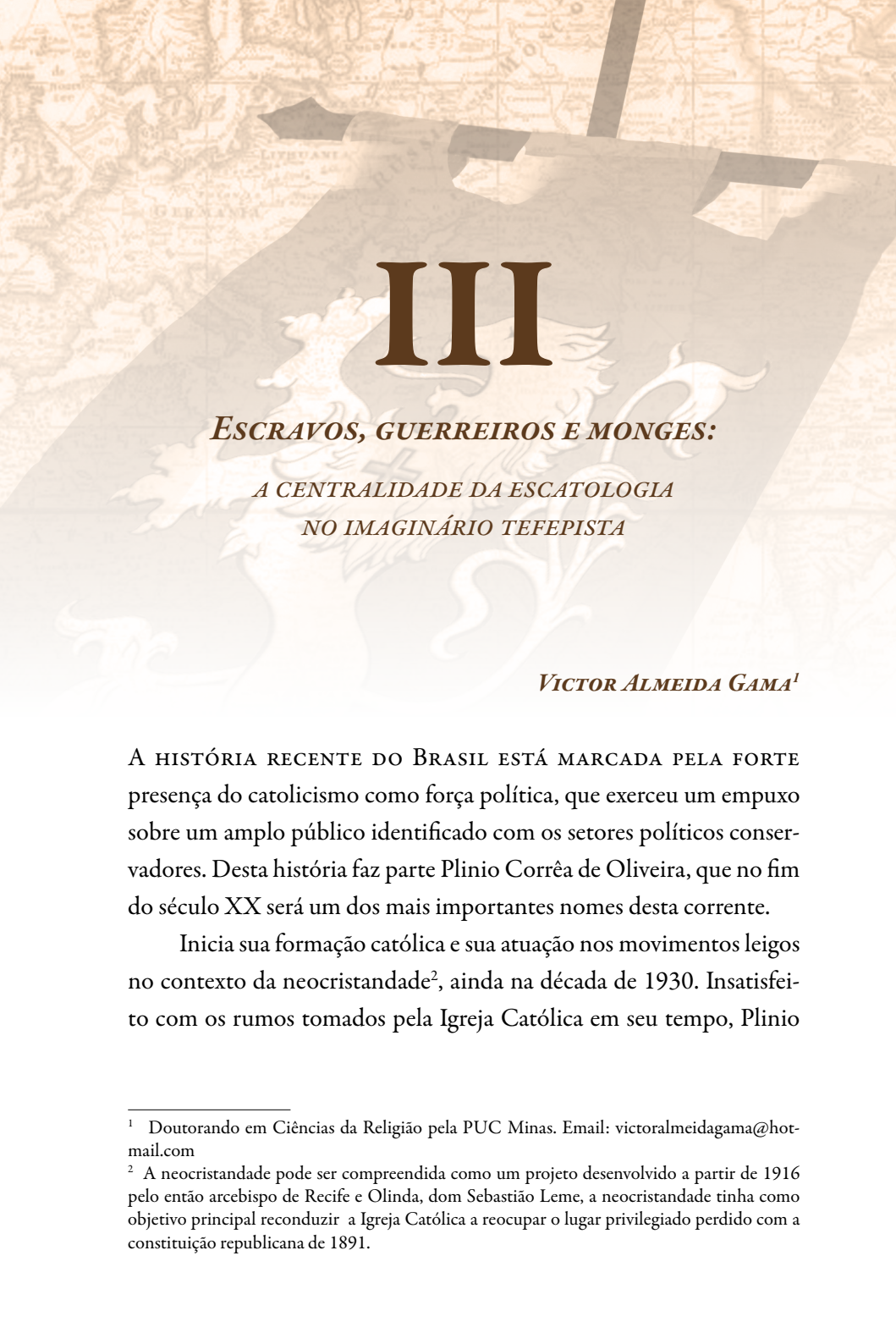
SOCIEDADE BRASILEIRA DE DEFESA DA TRADIÇÃO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE. *Um homem, uma obra, uma gesta: homenagem das TFP's a Plinio Corrêa de Oliveira*. São Paulo: Brasil de amanhã, 1988.

WILTGEN, Ralph. *O Reno se lança sobre o Tibre: O Concílio desconhecido*. 1ª ed. Permanência: Niteroi, 2007.

WHITE, David. A. *The Mouth of the Lion*. Kansas: Ed. Angelus Press, 1993.

ZANOTTO, Gizele. *Tradição, família e propriedade (TFP): as idiossincrasias de um movimento católico (1960-1995)*. 2007. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.





# III

## *ESCRAVOS, GUERREIROS E MONGES:*

### *A CENTRALIDADE DA ESCATOLOGIA NO IMAGINÁRIO TEFEPISTA*

*VICTOR ALMEIDA GAMA<sup>1</sup>*

A HISTÓRIA RECENTE DO BRASIL ESTÁ MARCADA PELA FORTE presença do catolicismo como força política, que exerceu um empuxo sobre um amplo público identificado com os setores políticos conservadores. Desta história faz parte Plínio Corrêa de Oliveira, que no fim do século XX será um dos mais importantes nomes desta corrente.

Inicia sua formação católica e sua atuação nos movimentos leigos no contexto da neocristandade<sup>2</sup>, ainda na década de 1930. Insatisfeito com os rumos tomados pela Igreja Católica em seu tempo, Plínio

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Religião pela PUC Minas. Email: victoralmeidagama@hotmail.com

<sup>2</sup> A neocristandade pode ser compreendida como um projeto desenvolvido a partir de 1916 pelo então arcebispo de Recife e Olinda, dom Sebastião Leme, a neocristandade tinha como objetivo principal reconduzir a Igreja Católica a reocupar o lugar privilegiado perdido com a constituição republicana de 1891.

campeia no integrismo católico<sup>3</sup>, ao lado de outros intelectuais de relevância como foram Gustavo Corção, Alceu Amoroso Lima<sup>4</sup> e José Pedro Galvão de Sousa. Todos comprometidos com o mesmo ideal da neocristandade.

É neste momento em que Plínio começa a formalizar os elementos de seu pensamento reacionário, antimoderno e católico, que busca suas garantias no magistério intransigente dos papas do século XIX e início do XX, que procura frear as substanciais transformações da modernidade.

As teses que mais tarde figurarão em seu principal livro, *Revolução e Contrarrevolução* (2009), são ecos de um pensamento católico reacionário de seu tempo que Plínio lê e absorve. A tese é de que há na história do Ocidente a partir do século XVI uma ininterrupta luta entre forças anticatólicas, que visam derrubar o que ele compreende como civilização cristã, e as forças de oposição a este processo, que para ele se inicia no século XVI com a Reforma Protestante. É apenas com a compreensão desta ideia expressa no livro que se pode entender como a TFP se organizará, ao longo do tempo, como um movimento milenarista<sup>5</sup> e escatológico.

A doutrina pliniana pode ser entendida como uma composição de reacionarismo político, integrismo católico e fortes traços milenaristas e românticos, que levará a setores do catolicismo no Brasil, incluindo aí a própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

---

<sup>3</sup> Corrente intransigente do catolicismo que surge no século XIX e se fortalece sobretudo no início do século XX, com sua proposta de combater o liberalismo e o modernismo na Igreja Católica. Ver: POULAT, Émile. *Intégrisme et catholicisme integral*. Tournai: Casterman, 1969.

<sup>4</sup> Alceu e Plínio estabelecem uma amizade que mais tarde é rompida quando o primeiro torna-se discípulo do filósofo francês Jacques Maritain e se aproxima da chamada esquerda católica.

<sup>5</sup> O milenarismo propagado pelos gnósticos no século II D.C, considerado como momento histórico em que Jesus Cristo reinaria presencialmente por mil anos sobre a terra, foi condenado pela Igreja Católica nas pessoas dos papas Vitor (189-199) e Zeferino (199-217). Aqui tratamos o milenarismo segundo sua compreensão ampla, como expectativa de uma utopia de “mil anos de felicidade”, marcada pela presença transformante do catolicismo na sociedade. O conceito será utilizado no mesmo sentido de Norman Cohn, que o entende como um tipo particular de salvacionismo. (COHN, 1970, p.11)

(CNBB), a qualificá-lo, em 1985, de organização sectária, epíteto nunca aceito pela entidade.

Na ideologia pliniana são muito caros traços sociais que ele chamará de “restos da cristandade”, denotando um fundo romântico. Plínio se sentiria unido ao destino da parcela ocidental do mundo por sangue e por religião. Ligado a uma herança de quase dois mil anos que agora sentia ameaçada diante das investidas do mundo moderno. Com o objetivo de salvaguardar esse passado que ele imagina grandioso e agora reduzido a ruínas, funda em 1960 a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, a TFP.

Enquanto a Igreja Católica sofre profundas transformações no século XX, sobretudo com as reformas do Concílio Vaticano II que buscavam estabelecer um diálogo entre Igreja e mundo, com a intensificação da ação político-social do laicato, e com a crescente influência do pensamento do filósofo Jacques Maritain (1882-1973), Plínio e a TFP se colocam numa posição de imobilismo e resistência, rejeitando toda contemporização com o que consideravam capitulação da Igreja diante da modernidade e do comunismo.

Esta atitude acaba por consolidar uma tendência que, a nosso ver, sempre esteve presente em Plínio que é a independência em relação à hierarquia do catolicismo institucional, tornando-se refratários à instituição. Pode-se dizer que o movimento cria uma doutrina, uma liturgia e mesmo uma forma nova de encarar e interpretar o catolicismo, que o leva a considerar-se um grupo privilegiado com seu próprio magistério personificado no fundador e líder (ZANOTTO, 2012).

### ***A FORMAÇÃO DE UMA DOUTRINA MÍSTICA E POLÍTICA***

Ao longo de sua vida Plínio constituiu sua própria doutrina e a TFP como uma escola de pensamento, que entendemos aqui como

um grupo no qual se opera a partir de uma mesma visão de mundo, teórica e praticamente disciplinados em torno do pensamento do fundador. Uma tentativa de tornar o mundo Inteligível a partir de um patrimônio doutrinário comum, que vai das grandes linhas gerais de pensamento às questões operacionais. Com a presença de fortes elementos religiosos, a doutrina pliniana pretende dar um diagnóstico sobre a crise histórica da cristandade acima descrita.

Plínio compreende que esta crise da cristandade é uma crise do homem ocidental e cristão, ao mesmo tempo em que pretende caracterizá-la como dominante e universal (OLIVEIRA, 2009: 15-17). Esta crise seria engendrada pelas paixões humanas desordenadas; o orgulho e a sensualidade levados a um nível de exacerbação, matrizes do que ele chama de “Pecado de Revolução”. Por Revolução, Plínio compreende um processo pelo qual o homem medieval teria começado a perder a visão religiosa que orientava a vida social de seu tempo, e a religião católica perdido seu espaço privilegiado no ordenamento social.

A TFP é fundada por Plínio para tornar-se um instrumento na contenção deste multissecular processo, que teria seu primeiro momento de manifestação na Reforma Protestante, o segundo na Revolução Francesa e, por fim, no comunismo. Durante esta época de “silêncio de Deus”, em que o mundo ocidental sofria as investidas adversárias que lhe comprometeriam sua característica cristã, a TFP surgiria como um porta-voz de uma ativa resistência contra a Revolução.

Em alguns momentos a ideia de Revolução se mostra de forma confusa no pensamento de Plínio, ora aparecendo como o processo acima descrito, ora como uma entidade que conduz e movimenta a dinâmica deste mesmo processo. Também a ideia de contrarrevolução é identificada não só como uma força de reação contrária a este fenômeno, mas também com a própria TFP (OLIVEIRA, 1968). Sobre essas ambiguidades, referindo-se ao pensamento conservador, diz Calderón Bouchet que são propositais, a fim de criar um clima em que se possa

prosperar com interpretações diferentes (BOUCHET, 2014, p.82).

A doutrina do combate multissecular entre as forças da Revolução e da Contrarrevolução encontram sua base na teologia agostiniana da história, especialmente no livro *A Cidade de Deus*, escrito por Agostinho no século IV, em que ele distingue a existência de duas cidades, a terrena e a celeste, em perene combate. A primeira, criada por Caim, a segunda, “soberana e celestial”, representada por Abel, que teria em sua linhagem todos os justos a espera da ressurreição, quando então se lhes entregará o reino prometido, onde com seu príncipe, rei dos séculos, reinarão sem fim para sempre (AGOSTINHO, 2008, p.397).

Em seu livro, Agostinho busca traçar uma compreensão cristã sobre os acontecimentos históricos, dando-lhes uma interpretação teológica, associando à sucessão dos fatos um fim inevitável, que seria o estabelecimento de um reino de Deus na terra. O grande problema que se apresenta na obra é aquele do qual se ocupará Agostinho também em *As confissões*: o problema do mal e sua ação na história.

Para Roberto de Mattei, biógrafo e discípulo de Plínio, enquanto *A Cidade de Deus* seria uma meditação sobre a queda do império romano, *Revolução e Contrarrevolução* seria a meditação sobre o declínio da civilização cristã. (DE MATTEI, 2015, p.265). A partir dessa citação se pode perceber como é tomado, para os tefepistas, o livro *Revolução e Contrarrevolução*. É considerado não só a obra-mestra de Plínio, mas um desdobramento sofisticado do pensamento de Agostinho. As duas cidades são, para Agostinho, constituídas por dois amores:

o amor de si próprio, levado até o desprezo de Deus constitui a cidade terrestre; o amor de Deus levado até o desprezo de si próprio, constitui a cidade celeste. Aquela compraz-se em si e esta compraz-se em Deus. Uma espera dos homens a sua glória; a outra encontra toda sua glória em Deus, que sonda os corações (RAMIÈRE, 2001, p.160-161)

Para ele, portanto, a gênese desta luta perene entre a Igreja e as forças do demônio que lhe são opostas tem suas raízes na inimizade posta por Deus entre a sua descendência e a descendência da serpente no Paraíso terrestre com o pecado original de Adão (Gen.3, 15). Já para Plínio, esta luta se iniciaria na decadência da Idade Média e seu “pecado original” seriam os pecados de orgulho e sensualidade (OLIVEIRA, 2009, p.05).

Por fim, não apenas a crença nas paixões desordenadas como força motriz deste processo é herdada de Agostinho, mas a própria ideia de um estabelecimento de um momento situado na história identificado como o reino de Deus no mundo material.

Inspirada nesta ideia do estabelecimento de um futuro reino de Deus, após o combate entre a cidade terrena e a linhagem dos justos, a TFP constrói sua própria teologia da história, que traduz a luta entre as duas cidades na luta entre a Revolução e a Contrarrevolução, transformando esse reino vindouro num reino material, ainda na cidade terrestre, que por sua vez passaria por uma metanóia, transformando o mundo em uma projeção do chamado céu empíreo<sup>6</sup>, que assim é descrito por Plínio:

É que nesses lugares não há nem plantas nem animais, porque tudo quanto é susceptível de morte a podridão não pode entrar num lugar tão alto. Pela mesma razão pela qual no inferno vão as coisas enormemente putrefatas e degeneradas, por essa mesma razão os seres degeneráveis, putrefatíveis, deterioráveis esses não penetram no céu empíreo, quer dizer, no céu material onde nós vamos estar quando os nossos corpos ressuscitarem.

---

<sup>6</sup> No art. 3 da questão 66 da 1ª pars da Suma Teológica trata Tomás de Aquino do céu empíreo como doutrina de Estrabo, Beda e Basílio, e seria o lugar onde Deus criou os anjos. Para Plínio, céu empíreo seria uma dimensão física do firmamento. AQUINO, Tomás de. Suma Teológica vol I, parte I, Campinas: Ecclesiae, 2016. No pensamento de Plínio, céu empíreo pode ser compreendido como uma metáfora do mundo material transformado pela metanóia do Reino de Maria.

Os santos dizem que há ali uma certa matéria ou algumas qualidades de matéria que dão a impressão de árvores, que dão a impressão de vegetação, mas que de fato são vegetais. Mas que sem embargo a beleza deste local é incomparavelmente maior do que a beleza terrestre. De maneira tal que as mais belas coisas que estão aqui nada são em comparação com o que há lá. (OLIVEIRA, 1976)

Também na teologia pliniana a história humana seguiria um plano divinamente traçado. A decadência que identificam no desenvolvimento da história do ocidente seria prevista por Deus e teria seu fim. Assim como Agostinho previa uma vitória da Igreja sobre seus inimigos, assim Plínio previa uma vitória da Contrarrevolução, e esta luta desembocaria, inevitavelmente, no que para Plínio seria o apogeu da História após a encarnação de Jesus Cristo: o Reino de Maria.

Em uma carta destinada ao filósofo político José Pedro Galvão de Sousa, Plínio descreve ainda no início de sua atuação como líder católico sua perspectiva sobre esta luta, concluindo dizendo que “como consequência, ou teremos um *nouveau moyen age* ou teremos o fim do mundo” (DE MATTEI, 2015, p.424)

Ao falar de uma nova Idade Média, Plínio tem em mente não o restabelecimento do ordenamento social cristão deste período, mas uma nova era do qual a Idade Média cristã seria apenas um pálido reflexo. Este Reino de Maria seria o que Pio XII chama de reinado social de Jesus Cristo em sua encíclica *Quas Primas*, de 1925. O reino de Deus seria a esperança na superação da História humana em sua dimensão individual, social e universal na vida de Deus (KEHL, 1992, p.234).

O Reino de Maria possuiria também essas dimensões mística e material. Ao tratar do aspecto sobrenatural, diz Plínio que poderia ser comparado com a antecâmara do céu (OLIVEIRA, 1989), e falando do seu aspecto material diz que seria a ideia de uma ordem terrena que

refletisse a ordem celeste (OLIVEIRA, 1990). Também assim define ele o Reino de Maria:

não é senão o triunfo da Igreja, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo, e o apogeu da civilização cristã, fruto dos méritos de sua paixão. Este triunfo é necessário na História para permitir aos homens, que têm uma natureza sociável, dar a Deus já no tempo toda a glória que os anjos e bem-aventurados Lhe rendem na humanidade. (OLIVEIRA, apud DE MATTEI, 2015: 426)

O Reino de Maria, pelas expectativas escatológicas que o envolvem e por suas misteriosas relações com a ideia de Bagarre, do que trataremos em seguida, pode ser compreendido como um paraíso terrestre reencontrado, com fortes colorações milenaristas. Um paraíso onírico, uma utopia místico-política que movimenta-se da crença num reinado material de Cristo em direção ao simbolismo mariano, mantendo, porém, a estrutura geral dos milenarismos da Igreja primitiva (DELUMEAU, 1992). Tal como concebido por Plínio, ele seria a plenitude de santidade e ordem na Igreja e na sociedade temporal. Assim, pode também ser considerado como uma projeção de uma utopia messiânica.

### ***TRAÇOS MILENARISTAS E IDEIA DE BAGARRE***

A partir do que até agora foi exposto da doutrina pliniana, pode-se considerar que a TFP é formada com um pensamento de forte coloração milenarista, que nasce sob o signo da utopia, a exemplo das variadas correntes milenaristas do início do cristianismo, bem descritas por Norman Cohn

Dentre os milenarismos elencados por Cohn, nota-se como característica comum a compreensão de uma salvação operada no mun-

do terreno (CONH, 1970, p.11). Não se espera o paraíso celeste, mas busca-se uma recuperação do Éden perdido (DELUMEAU, 1992, p.51). Assim também pode se considerar a busca da TFP pelo Reino de Maria enquanto realidade histórica que relê a esperança cristã de uma forma particular.

Outro dado que se identifica nas seitas milenaristas medievais e que se encontra marcada na TFP é a transmissão da doutrina através de profetas, capazes de reorientar o povo durante os momentos de crise. Plínio é compreendido como um, que desempenharia na Bagarre um papel tal qual Cristo no apocalipse: é aquele que deve trazer consigo a vingança, mas também a restauração. É o profeta-messias. O que denuncia, mas que também redime.

Outro elemento presente nas seitas milenaristas e na TFP é o recurso frequente às revelações privadas como garantias das mensagens transmitidas pelos profetas. Assim também na TFP surge o que se pode chamar de tradição de profecia apocalíptica através das mensagens e revelações privadas de santos e místicos, interpretadas sob a perspectiva da entidade.

A própria ideia de Bagarre, da qual agora passamos a tratar, é sintoma deste pensamento milenarista-escatológico. Para Plínio, o advento desta era que ele designa como Reino de Maria só se daria após uma prova pela qual a humanidade deveria passar, capaz de lhe purificar do Pecado de Revolução que marcara a alma humana.

Esta prova também seria cruenta, por sua própria natureza. Este dado também esteve presente em utopias milenaristas mais recentes, como demonstra Delumeau (1997:91). É o que também pode ser encontrado no pensamento tefepista, como se nota em trecho publicado em um site que se dedica a divulgar o pensamento pliniano:

E eu não tenho dúvida nenhuma que o numero de pessoas para liquidar é tão grande e é preciso de tal maneira selecionar a pinça. que Nossa Senhora vai mandar

os demônios para virem cá e para pegarem, arrastem almas talvez vivas e uivando para o inferno, pessoas vivas uivando para o inferno (...). Está no conceito de Bagarre a idéia de que Deus vai se servir dos próprios maus para destruírem tudo isto e destruírem a obra material, marcada pelo espírito deles, que eles fizeram. (OLIVEIRA, 1966)

Atravessada a prova definitiva, os que sobrevivessem receberiam o que ele designa como Grand-Retour, que Plínio define como uma graça semelhante a Pentecostes, quando os apóstolos teriam recebido a infusão do Espírito Santo, que se manifesta e se comunica como pessoa divina (CATECISMO, 1992, p.731).

O Grand-Retour seria a “manifestação nova e mais alta do próprio conteúdo interno da TFP, do significado interno da TFP. E vocês notam bem que os vários significados da TFP não estão esgotados” (OLIVEIRA, 1978), isto é, a própria TFP e seu pensamento não seriam definitivamente expressos ainda através das conferências e livros de Plínio, ela teria uma dimensão mística que só seria revelada no momento em que se desse o chamado Grand-Retour.

Este lado místico da TFP não é claro para aqueles que acessam a organização apenas através de suas obras públicas. A TFP fala aos iniciados através de uma linguagem cifrada, de um sistema coerente de símbolos, que por sua vez revelam as camadas doutrinárias que o puro texto não faz acessar. Por isso, mesmo em suas conferências aos núcleos mais privados da organização, nem sempre é possível encontrar definições precisas e concretas de Plínio sobre cada um dos conceitos religiosos do pensamento tefepista.

## ***A BAGARRE***

A Bagarre ou o castigo universal é assim definida por Plínio:

É a tentativa de tomar tudo isto e arrasar tudo isto por ódio a isto; ou num crime lento e incruento, com a cumplicidade apostática de todos os beneficiados, ou num crime dramático e cruel em que todos são levados água abaixo (OLVEIRA, 1977).

Quando fala-se de “isto”, refere-se Plínio não só à Igreja, mas a tudo o que diz respeito a toda ordem humana como a conhecemos. Aqui deixa claro que a Bagarre ou castigo universal se tratará de uma luta física e não só mística, entre as forças da Revolução e da Contrarrevolução.

Percebe-se que ao colocar a Igreja e a ordem humana como os dois alvos privilegiados da ação revolucionária, ele mostra que seu reino messiânico, ao contrário de muitas correntes milenaristas medievais, não põe sua esperança no mundo vindouro, mas no mundo material.

Assim como o profeta Isaias, no Antigo Testamento, falava no resto que voltará --*residuum revertetur*--, lamentando sobre o que sobrou do colapso de Israel (Is. 28,5), a TFP lamenta sobre os restos da civilização cristã, colocando sua esperança numa futura restauração de um reino ainda neste mundo, tal como teria sido, segundo imaginam, a Idade Média.

Segundo a descrição de Plínio, a Bagarre pode se caracterizar como uma série de eventos catastróficos, de coloração apocalíptica. Se daria em forma de Guerra mundial, de revoluções, epidemias, terremotos... que redundariam num castigo aos maus e em vingança dos bons, repleto de acontecimentos simbólicos à maneira do Apocalipse (OLIVEIRA, 1979).

Nestas profecias sibilinas, das quais Plínio preenche suas reflexões sobre as possibilidades da Bagarre, ele constrói e projeta uma imagem de como seria este acontecimento, que é plenamente admitida por seus discípulos. Ainda que sejam meras especulações, como ele mesmo afir-

mava frequentemente, essas figuras seriam capazes de construir uma imagem mental deste evento como sendo um acontecimento onde a violência é onipresente. A morte, este dado antropológico permanente, é encarado como uma vingança de Deus aos maus.

Enquanto compreendido como profeta, isto é, como alguém dotado de dons extraordinários que o tornaria capaz de prever os passos do processo revolucionário e o futuro Reino de Maria, as imagens fornecidas pelas ponderações de Plínio sobre a Bagarre são recebidas nos meios tefepistas como verdades.

Escutar seu profetismo é o processo eficaz para o conhecimento da verdade sobre os acontecimentos escatológicos tefepistas. A recepção dessas ideias se daria numa relação de profeta - discípulo, tal como no Antigo testamento bíblico.

### ***PROFECIAS E REVELAÇÕES COMO FUNDAMENTOS DA BAGARRE***

A ideia desta conflagração mundial que seria a Bagarre ou o castigo universal, Plínio busca fundamentar não nos textos escatológicos bíblicos, como fizeram os milenarismos cristãos do medievo, mas sobretudo em revelações privadas de santos católicos e na mensagem contida nas aparições de Fátima, em Portugal (1917), já analisadas por Zanotto (2008).

Ali teria havido uma aparição mariana a três crianças, onde entre suas profecias, Nossa Senhora teria prometido um triunfo de seu imaculado coração, interpretado pelos tefepistas como a instauração do seu reino messiânico. Também nas aparições se fala de castigos caso a humanidade não abandone sua fealdade, também compreendidos nos ambientes tefepistas como uma expressão da Bagarre.

Em um documento interno da organização datado de 1984 e as-

sinado por Juan Carlos Casté, o papel das revelações e profecias dos santos católicos como garantia da Bagarre fica mais claro. Denominada *Selección de profecias privadas sobre la crisis em la Iglesia, um gran castigo universal, un hombre providencial, los apóstoles de los últimos tiempos y el Reino de Maria*, o documento reúne em setenta páginas uma série de mensagens de aparições marianas e de possíveis revelações de santos e personagens considerados como dotados do dom de profecia sobre esses eventos últimos da escatologia tefepista.

O castigo universal seria a Bagarre, o homem providencial seria Plínio e os apóstolos dos últimos tempos os próprios tefepistas, que compreendem ter um papel destacado nesta luta.

O fato de recorrer às profecias privadas como garantias da ideia de Bagarre aponta para um traço da personalidade do movimento tefepista: sua vida religiosa paralela ao catolicismo institucional. Para o catolicismo, a revelação se encerra com a morte do último apóstolo e, a partir de então, a portadora da profecia passa a ser a Igreja, embora também ela considere o papel das revelações privadas e profecias como instrumentos para se interpretar a mensagem de Cristo (RAMOS, 2020).

O profetismo na TFP desponta como indicado por Paolo Prodi como aquele que põe uma “distância nítida entre *potestas* e *auctoritas*” (PRODI, 2016, p.17-18), isto é, surgiria como um poder paralelo ao oficial da Igreja e que neste caso certificaria a vinda da Bagarre mais do que qualquer expressão burocrático-institucional do magistério católico.

## ***O PAPEL DA BAGARRE***

A partir do que até agora foi exposto, pode-se inferir que a ideia de castigo universal possui uma carga utópica e trágica, que a consi-

dera como estágio prévio e necessário ao *hortus conclusus* do Reino de Maria, cujas provações seriam compensadas pelas promessas de um era de felicidade. Também se pode considerar a Bagarre como uma expectativa onipresente para o membro da TFP, que a torna o eixo de seu cotidiano, de sua religiosidade e de sua atuação política.

O papel da Bagarre na ação tefepista se manifesta sobretudo na vida cotidiana dos membros da organização. Assim como o apocalipse bíblico, é entendida como um acontecimento inesperado, que pode surpreender os tefepistas e por isso devem estar preparados para a imprevisibilidade do acontecimento.

Por este motivo, muitos elementos simbólicos são postos no dia a dia tefepista para tornar sempre presente a lembrança de que a qualquer momento as profecias sibilinas da tragédia da história humana podem se realizar. É recorrente na decoração das sedes da organização, em publicações e mesmo no traje chamado de hábito que portavam em cerimônias especiais, a presença de símbolos bélicos, para tornar presente a ideia da luta a que teriam sido chamados.

A arte é a expressão de ideias através de símbolos. A estética tefepista pode ser considerada como um verdadeiro sistema de ideias coerentes transmitidas através de alegorias. A presença de espadas, alabardas, escudos, símbolos heráldicos, castelos e personagens guerreiros como El Cid Campeador, Carlos Magno e Rolland como figuras privilegiadas no imaginário tefepista, expressam precisamente a necessidade de apresentar a luta como o ideal do integrante da organização.

A estética tefepista materializa e transmite doutrinas e ideias para os mais simples, enquanto que as conferências de Plínio as expressam para os setores mais intelectualizados da organização. Desta forma, a ideia do combate a que seriam chamados os membros da organização estaria sempre presente. Diz José Antônio Pedriali, egresso da organização:

O membro ideal da TFP -- ensinavam-me então -- seria aquele que, além de seguir todos os preceitos da Organização e dedicar-se a ela de corpo e alma, em cada instante de sua vida, estivesse com o pensamento voltado, o maior tempo possível, para a Bagarre. Porque, pensando com insistência nela, o militante estará preparando-se espiritualmente para desempenhar-se bem durante seu desenvolvimento. (PEDRIALI, 1985, p.79)

O autor descreve a disciplina férrea executada nas chamadas *Ita-queras*, programas de treinamento que ele caracteriza como paramilitares e que a própria TFP, em resposta, define sua finalidade como “obviamente subordinados ao fim último do soldado, que é sua atuação na guerra (OLIVEIRA, 1985). De todo modo, os exercícios de formação de inspiração militar são também eles um recurso para tornar onipresente a imagem da guerra.

Como um grupo que se organiza de forma paralela ao catolicismo institucional, embora dele nutra as bases de sua doutrina, a TFP institui também uma própria liturgia, na qual também se expressa a centralidade da ideia de luta e o caráter escatológico do qual o pensamento tefepista se reveste.

Internamente se realizam cerimônias e práticas devocionais próprias, que em seu todo, expressam o culto ao fundador da organização e a representação das cenas escatológicas do imaginário tefepista. Citando Hobsbawm, Gizele Zanoto acentua a importância das práticas rituais como fator de coesão entre membros da organização (ZANOTO, 2012, p.284).

Sejam nas reuniões diárias, nas orações em conjunto, nos chamados *alardos*<sup>7</sup> ou nas elaboradas cerimônias de marchas, os tefepistas permanecem disciplinados em torno da ideia de ordem e prontidão,

---

<sup>7</sup> Orações para iniciar e terminar o dia feitas em conjunto e em ordem unida.

evocando a imagem da disponibilidade que a Bagarre exigiria daquele que teria sido chamado a lutar nela pela causa de Deus.

Os cerimoniais de marcha, liturgia interna reservada exclusivamente aos chamados *eremitas*<sup>8</sup>, representa em termos simbólicos a luta da última hora. Armados com espadas e alabardas, trajando seu característico hábito, os tefepistas simulam sua luta enquanto procedem a invocações ao fundador em forma de proclamações. Estas cerimônias sintetizam precisamente os dois horizontes do membro da organização: lutar e prestar culto ao líder e profeta.

Este culto partiria, segundo Zanotto, de uma admiração fanatizada ao líder da TFP (ZANOTTO, 2012, p.233). Esta fanatização surgiria a partir da autoconsideração de Plínio como possuidor de um papel destacado em todo este contexto de decadência civilizacional. Ele seria aquele que tem uma vocação providencial (GUIMARÃES, 1985, p.189), que deveria desencadear a Bagarre.

Agora, o que nós vemos nas cerimônias de JG<sup>9</sup>? É um desejo que tem todas as TFPs de lutar em defesa da civilização cristã, em defesa sobretudo da Igreja Católica que é a alma da civilização cristã, contra os adversários que queiram agredi-la. E este veio de alma é acentuado, é levantado, é glorificado por toda cerimônia que está lá (OLIVEIRA, 1986).

No imaginário tefepista, o papel que o ritual desempenha é semelhante ao que opera no catolicismo. Assim como na missa -- ritual por excelência onde se reconstitui incruentamente o martírio de Cristo no Calvário --, as cerimônias tefepistas reproduzem a batalha do porvir.

---

<sup>8</sup> Aquele que vive em sedes exclusivamente para oração e estudo. Utilizam traje denominado internamente de hábito, levam vida semi-monástica e seguem disciplina militar prevista pelo “Ordo de Costumes”, manual que contém as normas de comportamento para os tefepistas.

<sup>9</sup> Sede de Jasna Góra, localizada no bairro de Itaquera, em São Paulo, uma das sedes onde ocorriam os cerimoniais.

Visto em profundidade, a liturgia tefepista não pode ser considerada simplesmente na ordem pragmática, mas como um ato que desempenha um papel místico. Enquanto transmite a doutrina da escatologia tefepista acessada por meio do símbolo, ela também se ocupa de cultuar a singular figura do “Moisés da lei da graça”<sup>10</sup>. Portanto, os cerimoniais estão a serviço do espiritual, eles acentuam o caráter religioso que comportam os cânones da organização e, sobretudo, o papel destacado do fundador, como fica clara em uma proclamação tefepista:

Em vossa simples presença, Senhor, há um clangor de música de guerra, um perfume de lírio e uma luz de vitória! No mar de lama da Revolução universal, existir um varão tão santo, arauto de ideais tão altos e tão verdadeiros, é sinal certo e infalível de que, ou o mundo caminha para seu fim... ou vós tendes de vencer! (OLIVEIRA, 1994)

E continuam as proclamações:

Senhor, as bélicas sonoridades do hino dos Cavaleiros teutônicos celebrarão vosso triunfo que há de vir, e homenagearão vossa imensa obra em prol da Santa Igreja e as Cristandade. Obra esplendidamente realizada nestes 86 anos! Mas, sobretudo e sobretudo, obra futura... incomparavelmente maior, mais épica e mais Marial!

*Ó vingador dos crimes, terror dos maus e pavor dos ímpios...*

*Ó martelo dos hereges, profeta dos juízos de vingança e terror dos demônios...*

*Ó chave do Céu, que abre e ninguém fecha, fecha e ninguém abre... a vós, unicamente a vós, está reservado encadear aquele maldito*

---

<sup>10</sup> Epíteto com o qual se qualifica a Plínio Corrêa de Oliveira, relacionando-o ao personagem bíblico Moisés, responsável por libertar os hebreus da escravidão.

*príncipe das trevas que ora reina sobre o mundo. E ele, ele que fora o príncipe da luz no reino dos Céus, verá seu trono e o candelabro de sua glória dado ao Varão da Destra de Maria.*

Esse pai das trevas, que ao antever a Imaculada Conceição, bradou “Non serviam — não servirei — não me escravizarei!” ele será escravo vosso, ó Calcanhar da Virgem! (OLIVEIRA, 1994)

### ***A BAGARRE NA VIDA PRÁTICA DA ORGANIZAÇÃO***

A TFP é conhecida sobretudo em razão de suas campanhas públicas, caracterizadas pela sua forma de atuação e símbolos, por meio dos quais marcava presença e garantia sua repercussão na opinião pública. Essas campanhas podem ser entendidas como estratégias pelas quais a TFP buscava enfrentar e retardar o processo revolucionário. Assim como a Contrarrevolução seria irreversível e levaria inevitavelmente ao estabelecimento do futuro Reino de Maria, assim também seria o processo revolucionário, o qual se poderia apenas denunciar e tornar seu passo moroso.

Ao impor-se nos ambientes tefepistas um ânimo radicalmente reacionário, que não suporta e aceita os valores do mundo contemporâneo -- dos quais diz Plínio que deve-se ser intolerante (OLIVEIRA, 1970), se impõe um clima em que todos os avanços, sejam na Igreja ou na sociedade, são encarados como manobras do inimigo para alcançar seu fim de erigir a cidade dos homens. Essas tramas da Revolução Plínio tenciona denunciar com a atuação da TFP, que em suas campanhas divulgavam, sobretudo, manifestos e livros assinados pelo fundador.

Caso emblemático, a mensagem contra o socialismo autogestionário de Mitterand, publicada em 13 de maio de 1981 -- festa litúrgica

de Nossa Senhora de Fátima, seria uma tentativa de denunciar a então maior trama da Revolução para aquela época. Para a TFP, o presidente francês François Mitterrand teria o objetivo de instituir um modelo de socialismo autogestionário naquele país, o que inevitavelmente se tornaria matéria de exportação ideológica para outros países, consistindo isso num novo estágio do processo revolucionário.

O fundador da TFP decide então denunciar esse objetivo por meio de uma mensagem publicada em 53 países e repercutindo, segundo números da própria TFP, em 124 nações. (OLIVEIRA, 1983, p.189). Para o egresso Orlando Fedeli, “Particularmente com a publicação do Manifesto do Dr. P. C. de Oliveira contra o presidente Mitterrand, nos principais jornais do mundo, se esperou a Bagarre. A Bagarre e o onírico Reino de Maria. (FEDELI, 2002). É com este tipo de atuação que Plínio acreditava mover as águas da História e, assim, retardar ou adiantar o momento em que Deus castigaria a humanidade.

A crença da TFP era de que denunciando tais manobras revolucionárias, pudessem desencadear acontecimentos que levassem à tão desejada conflagração mundial que daria origem à Bagarre. É sob este ponto de vista que se pode analisar todas as atividades da TFP como tendo o seu fim político como imediato, mas sobretudo como uma luta que se daria num plano místico:

É certo que por mais que nós estudemos os movimentos de opinião pública, por mais que estudemos os sistemas de agitar a opinião pública usados pelo adversário, por mais que requintemos nossos próprios sistemas, é certo que a nossa luta contra a Revolução é em larga medida, e até em principal medida, uma luta entre anjos e demônios. (OLIVEIRA, 1972)

## ***COMBATE AO DEMÔNIO - DISPERSÃO***

Pode-se compreender a luta entre a Revolução e a Contrarrevolução como, em última análise, um combate entre o demônio e os “filhos da luz”, que a TFP identifica consigo. Há na doutrina tefepista uma demonologia, cujos princípios deste estudo sistematizado sobre o demônio e sua atuação no mundo são fornecidos em reuniões privadas por Plínio, que vê na TFP um alvo privilegiado desta atuação das forças do mal.

Uma demonologia que embora vinculada a uma tradição doutrinária católica, tem suas particularidades. Plínio considera que o mundo estaria infestado de atuações demoníacas e compreendem os tefepistas que devem eles mesmos operarem como exorcistas:

A conseqüência é que, com os deveres de prudência necessários, a TFP deve fazer sua a preocupação de entender o mais possível o exercício do exorcismo. E tanto quanto possível, deve desejar de toda alma e pedir a Nossa Senhora que Ela dê à TFP dEla – com o perdão de nossas inumeráveis ofensas, negligências, etc. – para cada membro da TFP o poder de ser exorcista. (OLIVEIRA, 1994)

Ora, todo o caminhar da história recente seria conduzido pelo próprio demônio, com o objetivo de fazer avançar a Revolução, e neste sentido afirma Plínio que “o demônio é que dirige a política moderna no que diz respeito às batalhas contra a religião católica.” (OLIVEIRA, 1994). O diabo é o príncipe deste mundo, afirma o evangelista (Marcos 3,20), e a TFP seria o instrumento divino para denunciar seu ardil e fealdade.

Podemos considerar então que à luta definitiva da Bagarre, há uma antecipação já neste mundo, num combate perene, sem tréguas, contra as forças do mal e da Revolução. Portanto, além da Bagarre ser

o desfecho deste processo de combate ao catolicismo, ela seria também um arquétipo para os combates místicos enfrentados neste mundo.

Em razão deste papel que se atribuem, aventariam a hipótese de, instaurado o Reino de Maria, haver um concílio, no qual a TFP seria instituída como uma ordem de exorcistas. Comentando textos de Francisco Palau y Quer, místico carmelita do século XIX, diz:

Os senhores estão vendo aí que ele deseja a fundação de uma ordem de exorcistas. Essa ordem, ou essas ordens de exorcistas, uma delas não podia ser a TFP? Então direta e imediatamente, é o que nós quereríamos para o Concílio. Mas na aurora do Reino de Maria aqueles de nós que estivermos vivos, teremos como dever de lembrar logo ao Concílio este ponto do Beato Palau. Pôr em ordem as coisas, com o maior número possível de exorcistas, admiráveis na oração, admiráveis no jejum, e, portanto, admiráveis na vitória. (OLIVEIRA, 1994)

Para que uma Contrarrevolução seja eficaz, se a consideramos como um fenômeno oposto ao processo de secularização e de perda da identidade cristã do ocidente, é preciso que ela seja uma ação sobrenatural, uma vez que este processo seria, para a TFP, uma ação preternatural.

E é a partir desta modulação, de um combate travado contra o mal, numa “pequena bagarre” constante, que se deve analisar, inclusive, a atividade política da TFP, pela qual é mais conhecida. Ver este movimento como uma mera expressão de uma direita reacionária, moralista e defensora irresistível da propriedade privada, é enxergá-la por um só ângulo, que talvez não seja suficiente para compreender sua complexidade.

Tratando das campanhas públicas operadas pela TFP, Plínio fala da possibilidade da ação do demônio sobre a opinião pública a qual visaria a entidade atingir. O sucesso ou fracasso de uma investida tefe-

pista se daria em larga medida em razão da ação preternatural. Considera que “é fora de dúvida que a TFP exerce uma ação exorcística no sentido de que a presença da TFP desinfesta certos ambientes revolucionários e certos ambientes endemoniados.” (OLIVEIRA, 1973).

A própria união consigo seria fator favorável neste combate às forças malignas, como se pode perceber na citação que segue:

Vamos dizer, por exemplo, há pouco entrou nosso JC. Vocês viram que eu agradei um pouco o nosso JC. Agradei por quê? Porque eu gosto dele, é claro; mas é também porque eu sei que esse agrado é um modo de uni-lo a mim e, de unindo a mim, torná-lo um batalhador válido na hora da Bagarre. Tudo, tudo, tudo quanto eu faço caminha nessa direção. (OLIVEIRA, 1979)

No texto bíblico, narra-se o fato da expulsão dos demônios por parte de Jesus Cristo, e na continuação, diz que “Mas se pelo Espírito de Deus eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus” (Mt 12,18). O poder de repelir os demônios sempre foi considerado, pelos milenaristas -- sobretudo medievais -- como sinal do próximo Reino de Deus, baseado nesta passagem bíblica. No pensamento tefepista, embora sem o recurso ao texto bíblico, encontra-se semelhante consideração.

A esta ação das forças malignas, Plínio recomenda a inflexibilidade e o ódio. Ódio que se materializa e é proporcional a tudo aquilo que busca romper a tradição cristã que deseja preservar, que abala a religião e o mundo imaginados por ele:

Agora, o resultado é que o auge dos ódios é causa dos ódios menores; e que cada ódio menor é causa do ódio que vem logo depois dele. Então, se há um ódio infinito ao demônio – de Nosso Senhor Jesus Cristo – em Nossa Senhora [esse ódio] é

insondável, mas é finito. O ódio de Cristo Gladífero é causa do ódio de Maria Imaculada. Ela pisa eternamente a cabeça do demônio com um ódio que é causado por um ódio absoluto, que é o ódio de Nosso Senhor. Bem, e nós? Nós, que somos escravos dela, temos um ódio causado pelo ódio dEla. E, de algum modo, o ódio em vocês é causado pelo meu.

Quer dizer, foi dada a vocês a graça para estarem – na ordem dos brilhantes – no séqüito do meu, em constituirmos uma espécie de assim de [...] no céu.

Assim também, nos constituirmos para Nossa Senhora uma causa de ódio no Céu (OLIVEIRA, 1979).

O próprio apóstolo Paulo, em sua carta aos efésios, acena para isso que a TFP compreende como mundo regido pela força do mal, quando diz que “não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais (Ef, 6,12).

Em uma conferência de 1966, Plínio afirma sobre a Bagarre que:

Aparecerão anjos, demônios, e a própria Mãe de Deus. Os demônios e falsos-profetis se exterminarão uns aos outros. Além das razões dadas para estas coisas, se pode crer que um Castigo em vistas de purificar o mundo sacudiria de ódio as bases do inferno, de modo que Deus permitiria aos demônios se manifestarem, e os mesmos seriam um testemunho não só da importância do evento, mas do poder da Santa Igreja e de Sua Mãe Santíssima que estaria, nestes lances, em curso para instaurar o Reino dela (OLIVEIRA, 1966).

O envolvimento da presença das forças do mal no dia a dia te-fepista, pode ser compreendido como mais um recurso da doutrina da organização de tornar sempre presente ao militante o seu caráter

de escravo-monge-guerreiro-m, triplice aspiração que caracteriza o membro perfeito da organização, aquele que deve estar de prontidão a enfrentar as hostes do mal e os planos da Revolução, e que deve ter sempre presente a oração “Minha Mãe, lembrai-me que daqui a um minuto, talvez, me chamareis para o campo de batalha”, “Minha Mãe, tornai-me apto a, no momento em que quiserdes, atender vosso chamado para a batalha”, “Doutor Plínio quer que sejamos eremitas na guerra, e guerreiros no **êremo**”, “Minha mãe, apressai a hora em que me seja lícito matar” (OLIVEIRA, 1970).

## **CONCLUSÃO**

Este trabalho procurou, em linhas gerais, apresentar o que entendemos como a faceta mais importante da TFP, compreendendo que apenas considerando-a como uma organização religiosa, com forte aspecto místico-escatológico, é que se pode analisar plenamente sua atuação de forma mais precisa.

O movimento surge já nos meios católicos da década de 1930, o que faz com que fosse marcado por esta presença da religião em sua gênese e desenvolvimento. É por isso que podemos qualificar a TFP de movimento da ala direita do catolicismo brasileiro, a despeito de nunca ter buscado um enquadramento dentro das regulamentações canônicas para uma associação católica de fato.

Em seu itinerário intelectual, Plínio Corrêa de Oliveira sorve de diversas fontes relacionadas ao catolicismo intransigente, nas quais podemos encontrar elementos que apontam para a tessitura da ideia de Bagarre que mais tarde se tornará um elemento marcante de seu pensamento.

Vale destacar que na literatura católica do início do século XX o tema da decadência civilizacional é uma constante. Assim como a ideia

de um processo que envolveria esta mesma decadência. Não é inteiramente nova, portanto, a ideia de Plínio de um processo revolucionário que visaria subverter a ordem católica, mas depois de apropriada ela teria sofrido alterações que centralizavam sua figura como agente principal da contenção deste processo.

A partir dos traços milenaristas que vai constituindo seu pensar, Plínio também constrói uma imagem de um castigo purificador que acaba se tornando o eixo da vida tefepista, após a fundação de sua organização. Todo o pensamento e atividade da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade pode ser considerado como organizado e disciplinado em torno da Bagarre como horizonte sempre presente.

Com a célebre conferência *Pensa na Bagarre que ela te preparará* (sem data), muito divulgada nos núcleos tefepistas, Plínio afirma claramente que o pensamento do militante da organização deve estar sempre voltado a este acontecimento, seja em sua vida privada ou nos lances trágicos que ela mesma prenuncia.

Pensamos, portanto, que a atividade pública da TFP, até agora estudada em suas variadas formas, sobretudo do ponto de vista da ação política, poderia ser melhor compreendida privilegiando o dado religioso presente na organização, sua relação de dependência ao líder e os mitos milenaristas que compõem sua doutrina mais profunda e difusa.

## **REFERÊNCIAS**

AGOSTINHO. *La ciudad de Dios*. Cidade do México: Editorial Porrúa, 2008.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Campinas: Ecclesiae, 2016.

CASTÉ, Juan Carlos. *Selección de profecias privadas sobre la crisis en la Iglesia, um gran Castigo universal, um Hombre providencial, los Após-*

*toles de los Últimos Tiempos y el Reino de María*. São Paulo, 1984 (não publicado)

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

CONH, Norman. *Na senda do milénio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

BOUCHET, Rubén Calderón. *El conservadorismo anglosajón y notas a “El modelo desfigurado” de Thomas Molnar*. Buenos Aires: Vórtice, 2014.

DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: Uma história do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DELUMEAU, Jean. *Uma história do Paraíso: O jardim das delícias*. Lisboa: Terramar, 1992.

DE MATTEI, Roberto. *Plínio Corrêa de Oliveira: Profeta do Reino de Maria*. São Paulo: Artpress, 2015.

GUIMARÃES, Átila Sinke. *Servitudo ex caritate*. São Paulo: Artpress, 1985.

KEHL, Medard. *Escatologia*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1986.

PEDRIALI, José Antônio. *Guerreiros da Virgem: A vida secreta na TFP*. São Paulo: EMW Editores, 1985.

PRODI, Paolo. *Ocidente sem utopias*. Belo Horizonte: Ayiné, 2016.

RAMIÈRE, Henri. *O reino de Jesus Cristo na História: Introdução ao estudo da Teologia da História*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.

RAMOS, Felipe de Azevedo. *O não milenarismo em revelações privadas e congêneres sobre uma era prévia ao fim dos tempos à luz do magistério da Igreja*. Lumen Veritatis. São Paulo - vol. 12 (1-2), n. 46-47, 2020, p. 57-108, jan. / jun. 2020.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Revolução e Contrarrevolução*. São Paulo: Artpress, 2009.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *O socialismo autogestionário: em vista do comunismo, barreira ou cabeça-de-ponte?* São Paulo: Artpress, 1983.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Guerreiros da Virgem: A réplica da autenticidade*. São Paulo: Artpress, 1985.

ZANOTTO, Gizele. *Tradição, Família e Propriedade: As idiossincrasias de um movimento católico (1960-1995)*. Passo Fundo: Méritos, 2012.

ZANOTTO, Gizele. “Paz de Cristo, no reino de Cristo”: ideal teológico-político da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 16, p.113-125, 2013.

### ***FONTES DE ARQUIVO PESSOAL***

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 19/12/1994.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 25/11/1989.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 30/06/1990.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 11/09/1970.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 13/03/1972.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 13/07/1976.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 13/12/1978.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 13/02/1979.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 11/09/1970.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 27/04/1968.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 18/06/1976.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 11/09/1970.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 29/12/1986.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 25/10/1994.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Reunião*, 02/1970.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. Reunião, 03/04/1970.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. Reunião, 03/06/1973.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. Reunião, 09/09/1977.

### ***FONTES DA INTERNET***

*Duas hipóteses teológicas sobre os eventos notáveis no Castigo Mundial por Plínio Corrêa de Oliveira (1966-73 e 92).* Disponível em: <<http://www.oprincipedoscruzados.com.br/2015/05/duas-hipoteses-teologicas-sobre-eventos.html>>. Acesso em: 28 ago. de 2020.

FEDELI, Orlando. *Milenarismo e Reino de Maria na TFP*. Associação Cultural Montfort. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/bra/cartas/tfp/20040728172707/>>. Acesso em: 28 ago. de 2020.

# IV

## ***PABLO ESCOBAR Y LA NARCOCULTURA:***

*EJES FUNDAMENTADORES DEL MODELO IDEOLÓGICO  
“TRADICIÓN, FAMILIA Y PROPIEDAD” EN COLOMBIA<sup>1</sup>*

***JAIME ANDRÉS WILCHES TINJACÁ<sup>2</sup>***  
***LIZETH NATALY GONZÁLEZ GUAJE<sup>3</sup>***  
***DANIELA RIVERA ORTEGA<sup>4</sup>***

EL MODELO IDEOLÓGICO TRADICIÓN, FAMILIA Y PROPIEDAD (TFP) nació entre la década de los sesentas y setentas, como una respuesta contrarreformista a las luchas reivindicativas de individuos y

---

<sup>1</sup> Este capítulo hace parte de los resultados de investigación del proyecto “30 años de la Constitución de 1991: un análisis desde la disputa de élites y organizaciones sociales por la reconfiguración de lo público-privado en Colombia”, código 87076 de la Convocatoria de Proyectos de Investigación con capacidades instaladas de la Facultad de Negocios, Gestión y Sostenibilidad, Politécnico Grancolombiano, Bogotá, Colombia

<sup>2</sup> Doctor en Comunicación de la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona, España. Magíster en Estudios Políticos de la Universidad Nacional de Colombia. Comunicador Social y Periodista de la Universidad Central. Politólogo Grado de Honor de la Universidad Nacional de Colombia. Docente-Investigador del Programa de Administración Pública del Politécnico Grancolombiano y Catedrático de la Maestría en Investigación Social Interdisciplinaria de la Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Bogotá, Colombia. Correo electrónico: jwilches@poligran.edu.co

<sup>3</sup> Estudiante de la Especialización en Marco Jurídico Innovación, Inteligencia y Sostenibilidad Territorial de la Universidad Externado de Colombia y de la Maestría en Diseño, Gestión y Dirección de Proyectos de la Universidad Europea del Atlántico. Profesional en Negocios y Relaciones Internacionales de la Universidad de La Salle. Referente de Proyectos Medio Ambientales de la Alcaldía Local de la Candelaria, Bogotá, Colombia. Correo electrónico: nataly.gonzalez@gobiernobogota.gov.co

<sup>4</sup> Profesional en Negocios y Relaciones Internacionales de la Universidad de La Salle. Se desempeñó como asistente académica del Semillero In-Vestigium. En la actualidad es investigadora del Grupo Representación, Discurso y Poder (Categoría A Colciencias), Bogotá, Colombia. Correo electrónico: drivera24@unisalle.edu.co

colectivos críticos con el sistema de creencias predicado por la Iglesia Católica, la economía capitalista y el modelo funcional de sociedad.

Lejos de pensar que la globalización - en la década de los noventa- lograra neutralizar a individuos y colectivos afines a la causa de TFP, se presentó un fenómeno a la inversa, es decir, la capacidad de adaptación en el tiempo y espacio de esta organización para refundar su existencia, ya no basados en el dilema reformistas vs contrarreformistas, sino en nuevas estrategias que operan a través de un discurso hostil contra identidades de género, jóvenes que cuestionan el modelo de ascenso económico y prestigio social y movilizaciones que se preguntan por la vigencia del Estado como garante de los derechos humanos.

En el caso colombiano, se evidencia que el sistema TFP no tuvo los niveles de institucionalización y formalidad legal de Brasil, Argentina y Chile, pero si asimiló en la década de los ochenta y readaptó en la década de los noventa e inicios del siglo XXI sus estructuras axiológicas en prácticas socioculturales de origen ilegal como el narcotráfico e incluso con versiones locales que apoyaron el paramilitarismo. El precursor de esta articulación fue Pablo Escobar, y hoy su legado se proyecta en una narcocultura que es explotada por los mass media, en una comercialización lucrativa en la medida que recibe aceptación de gruesos sectores de la sociedad que se sienten identificados en los valores que predicán un radicalismo ultraconservador e intolerante a cualquier orden social que ponga en peligro las costumbres de la colombianidad.

En esta dirección, el objetivo del capítulo es trazar las líneas narrativas en las que han coincidido los postulados de TFP y la narcocultura impulsada por Pablo Escobar en Colombia, indicando cómo esta relación es armónica para la supervivencia de estas dos formas de vivir y pensar, y ambigua para las estructuras institucionales y sociales que pretenden construir otras formas de organizar la sociedad y solucionar los conflictos derivados de la lucha por los recursos, la orga-

nización de la vida cotidiana y la distribución de los bienes privados. El texto se divide en cinco partes: la primera, hace una breve revisión histórica del origen de TFP; en la segunda sección, se abordan algunas adaptaciones de un modelo que parecía agotarse en la década de los noventa, pero que al contrario, supo adaptarse en el tiempo y espacio; el tercer apartado se ocupa de identificar la conexión de TFP con los valores predicados por Pablo Escobar en sus discursos reivindicativos de la sociedad; la cuarta parte analiza la adaptación del modelo TFP a la narcocultura en Colombia; para finalizar, se presentan unas consideraciones finales de la necesidad de ahondar en un estudio crítico de la estructura TFP en la consolidación de la narcocultura y la escobarización de la sociedad colombiana, y posiblemente la sociedad global.

### ***CONTEXTUALIZACIÓN HISTÓRICA DEL MODELO TRADICIÓN, FAMILIA Y PROPIEDAD (TFP)***

A lo largo del siglo XX diferentes transformaciones sociales, económicas y políticas tuvieron lugar en el mundo. Particularmente la segunda mitad de este siglo se vio enmarcada en un contexto de Guerra Fría tras la ruptura de relaciones entre la Unión Soviética (URSS) y los Estados Unidos de América (EE. UU.), lo que llevó a la bipolaridad del sistema internacional en temas ideológicos. Latinoamérica se vio inmersa dentro de este contexto de polarización, y como parte del Tercer Mundo fue terreno fértil para la disputa entre estas dos visiones antagónicas (PETTINÀ, 2018).

Tras la Revolución Cubana y con el nuevo surgimiento de la izquierda, se dio paso a movilizaciones sociales con un espectro político-cultural en Latinoamérica (ZOLOV, 2014). Para los años sesenta, movimientos revolucionarios se manifestaban en contra del “orden oligárquico que había caracterizado la mayoría de los regímenes políticos surgidos de las guerras de independencia en contra del Imperio

español” (PETTINÀ, 2018) y partidos políticos bajo la ideología comunista aumentaron su participación en el gobierno a través de partidos reformistas y populistas (SALGADO, 2013).

Al mismo tiempo surgieron movimientos contrarrevolucionarios que fueron apoyados por terratenientes, militares, el clero de la iglesia, y los capitalistas industriales y manufactureros (GRANDIN, 2011) y movimientos que surgieron de élites ultraconservadoras. Adicionalmente, estos grupos anticomunistas encontraban apoyo en el gobierno de EE. UU., el cual alentaba actividades contrainsurgentes en oposición a las ideas y movimientos comunistas, por lo que dieron soporte a las dictaduras militares en Latinoamérica. Por lo tanto, las dictaduras como la de Chile, Argentina y Brasil, y las dictaduras “democráticas” de Colombia y México fueron respaldadas en cada país por su élite tradicional (WILCHES y CUELLO, 2019).

En Latinoamérica, la ideología comunista para los sectores tradicionales representada a ese enemigo inminente; el comunismo era visto como el destabilizador de una sociedad, ya que sembraba engaño y desconfianza (LOAEZA, 2013), destruyendo así el orden y sus valores tradicionales. Este fenómeno dio paso a la instauración de ideas anticomunistas y contrarrevolucionarias, que defendieron esa sociedad tradicional de las manos del comunismo, se buscaba “combatir el surgimiento de ideas que atentaban contra la fe católica, alteraban la estructura de la familia funcional y exigían la redistribución de la tierra” (WILCHES y CUELLO, 2019, p.3), por lo que de esta necesidad surge el modelo Tradición, Familia y Propiedad (TFP) (SCIRICA, 2014).

Este modelo nace a través de la Sociedad Brasileña de Defensa de la Tradición Familia y la Propiedad - TFP en 1960 y su fundador y líder doctrinal fue Plínio Corrêa de Oliveira, quien concibió que el comunismo y la revolución cultural corrompía los valores cristianos del país, ya que estos nuevos sistemas ideológicos iban en contravía

a la doctrina de la Iglesia (ZANOTTO, 2012), por lo que el modelo TFP nació adherido a los valores cristianos tradicionales. Por consiguiente, la TFP se convirtió en un movimiento contrarrevolucionario que buscaba restablecer el orden tradicional, ya que era una necesidad “um retorno a uma ordem social cristã para uma solução verdadeira e legítima dos problemas que afligem a contemporaneidade” (ZANOTTO, 2007, p. 78).

En Brasil la TFP utilizó la prensa, libros, volantes, folletos, etc., como medios de difusión para dar a conocer su modelo, y presentar al mismo tiempo las amenazas y consecuencias que traía consigo la revolución. Entre estos se destaca el libro escrito por Corrêa de Oliveira en 1950 “Revolución y Contrarrevolución”, en donde establece los cimientos del modelo TFP. Corrêa de Oliveira inspiró alrededor del mundo a otros grupos, movimientos y entidades para seguir el modelo, lo que lo convirtió en un guía para algunos sectores contrarrevolucionarios católicos, que percibían la revolución comunista como una revolución atea y anticristiana (SCIRICA, 2014), ya que “a Revolução é descrita enquanto um processo universal de destruição da Igreja de Cristo” (ZANOTTO, 2007, p. 33). En Latinoamérica los primeros países a los que se expandió la TFP fueron Argentina y Chile.

En Argentina el grupo Cruzada fue la organización promotora de la Sociedad Argentina de Defensa de la Tradición, la Familia y la Propiedad, y aunque el origen de este grupo se remonta a 1956 con la revista Cruzadas, es hasta 1967 que se realiza la conversión de esta revista al TFP. Esta conversión no cambió prácticas ni ideales de la revista, los cuales eran defender la verdad católica, las tradiciones argentinas, el derecho a la propiedad y su oposición al comunismo, sino que fue la adopción de esta nueva organización que iba en afinidad con sus convicciones. Asimismo, fue el entusiasmo y el acercamiento que había generado Corrêa de Oliveira con los jóvenes católicos de la revista por medio de espacios de participación comunes para el análi-

sis, debate y denuncia de la revolución que llevó al establecimiento del modelo TFP en Argentina (SCIRICA, 2014).

En 1967 también en Chile se establece la Sociedad Chilena de Defensa de la Tradición, la Familia y la Propiedad por medio de la revista *Fiducia*, creada por estudiantes de la Pontificia Universidad Católica en 1963 (RUDERER, 2012; SCIRICA, 2014). El comunismo y la revolución en Chile también eran concebidos como los promotores de la destrucción del orden tradicional, y en especial de la catástrofe de los valores cristianos, lo que alentó que la TFP se alinearía con la iglesia católica, ya que era definida como:

aquella Iglesia genuina y tradicional, que protegía al pobre pero no odiaba al rico, aquella Madre y Maestra de los pueblos, que enseñaba la verdad con plena autoridad y superior equilibrio[...] que, conforme a los principios inmutables de su doctrina, se manifestaba también irreconciliable enemiga del comunismo, coordinando y encabezando una continua y vigilante cruzada internacional, de orden espiritual, contra la secta roja. (TFP CHILENA, 1976 citado por RUDERER, 2012, p.88)

Esto da como evidencia que la TFP estableció que los valores cristianos eran cimientos importantes de su modelo de contrarrevolución, además por ser una organización que promovía ese catolicismo conservador y tradicional, lo llevó a que directamente entablara relaciones con las élites económicas y con vocación hereditaria, representadas en hijos estudiantes de terratenientes y empresarios que tomaban las banderas de las luchas liderados por los patriarcas de la familia (GRANDIN, 2011; RUDERER, 2012).

Con este discurso se fue expandiendo el modelo TFP en Latinoamérica. En 1967 también se creó la Sociedad uruguaya de Defensa de la Tradición, Familia y Propiedad (SCIRICA, 2014). Por otra par-

te, bajo este contexto de revolución e ideas comunistas no solamente los valores tradicionales se veían amenazados, sino que en Colombia también surgen grupos guerrilleros, los cuales iban en contra del sistema y generaron una confrontación armada interna, por lo que “el ascenso de la protesta popular y de la violencia guerrillera presentaba un ambiente en el que el enemigo interno, el comunismo, era visto con pasos gigantes” (GONZÁLEZ, 2017, p.315), por lo que en 1968 se establece el Grupo Tradicionalista de Jóvenes Cristianos Colombianos y en 1971 se dio paso a la Sociedad colombiana de Defensa de la Tradición, Familia y Propiedad, y para ese mismo año se creó la Sociedad en Venezuela. Luego en 1973 la TFP ya se había expandido a Ecuador por lo que se fundó la Sociedad ecuatoriana de Defensa de la Tradición, Familia y Propiedad, y en 1974 se fundó en Bolivia y en los Estados Unidos.

Corrêa de Oliveira había logrado su objetivo: extender por el continente el modelo TFP con grupos que aceptaron y siguieron estos lineamientos y seguían un “discurso católico anticomunista y pro-propiedad privada”, (RUDERER, 2012, p.82). La TFP se convirtió en una pieza fundamental para la élite tradicional y en el soporte de las dictaduras en Latinoamérica, ya que por medio de este modelo la sociedad protegía sus valores tradicionales, aunque esto significara pasar por alto violaciones a derechos humanos, restricción de la democracia, y en el caso colombiano, la consolidación de un modelo ilegal que encontró un caldo de cultivo para asentarse en el imaginario social.

Destruir y evitar formas de revolución era totalmente legítimo, particularmente en las dictaduras en los países del Cono Sur (Argentina, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay) provocaron la regeneración de ideas nacionalistas caracterizadas por tener un corte antiliberal, autoritario, anticomunista y católico (GALVÁN, 2017). Ideas que aprobaba la TFP, por lo que la implementación de este modelo se dio de una manera agresiva y explícita en estos países. La TFP era ese

mecanismo para hacerles contrapeso a las ideas revolucionarias y evitar su propagación, ya que el comunismo no era visto como un enemigo solamente militante, sino que permeaba espacios de la vida política, social y cultural (SCIRICA, 2014).

En el Cono sur había una presencia significativa de un pensamiento católico conservador, estos fueron los países que acudieron al llamado que en 1922 había hecho el Papa Pío XI sugiriendo “a instalação de um movimento mundial denominado Ação Católica com o objetivo de cristianizar as nações” (ZANOTTO, 2007, p.23). Por lo que el clero de la iglesia empezó a demostrar su apoyo a los movimientos contrarrevolucionarios, por ejemplo “o Cardeal Câmara, deram declarações públicas a favor da “(...) união das Religiões contra o comunismo” (PATTO, 2002, p. 304).

Ya la iglesia católica jugaba un papel importante por su tamaño e influencia, pero teniendo en la mira que el refuerzo de los valores cristianos no solamente era una tarea de la iglesia sino de toda la sociedad, se hizo un llamado a que los grupos, sociedades, movimientos e instituciones católicas en contra del comunismo como la TFP empezaran a involucrarse activamente, lo que conllevó a que las expresiones anticomunistas en el Cono Sur tomaran peso y un papel relevante, convirtiéndolo en un movimiento radical casi excluyente (BOHOSLAVSKY y IGLESIAS, 2014).

Este involucramiento de la TFP y la implementación del modelo en el Cono Sur se llevó a cabo con éxito a comparación de otras ideologías anticomunistas, ya que desde su fundación fue una organización con una estructura definida y organizada, esto principalmente a que sus miembros tenían “uma união doutrinária e espiritual calcada na tradição católica conservadora” (ZANOTTO, 2012).



Imagen 1 y 2. Marchas de la TFP. Los símbolos adoptados por la TFP fueron un león dorado, pendones rojos y cubiertas rojas que los identifican como miembros. Fuente: Zanutto, 2012, p.285; pliniocorreadeoliveira.info.



Así mismo el modelo TFP empezó a reformarse y a adaptarse a los diferentes escenarios de la sociedad, por lo que poseía un “carácter cultural, cívico, filantrópico e benéfico para enfrentar a investida esquerdista e progressista, bem como suas consequências malélicas ao Estado e à Igreja” (ZANOTTO, 2007, p.28). Por otra parte, con su establecimiento la TFP empieza a manejar un discurso particularmente agresivo:

dentre os anos 60 a 80, período em que destacou-se denunciando e suplicando às autoridades civis, militares e religiosas não só por expurgos, mas também medidas mais radicais de controle de grupos, instituições e indivíduos tidos por comunistas/inimigos não só do Estado mas também da civilização cristã. (ZANOTTO, 2007, p.154)

Este tipo de discurso generó que las actividades llevadas a cabo por la TFP en el Cono Sur no se quedaran solamente en el campo religioso, sino que empezaran a permear otros campos, por ejemplo, actividades en el campo social, cultural y político, como lo fue el desarrollo de la campaña y recolección de firmas en contra de un proyecto de ley que permitía el divorcio en Brasil en 1966, o la campaña del 2000 para permitir la posesión de armas por parte de los ciudadanos para el uso de su legítima defensa. Y aunque la TFP no llegó a convertirse en un poder político en estos países si empezó a tomar un papel de influente en el campo público (ZANOTTO, 2007).

Este rol fue el que trajo consigo polémicas, especialmente por los temas de represión durante las dictaduras militares, y aunque las acciones de la TFP nunca se salieron del margen legal, esto generó que una parte de la iglesia católica no estuviera de acuerdo con esta forma de implementación agresiva del discurso de la TFP, por lo que las acciones de la TFP en el Cono sur derivaron en controversias con el clero, dejando este de ser un respaldo. Esto se dio ya que la iglesia cató-

lica empezó a cambiar en parte su estructura y a tener un pensamiento más liberal desde el Concilio Vaticano II (1962 – 1965) (BOHOSLAVSKY; ZANOTTO, 2007).

Además, en 1968 tras el primer encuentro del Movimiento de los Sacerdotes para el Tercer Mundo y con la II Asamblea del Consejo Episcopal Latinoamericano, la iglesia dio paso a una doctrina católica más liberal, por lo que la TFP asume una posición extrema en contra de los miembros del clero que favorecieron ideas comunistas (SCIRICA, 2014). Las TFPs de Argentina, Brasil, Chile y Uruguay emprendieron en conjunto peticiones colectivas para enviar un mensaje al Papa Paulo VI, en el cual manifestaban que en la iglesia católica había filtraciones de la izquierda, tanto en el clero como en los laicos (CORRÊA DE OLIVEIRA, 2005) por lo que solicitaron medidas para eliminar una:

minoría organizada de eclesiásticos y laicos [que] difama a la generalidad de los Obispos y Sacerdotes de la Argentina y de toda la América Latina, acusándolos de retrógrados y sin conciencia [...] quiere instaurar una tiranía política, social y económica que, a ejemplo de Fidel Castro [...] empiece a confiscar las propiedades agrarias y urbanas, así como las empresas industriales y comerciales, y acabe por implantar oficialmente el comunismo (Volane de la TFP citado por SCIRICA, 2014, p.72)

Y esta solicitud estuvo acompañada de una recolección de firmas. En total entre estos cuatro países del Cono Sur se recolectaron 2'025.201 firmas en 58 días, recolección que la TFP definió como la única recolección masiva llevada a cabo entre estas cuatro naciones (CORRÊA DE OLIVEIRA, 2005; SCIRICA, 2014).

Esto permitió que la TFP ganará más popularidad e influencia en el establecimiento y mantenimiento de un orden basado en los valores

cristianos, y a pesar de que la TFP en Argentina, Chile y Uruguay no eran igual de grandes a la organización brasileña, estos países se destacaron por generar mecanismos de difusión de sus ideales ya fuera por medio de folletos, pancartas, volantes, libros, entre otros. De esta forma empezaron a hacerse más visibles, lo que les permitió obtener un rol influyente dentro de la sociedad del Cono Sur.

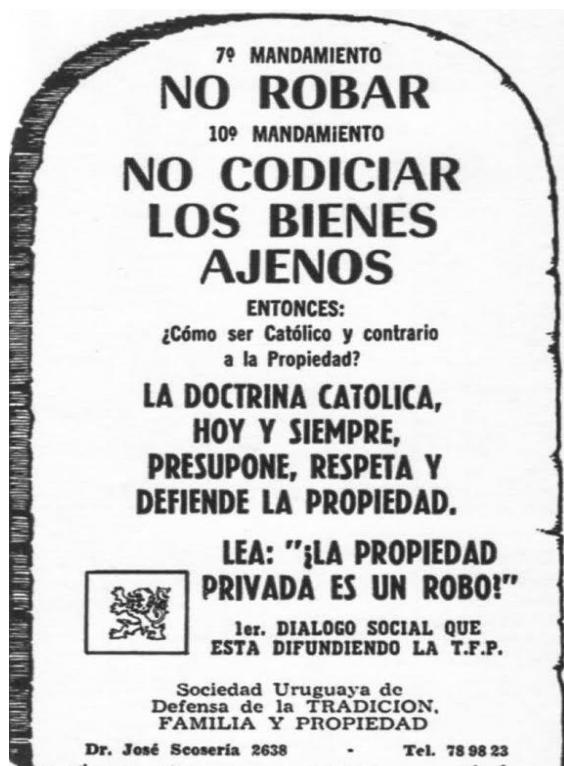


Imagen 3. Publicidad de la TFP. Folleto de la TFP de Uruguay, para la serie de cuatro Diálogos Sociales, titulada ¿La propiedad privada es un robo?. Fuente: pliniocorreadeoliveira.info

Por ejemplo, la TFP en Chile cuando inició ataques contra párrocos, obispos y cardenales acusándolos de permitir la entrada del

comunismo a la iglesia católica, reforzaron sus críticas con el lanzamiento del libro “La Iglesia del Silencio en Chile” en 1976, en donde se encontraba explícitamente las acusaciones que hacían. La publicación vendió 88.500 ejemplares, lo que generó que la iglesia mostrara un repudio público del clero ante esta editorial, ya que se consideraba peligrosa la influencia en el campo público que había conseguido la TFP (RUDERER, 2012). Este ejemplo da cuenta que la TFP ponía en práctica un discurso agresivo y un espíritu bélico con quienes consideraban que hacían parte del “enemigo” (SCIRICA, 2014).

Y aunque la TFP en su discurso nunca alentó a actos de violencia directos, sus actos y argumentos contra el comunismo argumentaban y apoyaban la legitimación de la violencia de manera religiosa contra los enemigos de la doctrina católica – anticomunista y durante las dictaduras militares, la TFP en estos cuatro países del Cono Sur apoyó las formas de represión que el gobierno realizaba, por lo que el lema de Corrêa de Oliveira de una lucha “pacífica y legal”, quedaba en las sombras (RUDERER, 2012).

Pero su propaganda ideológica en la protección de los valores tradicionales y en mantenimiento del orden de la TFP ya se había establecido de manera tan explícita en el Cono Sur que llevó a que el modelo TFP se estableciera como esa guía y respuesta pertinente a la necesidad de protección y lucha contra el comunismo. La TFP embarcaba y defendía lo necesario para que se mantuviera el orden social y la armonía en una sociedad. Fue así como este movimiento contrarrevolucionario logró ganar influencia en el campo público.

Las dictaduras militares en los países del Cono Sur dieron paso a que el modelo TFP contará con influencia dentro de la sociedad. En estos países en particular fue donde la TFP tuvo más reconocimiento, ya que el modelo se implementó de manera agresiva y explícita y se articulaba ideológicamente con las instituciones del Estado y con la forma de gobierno. Estas dictaduras generaron un ambiente propicio

en donde la ideología del TFP era aceptada y puesta en práctica, lo que provocó que las élites tradicionales la aceptaran y apoyaran esta forma de gobierno, y que además el resto de la población conservadora lo reconociera como una forma legítima de veeduría al orden social. En otras palabras, las dictaduras y el modelo TFP promulgaban los mismos valores (tradicción, familia y propiedad) que acreditaban protección al país contra el enemigo comunista.

***REINTERPRETACIÓN DE LOS MODELOS TRADICIÓN, FAMILIA Y PROPIEDAD, A PARTIR DEL SURGIMIENTO DE NUEVAS IDENTIDADES***

Después de la derrota de la URSS en la Guerra Fría y las transiciones a la democracia en América Latina, el contexto mundial parecía indicar que se acercaban nuevos vientos. En este sentido, el papel de la globalización en la configuración de las nuevas modalidades de conflicto en las que se desdibujan las fronteras entre lo que se conoce por guerra, crimen organizado y violaciones a los derechos humanos.

Se estima que las guerras, sin dejar de ser eminentemente locales, pueden ampliar sus secuelas y retroalimentaciones bajo la globalización. Con el nuevo panorama, las nuevas guerras ya no serán por territorio, ni por el dominio de las galaxias (FAVELA: 1991); ahora, el contexto de guerra gira en torno al dominio de las nuevas tecnologías de la información, las redes sociales, los recursos naturales y medioambientales, y seguramente en un futuro será por el oxígeno (KLARE, 2003).

Por ello, es importante realizar una reinterpretación del modelo TFP, ahora puesto en contexto de la guerra contra las nuevas identidades, y reforzados por la visión neoconservadora que se catalizó con el 11 de septiembre de 2001 y el atentado de Al Qaeda a las Torres Gemelas (CLARKE: 2004). Si la globalización trajo consigo cambios, las

nociones que se tenían sobre la tradición, familia y propiedad también se reconfiguraron en este nuevo contexto, y en algunos casos se radicalizaron con la justificación de mantener al mundo protegido de un potencial resurgimiento de ideas comunistas disfrazadas de discursos progresistas.

El neoconservadurismo reafirma la creencia de que el orden social desigual es ‘natural’ e inútil es su cuestionamiento, y la reformulación del modelo orgánico-evolucionista (teoría del desarrollo, basada en la caridad y la protección social), son la clave para dirigir una sociedad (PLAZOLA: 2014). De esta manera se relaciona el concepto de neoconservadurismo con el TFP; toda vez que Colombia es uno de los países de América Latina que ha tenido mayor aceptación ha sido en Colombia de los dos movimientos. Esto se evidencia en el constante esfuerzo por trabajar en temas sobre la crisis económica y el mal que puede traer los Tratados de Libre Comercio (TLC), la falta de identidad del hombre occidental, aseveraciones incautas ante los procesos de cambio en América Latina, en especial a las políticas progresistas de exmandatarios como Hugo Chávez, de Venezuela; Rafael Correa, de Ecuador; y Manuel Zelaya, de Honduras.

La noción de Tradición ocupa ahora el lugar de un culto a la nostalgia y no como una forma de vida activa, con un valor más simbólico de respeto o admiración por el pasado, pero para pocos como la regla por la cual se rige el comportamiento de hoy. La Propiedad ya no tiene el significado del poder absoluto de hacer con un bien lo que cada cual desee, sino se reconoce que la propiedad es y tiene una función social, y que el interés general prevalece sobre el interés particular. Pero sobre todo la Familia es el concepto que más se ha reconfigurado, pasaron los tiempos en donde al hombre le correspondía proveer el dinero, el alimento y el sustento para una unidad familiar enfrentando el mundo exterior, y a la mujer el cuidado del hogar y la crianza de los hijos.

La sociedad basada en el modelo de ‘la familia tradicional’ bajo

la figura patriarcal ha sido superado y reemplazado. Los divorcios, las madres cabeza de familia, las parejas homosexuales, la falta de interés en tener descendencia, son hoy mayoría y la familia tradicional es una minoría, por no decir una excepción. Oliva y Villa (2013) afirman:

La Familia es el grupo de dos o más personas que coexisten como unidad espiritual, cultural y socio-económica, que aún sin convivir físicamente, comparten necesidades psico-emocionales y materiales, objetivos e intereses comunes de desarrollo, desde distintos aspectos cuya prioridad y dinámica pertenecen a su libre albedrío: psicológico, social, cultural, biológico, económico y legal. La sociedad moderna es abierta al tiempo que heterogénea, el concepto enunciado rompe el esquema tradicional de la familia, ligado a la concepción matrimonial y religioso, se observa una institución social de orden universal, pues se encuentra con diversidad de estructuras, pero siempre presente en todas las culturas, pueblos y sociedades; es un núcleo social fortalecido y no en crisis. (p.17)

Así, la familia como grupo social, ha cambiado en cuanto a su estructura, forma y modelo. En esta se ha incorporado nuevas costumbres como consecuencia de la dinámica de transferencia social propia de la globalización, rompiendo así el concepto tradicional y restringido que la define como “un grupo de personas entre quienes existe un parentesco de consanguinidad por lejano que fuera” (DE PINA VARA, 2005. p. 287) y que se desarrolla dentro de los valores cristianos y tradicionales como lo consideraba la TFP.

En este sentido, cabe mencionar que desde el cambio de la concepción de familia es que surgen diferentes grupos con nuevas ideologías, formas de pensamiento, estilos de vida y estructuras de convivencia, las cuales se ven reflejadas en el comportamiento de las sociedades. Por ello, Wilches y Cuello 2019, plantean:

Tradición, Familia y Propiedad se refiere de manera más exacta a un esquema axiológico en el que se conformó una estructura social de privilegios, cimentada en una élite excluyente, con una clase media conformista y dispuesta a participar de los residuos de la riqueza, y una clase popular dividida cruelmente en subversivos objetos de eliminación física y simbólica, o sectores sumisos de un modelo social intolerante a discursos que se salgan del marco lógico que se predica desde los tres valores descritos. Con el fin de la Guerra fría, este esquema axiológico, contrario a desaparecer, se fortaleció, ahora con la búsqueda de nuevos enemigos. (p. 26)

En este orden de ideas, a pesar del surgimiento de la globalización y la consolidación de ideas y prácticas progresistas, el modelo TFP contrario a desaparecer se adaptó poniendo en contexto nuevos enemigos (MERCADO y CEDILLO, 2006, p. 45). Ahora los proyectos contrarrevolucionarios se enfocan en las nuevas dinámicas que trajo consigo la globalización, ya que estas le permitieron al ser humano expresar con libertad sus pensamientos y sentimientos, lo cual había sido restringidos por los fundamentos del modelo TFP: 1. Los nuevos movimientos como el LGTBI tuvieron la posibilidad de decir en voz alta su incredulidad frente al concepto de familia religiosa, formada bajo la ley de un ser superior; 2. Los millennials adoptan un modelo de felicidad y éxito en el que no es necesario conformar una familia o conseguir una propiedad; y 3. Los jóvenes profundizan el escepticismo sobre la legitimidad del Estado (ALONSO, GARCÍA Y SILVA, 2020), pues en algunos casos la su incapacidad para generar garantías a las poblaciones más vulnerables, ha generado movilizaciones que, a pesar de la estigmatización, logran escapar a la trampa reduccionista, y en cambio, se proyectan desde las bondades que tienen la revolución de las tecnologías.

Pese a las alertas que generó una versión 2.0 del modelo TFP, este

se dio en contextos mediados por el respeto a los acuerdos generados en las transiciones a la democracia en el Cono Sur o al debate sobre las nuevas libertades con el fin de la URSS. El discurso agresivo y contrarreformista se mantiene, pero existe un seguimiento minucioso de potenciales abusos que se cometan en el derecho a pensar otros mundos posibles.

En Colombia el caso fue distinto: ante la idea romántica de un régimen democrático estable (oculto en un frente nacional bipartidista) en la década de los ochenta, la ausencia de un acuerdo de paz con las guerrillas de izquierda en la década de los noventa y el salto vertiginoso e improvisado hacia la aldea global (condimentado de manera forzada por un ingenuo “Bienvenidos al futuro”, emitido por César Gaviria, presidente elegido en 1990), el modelo TFP se mimetizó con la figura de Pablo Escobar en estructuras ilegales, violentas y reaccionarias, pero con capacidad de mantener el control social a través de un sistema de prebendas y cooptación del Estado: “Bienvenidos a la narcocultura”.

Adicional a esto, es fundamental recordar que en Colombia el modelo TFP ya había sido adoptado desde los fundamentos sociojurídicos de la Constitución de 1886, lo que abrió las puertas a un país centralista y excluyente (ESPINOSA: 2007). Las élites no mostraron esfuerzos por readaptar el concepto de democracia, y por el contrario se mostraron indolentes frente a la aparición de grupos armados ilegales (guerrilla y paramilitares) y líderes carismáticos, pero ilegales como Pablo Escobar. La reacción a estos fenómenos fue tardía y se limitó a la moralización de los fenómenos y a reaccionar de manera violenta solo cuando afectaban sus intereses (Pablo Escobar y su intento de llegar al Congreso de la República) o ponían en peligro los esquemas axiológicos de la TFP (La guerrilla de las Farc):

El Estado desplegó la mentalidad elitista y las prácticas excluyentes que caracterizan al “neoconservadurismo” un tipo de modelo cultural en el que “la cultura

[es] entendida como orden y tradición, frente a otros conceptos de cultura más cercanos y centrados en la defensa de los ideales ilustrados y sus influencias sobre un modelo de democracia social y cívica” (MUÑOZ, 2005 citado por PLAZOLA, 2014, p.108)

### ***PABLO ESCOBAR: EL NARCOTRAFICANTE CENSURADO, EL CONTRARREFORMISTA LEGITIMADO***

La figura de Escobar mitificada, apologizada y moralizada en miles de productos literarios, periodísticos y audiovisuales ha cumplido con el sueño del capo del narcotráfico: permanecer en la memoria de los colombianos. Este apartado se limita a presentar algunos de sus discursos emitidos en la década de los noventa y que no tienen interpretación de un relato ficcionado (narcoseries) o periodístico, pues sufre el riesgo de quedar sin la esencia narrativa que lo proyecta como un sujeto que logra articular el modelo TFP como un estilo de vida riesgoso, violento e irruptor, pero conectado con las demandas sociales e incluso con una narrativa legitimada de resentimiento y enfrentamiento de las élites. Aunque las élites (oligarquía) comparten los principios axiológicos de Escobar, el pueblo se decantará por el jefe del Cartel de Medellín al sustentar el modelo TFP con una práctica paternalista y de cercanía al pueblo, al mejor estilo de “Un Robin Hood paisa” (REVISTA SEMANA: ABRIL, 1983).

***Dimensión de la propiedad:*** Desde los inicios de su proyección como personaje público, Escobar se proyecta como un hombre para el pueblo. En el periódico Medellín Cívico se hace apología de Escobar, pero no difiere del trabajo que han hecho los medios tradicionales en el momento de posicionar a los candidatos de partidos tradicionales y

originarios de élites políticas. En este punto, se deja clara la intención de Escobar por influir en la vida política, siguiendo las mismas estrategias de la élite política, pero con la diferencia de no encontrar eco por estar en un sector económico que estaba en el ámbito de la ilegalidad. El capo recurre de manera frecuente a las obras como ejes conductores del apoyo social y del cubrimiento de un vacío (las promesas de los políticos en épocas de elecciones y el posterior olvido de las comunidades que confiaron en planes y proyectos para mejorar su calidad de vida), y hace alarde de los sectores de la sociedad civil que lo apoyan:

**(MEDELLÍN CÍVICO: ENERO, 1983)** P.E: “Tengo muy buenos amigos en la iglesia, obispos, sacerdotes, médicos, abogados, en los barrios populares, pero mis mejores amigos están en la comunidad de los tugurios, en el basureo municipal. Muchas gracias”

Al narrar la historia de sus luchas cívicas Escobar es estratégico en hacer referencia constante a su condición económica de hombre poderoso, pero humilde. Sin embargo, la cercanía de Escobar con los habitantes de las comunas y su aspecto desparpajado, generan que su discurso tenga credibilidad y representatividad entre los beneficiados con las obras. Para el narcotraficante es de vital importancia recalcar que sus riquezas no provienen de un golpe de suerte, sino que hace parte un proceso y un trabajo realizado durante muchos años. Las escenas paradigmáticas de la ficción televisiva están soportadas en el exotismo que representó para la historia de Colombia que un hombre de negocios se preocupará por construir obras civiles (sin exigir reducción de impuestos del Estado).

La visión de Escobar es aún más compleja cuando se leen sus columnas de opinión (en su faceta de periodista), y habla de reformas rurales, planeación urbana y necesidad construir un partido con enfoque en temas ecológicos.

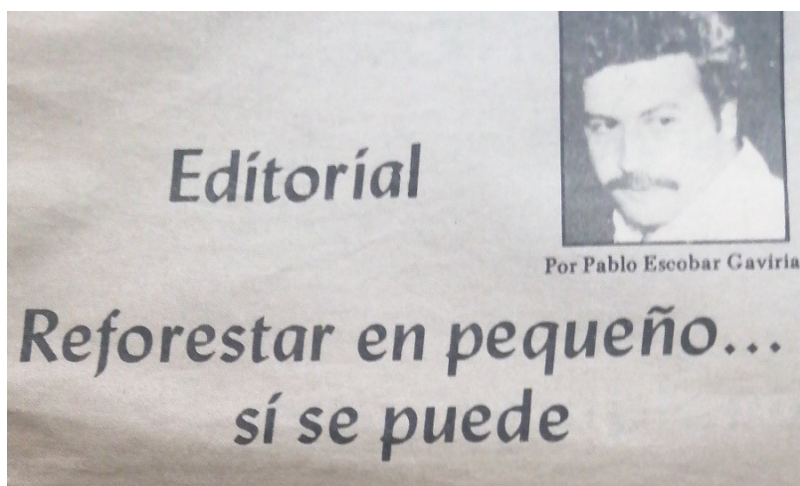


Imagen 4. Escobar propone reformas rurales. Fuente: Periódico Medellín Cívico.

Esta visión refleja no solo un interés de Escobar por la política, sino propuestas que en ese momento no eran impulsadas por las élites políticas que todavía seguían considerando a Colombia como un apacible pueblito rural. La irrupción de este discurso y la fundación del movimiento “Civismo en Marcha”, demuestran que hubo una sociedad que abrió paso para que un actor desde lo ilegal abriera el debate a temas que se mantenían en silencio y daban cuenta del desinterés por temas urgentes para una Colombia que crecía en población, tenía una movilización voluntaria (migración) o forzada (desplazamiento), ya fuera por condiciones económicas, o resultado del conflicto armado en zonas rurales. En este escenario, surge Escobar, no como un elemento excepcional (como quiere verse), sino como un elemento estructural en la historia de Colombia.

La visión de un planificador y formulador de política pública no aparece en la construcción ficcionada y documentada del personaje, y suele pasar de manera rápida para adentrarse en el periodo de la guerra contra el Estado. Por supuesto, que no se trata de una desinteresada visión ciudad y región, sino de una preparación sobre las implicaciones

que traía el negocio de las drogas ilícitas. Al cultivarse en zonas rurales, parece que el discurso de tiene una preocupación por la ecología y en este sentido el contrato narrativo hacia temas ecológicos y de reforestación, aunque pueden ser retóricos, constituyen una novedad en la visión que se tiene de Escobar (terrorista y criminal).

Este discurso civista de Escobar no tiene mayores confrontaciones, aunque se destaca un hecho que fue reportado por Medellín Cívico, cuando la Secretaria de Educación cuestiona a Escobar por realizar obras públicas sin tener los permisos de las entidades encargadas de administrar los lugares donde se ejecutan. Escobar responde:

**(MEDELLÍN CÍVICO: ENERO, 1984):** “No solo no hemos “tomado” el escenario deportivo del barrio Santander, sino setenta y nueve instalaciones más, y lo hemos hecho con el exclusivo propósito de reconstruirlas, adecuarlas, dotarlas, iluminarlas, llenando así el vacío creado por la indiferencia, la apatía, la negligencia y la irresponsabilidad de la Administración Municipal y, muy, especialmente, la dependencia confiada a su dirección. Trabajamos en favor del pueblo porque lo conocemos de cerca, lo conocemos y lo respetamos...”.

El periodismo ha intentado moralizar estas obras como una estrategia de Escobar para lavar dinero y limpiar su imagen, pero no son claras las evidencias que demuestren un interés calculador de Escobar por ejecutar estas obras sin considerar las necesidades que tenían dichas comunidades y su olvido histórico por parte del Estado (o aún peor, las élites económicas no han hecho esfuerzos por lavar su imagen con obras sociales). Todavía es un misterio entender por qué Escobar proyecta la dimensión de la propiedad privada como un aspecto que podía ser subvencionado a los menos favorecidos. En la serie *Narcos* de Netflix se ironiza sobre esta situación:

(NETFLIX: 2015): “Yo no soy una persona rica, yo soy una persona pobre con dinero”.

Por último, se refrenda la estrategia del discurso populista en la que se debe acudir a la vida privada (y ejemplar) del líder (una persona que tiene los mismos valores que el pueblo y así generar empatía y solidaridad por el héroe que enfrenta complejas misiones. Buen cristiano, protector de su familia, incansable trabajador):

(ENTREVISTA A YOLANDA RUIZ: 1988): Yo he sido un hombre que me considero feliz, siempre he estado contento, siempre he estado optimista, siempre he tenido fe en la vida porque yo pienso que los momentos difíciles siempre aportan, aportan a la experiencia y es lo más grande que pueda tener una persona en la vida su experiencia. Sí, yo soy feliz porque tengo una familia a quien amo mucho y con quien comparto todo lo que tengo, esa es mi felicidad principal mi familia”.

***Dimensión religiosa:*** Escobar refuerza la tendencia de la mafia a tener relaciones cordiales con la religión católica a través de la empatía del discurso del perdón y arrepentimiento pregonados por el catolicismo. El capo instrumentaliza un intercambio epistolar con una figura clave en la cohesión axiológica que generó la religión católica en la sociedad colombiana: se trataba del Padre Rafael García Herreros, Fundador de la Orden Minuto de Dios y uno de los sacerdotes más recordados en Colombia por sus obras sociales y su aparición en televisión con el aún vigente programa “El minuto de Dios”. El religioso toma el rol de ayudante de Escobar al mediar con el gobierno desde una postura del perdón de los pecados y la redención del hombre, perspectiva que le viene bien a Escobar y que significarán beneficios para la compañía religiosa, cuando en su momento el narcotraficante dona terrenos a las obras de caridad impulsadas por García Herreros (el

sacerdote con astucia justifica la acción como un hecho menor, pues “Las obras de Dios no tienen ojos”).

García Herreros legitima a Escobar e incluso le dedica varios programas con la excusa de creer en la redención del narcotraficante. El resultado parcial fue exitoso, pues el gobierno acepta que Escobar se entregué en una cárcel construida por él mismo y bajo la condición de tener al sacerdote como garante de la negociación. Los registros fotográficos no solo dan cuenta de una estrecha amistad, sino de la conexión armónica, pero ambigua entre la religión y la ilegalidad -excusada en la posibilidad de la redención-.



**Imagen 5.** Padre García Herreros en compañía de Pablo Escobar. **Fuente:** Proyecto Pablo Escobar.

Luego de fugado Escobar, comienza una angustia del capo por volver a buscar espacios de legitimación y conexión con el imaginario católico del colombiano. En una de sus declaraciones, Escobar refuerza la idea de una cultura en la que predomina la creencia religiosa sobre el Estado de derecho y sus instituciones:

**(PERIÓDICO EL NUEVO SIGLO: SEPTIEMBRE, 1992) (N.S):** ¿Reconoce haber cometido alguna vez un crimen o haber mandado matar a alguien?  
(Pablo Escobar): Esa respuesta sólo podría dársela a un sacerdote en el confesionario.

Después de la muerte de Escobar, su figura, contrario a desaparecer, sufre un proceso de mistificación en la cultura popular, hasta el punto de convertirse en una figura religiosa que tiene peregrinos y fieles que solicitan favores y peticiones. El Capo ha dejado el mundo terrenal en el que inauguraba canchas deportivas, repartía dinero y organizaba estructuras sicariales para garantizar a los jóvenes un futuro corto, pero prometedor para sus familias. Ahora ascendía para erigirse como un ser sobrenatural que tendría mas poder desde otras dimensiones. En la serie narcos (capítulo 7), se visibiliza esta situación cuando en una escena, los agentes de la DEA interrogan a una de las víctimas de Escobar, que pese al daño que le había causado el narcotraficante (asesinó a su esposo), mantenía un cuadro religioso del capo:

Agente Javier Peña “Natalie, tu novio, Jaime, ¿él andaba con los sicarios de Pablo?”.

Joven: No

Agente Javier Peña: “Entonces, ¿Por qué tienes este cuadro (religioso) de Pablo en la casa?”

Joven: “Normal. Todo el mundo en la comuna lo tiene”.

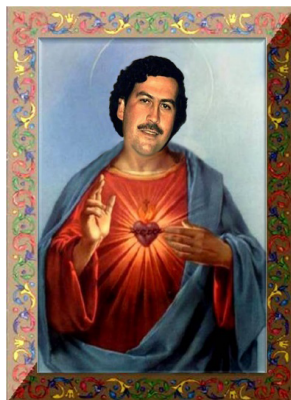


Imagen 6. Imagen ficcionada en Netflix.

Fuente: capítulo 7. Serie “Narcos”.

Imagen 7. Imagen retratada en la cultura

popular. Fuente: revista enfoque.

***Dimensión de familia:*** el meticuloso cuidado de Escobar por la estructura familiar le valió ser asesinado por el Bloque de Búsqueda, quien teniendo a sus seres queridos como rehén en un hotel Bogotá, despertó el desespero de Escobar. El narcotraficante intenta renegociar condiciones de entrega e instrumentaliza una vez más el discurso de los derechos humanos, esta vez dirigido a la vulneración que estaban sufriendo su madre, esposa e hijos. Por supuesto, esta manipulación hacia el interés por las actividades familiares, le permitía relativizar la responsabilidad de sus acciones criminales:

**(PERIÓDICO EL NUEVO SIGLO: SEPTIEMBRE, 1992):** Se han revelado toda clase de actividades en la cárcel: fiestas, orgías, etc... ¿Qué fundamento tienen estas versiones? ¿Cuál es su relato de la vida que allí se llevaba?

**(P.E):** Fiestas hubo dos. La fiesta del día del Padre y la fiesta del Niño, el Día de las Brujas. De los 15 presos que había, 13 teníamos niños y uno de los reclusos se vistió de mujer y se colocaron unas bombas y se repartieron unos confites. Pero el fiscal se asquea por esto y

le dio mucho asco haber encontrado una ropa interior femenina. Nosotros teníamos visitas conyugales permitidas como en casi todas las cárceles de Colombia. Si alguno vio orgías es porque estuvo participando en ellas. Ante todo, nosotros tenemos familia.

Los acercamientos que empiezan a existir con sus familiares ya dan cuenta de la identificación de una debilidad y de una narrativa de manipulación de sus enemigos, quienes encuentran en este punto, un motivo para que Escobar despliegue todo suerte de comunicados desesperados que hasta el final de sus días tenía como objetivo de salvar a su familia, y que de paso ha servido para explotar la imagen del narcotraficante con la venta de libros que muestran su lado humano, y en la que su hijo se erige como representante del perdón que debía emitir su padre (sin dejar de lado la dimensión humana que lo caracterizaba). Estas ideas imaginarias, pero seductoras son para Palaversich, (2015):

Si bien es cierto que la serie muestra el lado calculador y asesino del capo, no es ésta la imagen que persiste cuando llega al final. Tal como ha ocurrido en la vida real, lo que perdura es la imagen de un macho valiente y astuto, un berraco paísa que surge de las capas menos privilegiadas y sacude los cimientos de una sociedad tradicional y osificada en la cual, hasta la llegada de los narcos, la vieja oligarquía y el gobierno que la representaba poseían el derecho exclusivo a la riqueza, el poder y el uso de la violencia. También queda en retrato de un hombre que buscaba afanosamente el poder y reconocimiento social, que por encima de todo amaba a sus hijos y su familia, que veneraba a su madre y que, “a pesar de su gran fortuna, no olvidó jamás su origen popular y su condición inicial humilde” (Betancourt, 196). (p.352).

De manera constante, su hijo Juan Pablo, llama la atención sobre el reconocimiento de los crímenes de padre, no sin antes advertir que

le es imposible juzgarlo porque lo recuerdo como un hombre de familia. Situación que el mismo Capo se encarga de refrendar:

(ENTREVISTA A YOLANDA RUIZ: 1988): No, nosotros nunca hemos ofrecido dinero, el problema nuestro es un problema de dignidad, a nuestras familias las han atropellado, ha habido represión, allanamientos, saqueos a nuestros hogares, el problema nuestro no es un problema de dinero, es un problema de dignidad.

Escobar acude de manera hábil al imaginario social que establece la prioridad de la familia a pesar de las luces y sombras de un ser humano. Así, encamina su acción terrorista como una dimensión a la que se ve obligado a enfrentar por la prohibición del negocio de la cocaína, pero sin dejar a un lado su amor por sus seres queridos, incluso con consejos y recomendaciones a sus hijos sobre la necesidad de respetar las opciones sexuales que han tomado homosexuales y lesbianas – como queda retratado en el intercambio epistolar que tiene con la periodista Silvia María Hoyos- (JULIO, 1991). En síntesis, Escobar dejó como herencia que se puede ser criminal, pero buen padre de familia, amoroso esposo y considerado hijo. La serie *Narcos* (capítulo 8), ironiza al respecto cuando Escobar dice:

“No hay nada más lindo ni más importante en la vida que es. Que estamos pues aquí, juntos...unidos. Y vamos a comer y disfrutar de esa comida maravillosa”.

En la foto se refuerza la idea de mostrar la familia funcional e imaginada del colombiano (más adelante se observa que la composición estadística de las familias en Colombia dista de esa realidad). Escobar sabe que la conexión de temas familiares hace parte del esquema axiológico de los colombianos, y con ello conecta la idea de luchar sin importar los medios. Como consecuencia de esta instru-

mentalización, se lleva a confundir la idea del afecto socioafectivo con una hiperindividualización del colombiano que impone los intereses particulares a la construcción de una esfera pública, donde confluyan prácticas deliberativas y no ideas asociadas a satisfacer las necesidades primarias del núcleo familiar.



Imagen 8. Familia de Pablo Escobar. Manuela (en brazos de Pablo Escobar - hija), Juan Pablo (hijo) y Victoria (Esposa). Fuente: Periódico El País (2019, enero).

### ***TFP VERSIÓN NARCO***

En Colombia, la institución formal de la TFP nunca se articuló con el Estado ni con sus instituciones. Los valores que defendían no fueron difundidos por el gobierno, ni siquiera en el periodo de la dictadura “democrática” que tuvo el país en la mitad del siglo XX, a diferencia como sucedió en los países del Cono Sur donde las dictaduras militares promulgaban los valores de la tradición, familia y propiedad.

Pero en Colombia lo que sucedió fue que el modelo TFP fue readaptado por otros fenómenos que también estaba desarrollándose en la segunda mitad del siglo XX: el narcotráfico (MEDINA, 2012) y el paramilitarismo en Puerto Boyacá (MEDINA: 1990).

La economía del tráfico de drogas y su incidencia en la configuración de un nuevo escenario delincuencial, organizó una fuente de financiamiento, por lo que este nuevo negocio no era mal visto y aunque :

Los ingresos económicos de estas economías pueden venir del desarrollo de distintas actividades completamente ilegales con apariencia legal [...] Es allí donde se cimienta el enorme poderío económico y la influencia en las estructuras sociales, políticas y económicas de los países afectados por tales organizaciones. (PONTÓN, 2013, p. 137)

Y es por este poder económico es que el narcotráfico que se va erigiéndose como un nuevo sistema social que regula comportamientos y determina el sistema de valores a obedecer a través de sistemas discursivos y simbólicos (a las buenas -plata y consenso- o a las malas -plomo y coerción-) (DUNCAN: 2015). Valores que en su mayoría estaban adheridos al modelo TFP y lo aceptan para posicionarlo de manera silenciosa y sin los riesgos que ofrece la exposición pública con rituales que generan rechazo social en sectores progresistas (como ya se advirtió en el caso del Cono Sur). En otras palabras, el modelo TFP en Colombia evita proyectarse como una secta de privilegiados, y se enfoca en anclarse a través del imaginario popular, con relatos y simbolismos que borran la frontera entre lo legal e ilegal, para insertarse en el terreno de lo legítimo.

En la *dimensión religiosa*, dota de misticismo su narrativa de crimen, adrenalina y aventuras (como la estereotipada imagen de la sica-

ria Rosario Tijeras que reza sus balas antes de ir a cumplir con la misión, la cual no se aleja de la icónica oración de Iván Duque, presidente de Colombia para que bendiga los destinos de su mandato).



Imagen 9. La religiosidad del narco.  
Fuente: captura de película Rosario Tijeras.  
Archivo de autores.



Imagen 10. La religiosidad de los gobernantes.  
Fuente: presidente Duque ora a Virgen de Chiquinquirá. Sahagunenlinea.com

Un aspecto constante en la caracterización de la narcocultura son las aspiraciones y deseos que puede generar. Los elementos simbólicos contenidos en ella crean representaciones e imaginarios sociales sobre el tráfico de drogas, que llegan a configurar un mundo de vida con estilos, valores y patrones de comportamiento propios, y seducen a una gran cantidad de personas al convertirse en anhelos que van desde el consumo y apropiación de los contenidos simbólicos, hasta la incorporación en actividades del narcotráfico. Becerra (2018) afirma que:

la narcocultura se ha efectuado desde diversas perspectivas que toman en cuenta, tanto su producción y difusión, como su consumo. Entre ellos sobresalen, por su cantidad, los orientados al narcocorrido, aunque también resaltan los estudios sobre series televisivas, religión, arquitectura y literatura. Otra vertiente de estudios vincula a la narcocultura con temas sociales como la identidad, el género, los jóvenes, la marginación social y las violencias urbanas. De igual manera,

se han analizado las representaciones, imaginarios y elementos simbólicos contenidos, y su relación con los procesos de institucionalización y legitimación social del narcotráfico. (p.34)

En esta visión, la narcocultura se acerca a lo que podría ser la forma o estilo de vida que caracteriza a los sujetos y grupos sociales involucrados en el consumo y tráfico de drogas, y donde las expresiones estéticas o artísticas complementan y dan forma a un estilo de vida donde se integra violencia, extravagancia y prácticas profanas con una reverencia a la mitología de la religión católica, la sacralización del núcleo familiar y el respeto receloso de la propiedad privada, es decir al modelo TFP. Incluso, existe espacio para la responsabilidad social, como lo plantea Pérez-Rayón (2006):

Los grandes capos de la droga desempeñan roles sustitutos del llamado Estado benefactor. Para la captación y manipulación de clientelas urbanas, sobre todo sectores medios y populares, los narcos aparecen como mecenas. Reparten entre los pobres, en colonias y reuniones sociales o políticas, dinero y bienes de consumo; apoyan la construcción de viviendas de bajo costo en suburbios y ciudades perdidas; contribuyen al mejoramiento de lugares públicos y a la conformación de centros recreativos, y participan en actividades deportivas o las apoyan. (p. 149)

En la misma línea se encuentran las personas que creen en la narcocultura como estilo de vida; en Colombia, el modelo TFP comparte la idea católica del mundo del narcotráfico.

Un factor fundamental es el fuerte arraigo popular que tiene la religión en amplios y diversos grupos relacionados con el tráfico de drogas, lo que denota el impacto que tienen las figuras simbólicas, así como la fuerza y

poder que pueden lograr. En este sentido, la religión es una de las formas simbólicas más analizadas por la fuerte presencia que tiene en el narcotráfico. El constante acercamiento de los traficantes con la violencia y la muerte genera la necesidad de buscar protección en figuras sobrenaturales a quienes se pueda encomendar la buena fortuna y sobrevivencia. (BECERRA, 2018, p.20).

En este sentido, el narcotraficante mantiene dentro de sus creencias religiosas fuertes manifestaciones de fe de la denominada religiosidad popular. En países como México, sus creencias religiosas están relacionadas algunas veces con la virgen de Guadalupe, Jesús Malverde, la santa muerte; en Colombia la devoción está dirigida hacia la virgen del Carmen, El sagrado corazón de Jesús, y San Judas Tadeo. En general, estas creencias religiosas están enfocadas para mantener la tradición heredada por sus ancestros para sentirse protegidos, pues surge la necesidad de encomendar las acciones ilegales a un ser superior que intercederá por ellos, sabiendo que detrás de todo el tema del narcotráfico existe delincuencia, conflictos, muertes y necesitan ser absueltos, libres de pecados, y así lograr la anhelada indulgencia.

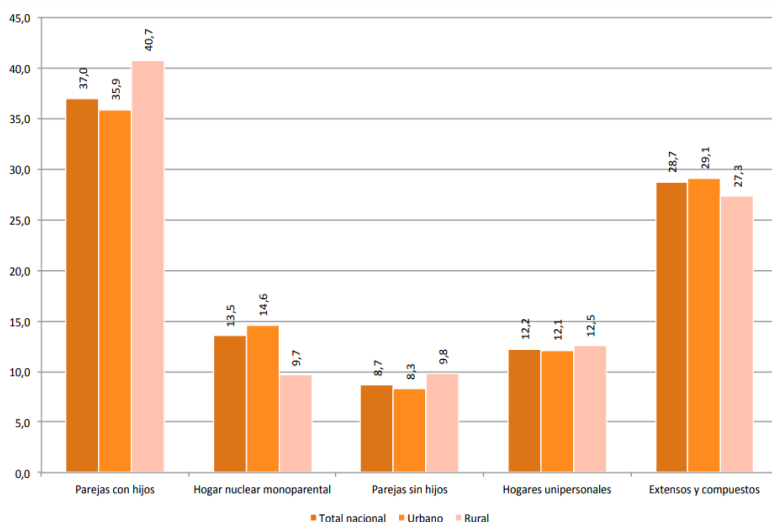
En la *dimensión de la familia* se ha constituido como ese pilar fundamental en cualquier sociedad. Se le considera como esa entidad que contribuye en el desarrollo integral de las personas, además la familia es vista como ese un lugar de afecto, refugio, crecimiento y apoyo. Y así lo concibe también el narcotraficante, ya que siempre va a poner por encima de cualquier situación, la tranquilidad y el beneficio de su familia.

En Colombia la figura de la familia es de suma importancia, una encuesta desarrollada en Bogotá por la Secretaría Distrital de Planeación y la Universidad de La Sabana en el año 2017, da como resultado que el 53,4% de las personas encuestadas consideran que la familia

lugar donde se aprenden valores y principios para la vida, el 34,4 % considera que es un espacio donde se construye el afecto y un 22,94% la considera como el núcleo de la sociedad. Lo que da cuenta que la familia es percibida aún en el país como ese ente primordial dentro la sociedad, y que es algo elemental y necesario en la vida de las personas.

Por otra parte, según el estudio realizado en el año 2018 por el Observatorio Nacional de Familias en el boletín de “Política de la Familia: Vigésimo aniversario del Año Internacional de la Familia” argumenta que:

Las familias más numerosas en términos de la cantidad de integrantes se ubican en la Costa Atlántica y la Pacífica, y las de menos integrantes se ubican en San Andrés y Providencia y Bogotá. Al indagar sobre los factores que inciden en este comportamiento surgen una variedad de posibles elementos, entre ellos está el nivel económico de la región, calidad y acceso de los servicios de salud, tasas de fertilidad, aspectos de la posición patriarcal dentro de las familias, e incluso el impacto de programas del Gobierno Nacional que inciden en el comportamiento de las familias, entre otros. (p.9)



**Gráfico 1.** Porcentaje de hogares según tipo y área. **Fuente:** Observatorio Nacional de Familias, 2018.

Por lo tanto, de dicho estudio se puede analizar que, como producto de los cambios en las dinámicas familiares, se observa un mayor porcentaje de hogares nucleares monoparentales con líder femenina en un (80,7%) frente a las familias nucleares monoparentales con líder masculino (19,7%). San Andrés y Providencia (92,6%) y el Valle del Cauca (86,1%) sobresalen por presentar altos porcentajes de hogares con mujeres cabeza de hogar sin presencia del cónyuge. Por su parte, la región de Orinoquía y Pacífica se encuentran los mayores porcentajes de hogares nucleares con líder masculino sin cónyuge (29% y 24% respectivamente).

De esta manera, partiendo del análisis de las cifras expuestas en el párrafo anterior, es evidente cómo en el país se lucha por mantener la figura familiar, independientemente de quién sea el líder cabeza de hogar si hombre o mujer, o en casos donde aún se conserva el concepto tradicional de familia, donde existen papá y mamá. Es importante resaltar, que Colombia, sólo un 51% de la población en edad escolar vive con su madre y padre en el hogar. La presencia de ambos padres en el hogar pierde participación en los grupos de edad mayores, así, mientras un 55% de los niños de 5 años vive con ambos padres, para los jóvenes de 15 y 16 años esa proporción baja a 46%.

No obstante, en la mentalidad social se insiste en la necesidad de mantener la figura heteropatriarcal como mito fundacional. Dicho elemento es retomado por los narcotraficantes que remasterizan a Vito Corleone “El Padrino” y su mensaje de administrar los secretos y los negocios en familia. Cuando el negocio no es sólo un negocio, sino también la forma de subsistencia familiar, guardar los secretos y los trapos sucios se antoja más importante que nunca. Para un patriarca como Don Vito Corleone y Pablo Escobar, está claro que crear familia no era una cosa implícita, sino una acción de cada día. E incluso esa voluntad de crear comunidad se aplicaba a sus socios no sanguíneos, tejiendo así una red que puede salvar la vida en los malos momentos.

Ir en contra de la familia, se puede traducir como un acto de deshonestidad y falta de principios y valores, los cuales pueden deshonorar el apellido y motivo de no perdón.



Imagen 11. La familia es lo primero.

Fuente: película El Padrino.



Imagen 12. La familia es lo primero.

Fuente: accionfamilia.org.

En la *dimensión de la propiedad*, la distribución inequitativa de la tierra y la imposición de los terratenientes con un enfoque de capitalismo acumulativo, se convertirá en el motor del conflicto armado en Colombia (CENTRO DE MEMORIA HISTÓRICA: 2013), y una excusa ideal para que los narcotraficantes se encaminaran al mismo proyecto de apropiación coercitiva de la propiedad rural, pero con la diferencia de generar posibilidades laborales para los campesinos (aunque esto signifique la desinstitucionalización en el monopolio de la violencia estatal) (GONZÁLEZ: 2020).

No existe un balance satisfactorio sobre las políticas de tierras y de reforma agraria en Colombia. Menos aún una historia de las políticas que incluya los contextos y circunstancias que explican las políticas, ni de sus impactos en la estructura agraria. Sin embargo, este balance es esencial si se quiere aprovechar la experiencia para transformar el mundo rural para consolidar la paz y desbloquear el desarrollo y la democracia. Con base en la desigualdad en la repartición de la tierra, el narcotráfico aprovechó y revalidó el interés por la acumulación de

tierra, la reforma rural y en términos de MOORE (1973), la ausencia de pactos entre élites para consolidar un capitalismo de corte productivo. En palabras del Centro Nacional de Memoria Histórica (2018):

El narcotráfico ha jugado un papel destacado en los conflictos armados y territoriales en las últimas cuatro décadas, desde los primeros cultivos de marihuana a finales de los años setenta y la expansión de los cultivos de coca desde comienzos de los ochenta. Por una parte, el control de los campos de cultivo y laboratorios, para establecer regulación del mercado ilegal y tributación a todos los eslabones de la industria de las drogas, por parte de las guerrillas, especialmente de las FARC, y posteriormente por los paramilitares. (p.75)

Sobre la distribución territorial de las compras por narcotraficantes Reyes (1996) afirma que:

Los departamentos con mayor proporción de municipios con compras de tierras por narcotraficantes eran: Valle (85,7 por ciento), Córdoba (84,0 por ciento), Risaralda (71,4 por ciento), Antioquia (70,9 por ciento), Magdalena (66,6 por ciento), La Guajira (66,6 por ciento) y Bolívar (51,4 por ciento) (p.303)

Esta compra de tierras excesivas en el Sur del Magdalena Medio, el Bajo Cauca antioqueño y el Ariari en el Meta, generaron el epicentro del surgimiento del paramilitarismo en Colombia, toda vez que el Cartel de Medellín y la organización de narcotráfico liderada por Gonzalo Rodríguez Gacha adquirieron extensas propiedades. Es importante mencionar el impacto que tuvieron los cultivos de coca en el país, en especial a partir del Gobierno de Ernesto Samper Pizano en 1994, cuando se empezaron a tomar medidas frente a las fumigaciones a dichos cultivos, pues los cultivadores no dudaron en reaccionar.

Con la realización de marchas y paros regionales en Caquetá, Guaviare y Putumayo en 1996, en las cuales jugaron un papel las guerrillas de las FARC. El Gobierno creó el Programa de Desarrollo Alternativo y más tarde el Plante, para impulsar cultivos diferentes a los ilícitos. Los paros sirvieron de detonante para agravar las situaciones de violencia, pues los grupos paramilitares enviados por los Castaño se establecieron en la región e igualmente las FARC arrecian ataques contra la fuerza pública, como la toma de la base militar de las Delicias en Puerto Leguízamo, Putumayo, donde mataron a 56 militares y retuvieron a 60 (CNMH, 2018, página 519).

Por lo tanto, la adquisición de tierras, para los narcotraficantes, fueron una inversión segura y valorizable, con baja tributación y regulación estatal, que además les permitía influir en los ámbitos locales y que podían ofrecerles la seguridad personal en haciendas custodiadas, a salvo de las guerrillas. La mayor ventaja para los narcotraficantes, sin embargo, fue la de convertirse en aliados de la seguridad de los grandes propietarios tradicionales y en apoyos clandestinos de las Fuerzas Armadas en la lucha antisubversiva, que les dio grandes ventajas políticas y amplios espacios de legitimación social.

### ***CONSIDERACIONES FINALES***

Aunque la institucionalidad de la TFP no tuvo el desarrollo organizacional de las experiencias del Cono Sur ni se desarrolló en el contexto de las dictaduras, el capítulo evidencia que la articulación entre el modelo TFP, Pablo Escobar y la narcocultura en Colombia se ha visto reflejada en aspectos como la construcción de nación, el estilo de vida, la manera de ascender económica y socialmente, el régimen prohibicionista frente al consumo de diversas sustancias consideradas

dañinas e ilegales y también, la estética y la ética de las personas. Como lo plantea ABAD (1995), estamos ante una *narcoestética* que tiene como punto central el exhibicionismo del dinero y una cultura de la ostentación, usualmente relacionada con un ascenso social vertiginoso que supone un consumo excesivo reflejado en bienes materiales como carros, fincas, caballos, edificios y moda exótica que no le interesa competir contra la cultura conservadora de los colombianos (RINCÓN; 2013). BEdoYA (2006) complementa este argumento cuando afirma:

Pablo Escobar el jefe del cartel de Medellín prácticamente “pasó inadvertido para el conjunto de la sociedad colombiana entre 1976 y 1982, mientras acumulaba capital y construía su gran emporio de financiamiento y exportación de cocaína” a la par que se destacaba como gran benefactor social, en particular del deporte y barrios de invasión. A partir de la exclusión de Pablo Escobar del grupo político liberal que lo respaldó para en 1982 llegar a la Cámara de representantes, de su pérdida de investidura en el Congreso y de la arremetida desatada por el gobierno del presidente Belisario Betancur luego del asesinato de su Ministro de Justicia el 30 de abril de 1984, Escobar será protagonista de múltiples acciones de violencia en la ciudad y en el país hasta su muerte el 2 de diciembre de 1993 (p.103-104).

El espectro ideológico de los colombianos se ubica a la derecha con profundas raíces soportadas en los más enraizados principios axiológicos de la TFP y sus variaciones neoconservadoras del siglo XXI. En un análisis sobre la escala de valores de los colombianos, Gaitán (2010) advierte esta constante histórica:

hoy Colombia es mayormente una sociedad tradicionalista entre las más tradicionalistas del mundo, alérgica al racionalismo en cualesquiera de sus vertientes...

Esto explica que los profetas y apóstoles del racionalismo secular - casi todos refugiados en sus roles de académicos, de tecnócratas o de columnistas endogámicos, pues sólo debaten entre ellos mismos pero se autodenominan “formadores de opinión”, que se desgañitan tratando de convencer a los ya conversos, cuyos niveles educativos son desproporcionadamente altos con respecto a una insensible población-objetivo que no entiende un discurso tan elaborado. Este proyecto político de largo plazo ha intentado imponer en Colombia desde 2002 un Estado Comunitario de tipo corporativista, con base en lo que parece una compleja coalición de terratenientes, militares, grandes empresarios tradicionales, banqueros, contratistas del Estado, las iglesias - católica y los “cristianos” - a través de órganos intermediadores como los “partidos” o movimientos políticos y los gremios, todos apoyados en grupos locales de poder financiados esencialmente con recursos públicos y por el narcotráfico.

La tendencia al personalismo privado sobre la deliberación de la vida pública proyecta una sociedad que legitima que sean en los individuos y sus intereses los que dirijan las soluciones sin ahondar mucho en las vías que utilice para lograrlas. Esta forma de arreglar nuestras diferencias genera un problema más grave y es que cuando se descubren los desfases, no se asume responsabilidades y se delega a otro individuo la solución del problema. Caballero (2000) expone esa mentalidad simplificadora del miedo a la “otredad” y delegataria de “personalismos” al contraargumentar los argumentos de Plinio Apuleyo a la pregunta ¿Por qué Colombia necesita una derecha? Una cita extensa que vale la pena leer:

Colombia no necesita una derecha, como me dicen que dice en esta misma revista Plinio Apuleyo Mendoza, en un artículo del cual sólo conozco el título pero que, en cuanto salga, leeré con indignación. Porque Colombia

no necesita una derecha: tiene derecha de sobra. Todo es de derecha aquí. No sólo el propio Plinio Apuleyo Mendoza es de derecha; ni únicamente ese que llaman “candidato presidencial de la derecha”, Álvaro Uribe Vélez. También son de derecha el presidente de la República Andrés Pastrana, y el comandante de las Farc Manuel Marulanda, y los cardenales López Trujillo y Castrillón, y el jefe de las autodefensas Carlos Castaño, y los candidatos presidenciales Noemí Sanín, que está a la derecha del Papa Wojtyła, lo cual es mucho decir, y Horacio Serpa, que se dice de izquierda pero que si lo fuera no podría ser candidato presidencial.

Derecha inconsciente de serlo. Por decirlo así: natural, como la de las fieras en la selva. Porque resulta que en Colombia no sólo son de derecha los que lo son en todas partes, y es normal que lo sean en función de sus propios intereses: los ricos, los policías, los curas, los dueños del poder y de las cosas. Sino también todos los demás. Los colombianos son —somos— visceralmente de derecha: hombres o mujeres, ricos o pobres, y cualquiera que sea el calificativo ‘político’ que nos demos a nosotros mismos: liberales o conservadores o comunistas o últimamente ‘socialdemócratas’ o ‘cristianos’, o lo que se nos ocurra.

Y nos gustan los métodos de la derecha: la violencia y la trampa. Los colombianos odiamos la libertad: queremos ser esclavos de quien sea, y además tener esclavos; y, por favor, que no se nos exija pensar por nuestra cuenta. Odiamos la igualdad: a ver si es que éste se va a creer igual a mí (digamos: a ver si Plinio Apuleyo Mendoza piensa que yo, o a ver si Antonio Caballero piensa que él... ¡por ningún motivo!) Y odiamos sobre todo la fraternidad: nos da asco.

Es que somos de derecha

Cuando en Colombia ha existido algún embrión de izquierda, sea individual o colectivo, ha sido de inmediato excluido, y a continuación extirpado, y para terminar suplantado por algo de derecha...digo, cualquier

embrión de izquierda ha sido suplantado, puesto que al ver el hueco que quedaba vacío han querido ocuparlo los oportunistas de la derecha (López Michelsen con su MRL) o los idealistas mesiánicos de la izquierda (el cura Camilo Torres con el ELN): pues ha sido tal la carencia de la izquierda en Colombia, que hasta los oligarcas y los curas han podido tomar su puesto.

Escobar ha encontrado asentamiento en la historia política del siglo XXI. No es una regla general, y múltiples sectores sociales han cuestionado la consolidación de un narcoestado, pero esta vez sin la incomodidad que representaba la exposición pública de un líder del negocio. Ahora, desde la mimetización las estructuras mafiosas controlan y capturan el Estado con funcionarios que hasta el momento han sorteado con éxito las disputas jurídicas.

Finalmente, si se insiste en comprender las empatías culturales del modelo TFP con la historia de Pablo Escobar y la consolidación de la narcocultura como 1. Un asunto de alienación, o 2. Relativización de su poder discursivo, no será posible avanzar en una reflexión conjunta, que empiece por modificar las prácticas mayoritarias que legitiman por conveniencia, convicción o miedo estos principios axiológicos. Escobar y la narcocultura perduran en el discurso y en el sistema político. La misión desde la investigación social interdisciplinaria: estudiarlo, comprenderlo y transformarlo por relatos que ofrezcan alternativas, construyan hechos y produzcan referentes. ¿De qué sirve decirle a un niño que Escobar no es un referente de vida, si lo ve cada día en la televisión o en las noticias, y cuando sale en la calle, encuentra silencios en la escuela, moralización en la familia y actos cotidiano en el que se privilegia la figura de un Patrón al que hay que obedecer y de una vida que toca sobre llevar por las buenas o por las malas?

## REFERENCIAS

- ABAD, Héctor. Estética y narcotráfico. *Número*, n. 7, pp. 6-7. 1995
- ALBERT, Ruddy (Productor). FRANCIS, Ford Coppola y MARIO, Puzo (Guionistas). Paramount Pictures. *El Padrino, Parte I*. Estados Unidos: 1972.
- ALONSO NIÑO, E.; GARCÍA JARA, R.; SILVA PERILLA, S. El Estado-Nación en Colombia como orden jurídico-político híbrido: Revisión teórica a propósito de la noción de 'Failed State'. *Verba luris*, n. 43, p. 27-44, 12 jun. 2020.
- ASTORGA, Leonel. *El siglo de las drogas* México: Espasa Calpe Mexicana. 1996.
- BECERRA, América Tonatzin. Investigación documental sobre la narcocultura como objeto de estudio en México. *Culturales*, Mexicali, v. 6, p. 1 - 36, 2018.
- BEDOYA, John. Seguridad y ciudadanía en los 90s en Medellín: el surgimiento de las empresas colombianas de protección violenta. *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies / Revue Canadienne Des études Latino-américaines Et Caraïbes*, vol. 31, n. 62, p. 87-130. 2006.
- BOHOSLAVSKY, Ernesto. Organizaciones y prácticas anticomunistas en Argentina y Brasil (1945-1966). *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v.42, n. 1, p. 34- 52, ene./abr. 2016.
- BOHOSLAVSKY, Ernesto; IGLESIAS, María Inés. Las guerras frías del Cono Sur: Argentina, Brasil, Chile y Uruguay (1945-1952). *OP-SIS, Catalão-GO*, v. 14, n. special, p. 113-133, 2014.
- CABALLERO, Antonio. Las caras de Castaño. *Revista Semana*, abril. 2000. Recuperado de <http://www.semana.com/noticias-nacion/caras-castano/13285.aspx>
- CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA (CNMH). *¿De quién es la tierra en Colombia?* Bogotá: Centro Nacional de Memoria Histórica. 2013.

CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA (CNMH). *Tierras, una contribución del CNMH al esclarecimiento histórico*. Bogotá: Centro Nacional de Memoria Histórica. 2018.

CLARKE, Richard. *Contra todos los enemigos. La lucha antiterrorista de Estados Unidos vista desde dentro*. Madrid; Taurus. 2004.

CÓRDOVA, Nery. La narcocultura: poder, realidad, iconografía y “mito”. *Cultura y Representaciones Sociales*, Ciudad de México, v. 6, n. 12, p. 209 - 2037, mar. 2012.

CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. *Revolución y Contra-revolución*. 1 ed. peruana. Lima: Asociación Tradición y Acción por un Perú Mayor. 2005.

DE PINA VARA, Rafael. *Diccionario de Derecho*. México: Porrúa. 2005.

DUNCAN, Gustavo. (2015). *Más que plata o plomo*. Debate.

ESPINOSA, Mónica. Ese indiscreto asunto de la violencia: modernidad, colonialidad y genocidio en Colombia. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, 2007, p. 267-288.

FAVELA, Alejandro. Un análisis de la política exterior norteamericana en la era Reagan. *Estudios Políticos*, no 5, 49 – 69, 1991.

GAITÁN, Jorge. ¿Qué tan conservadores somos los colombianos? *Razón Pública*, abril. 2010. Recuperado de <https://razonpublica.com/iquan-conservadores-somos-los-colombianos/>

GALVÁN, Valeria. Impacto de la Guerra Fría en el discurso político del nacionalismo de derechas argentino de los años sesenta (1955-1969). *Cuadernos de Historia*, Santiago de Chile, n.47, p, 85 – 111, dic. 2017.

GONZÁLEZ, Gloria. Violencia estructural y paz positiva: un análisis del narcotráfico en el contexto del posconflicto en Colombia. Recuperado de [https://ciencia.lasalle.edu.co/maest\\_politica\\_relaciones/7](https://ciencia.lasalle.edu.co/maest_politica_relaciones/7). 2020

GONZÁLEZ, Liborio. La guerra fría en Colombia: Una periodización necesaria. *Historia y Memoria*, Tunja, n.15, p. 295 – 330, jul./

dic. 2017.

GRANDIN, Greg. *The last colonial massacre: Latin America in the Cold War*. 2 ed. Chicago: The University of Chicago Press. 2011.

KLARE, Michael *Guerras por los recursos El futuro escenario del conflicto global*. Barcelona: Ediciones Urano. 2003.

LOAEZA, Soledad. Estados Unidos y La Contención del Comunismo en América Latina y en México. *Foro Internacional*, Ciudad de México, v.53, n.1, p.5-56, ene./mar. 2013.

MEDINA, Carlos. *Autodefensas, paramilitares y narcotráfico en Colombia*. Bogotá: Documentos periodísticos, 1990

MEDINA, Carlos. Mafia y narcotráfico en Colombia: elementos para un estudio comparado. En VELÁSQUEZ, Alejo (Coord.). *El prisma de las seguridades en América Latina. Escenarios regionales y locales*. Buenos Aires: CLACSO, 2012.

MERCADO, Andrés Y CEDILLO, Rafael. *Mundialización y terrorismo: la sociedad del “riesgo mundial”*. Convergencia, Toluca, v. 13, n. 42, p. 217-246, dic. 2006.

MOORE, Barrington. *Los orígenes sociales de la dictadura y de la democracia: el señor y el campesino en la formación del mundo moderno*. Barcelona: Península, 1973.

OLIVA, Eduardo. y VILLA, Victoria. Hacia un concepto interdisciplinario de la familia en la globalización. *Revista Justicia Juris*, Barranquilla, v. 10, n. 1. p. 11 – 20. 2014.

OBSERVATORIO NACIONAL DE FAMILIA. *Política de la Familia: Vigésimo aniversario del Año Internacional de la Familia*. Bogotá. 2018. Disponible en: <<https://observatoriodefamilia.dnp.gov.co/Documents/Boletines/bolet%C3%ADn-3---observatorio-de-familias.pdf>> Acceso el: 21 sept. 2020.

PALAVERSICH, Diana. *La seducción de las mafias: la figura del narcotraficante en la narcotelenovela colombiana*. Hispanófila, n. 173, p. 349-364. 2015.

PARKER, Cristian (Ed.). *Religión, Política y Cultura en América La-*

*tina / Nuevas Miradas*. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados Universidad de Santiago de Chile, 2012. p. 199 - 224

PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2000. Tesis. (Doctorado en Historia Económica) – Facultad de Filodofia, Letras y Ciencias Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo

PÉREZ-RAYÓN, Nora. Iglesia católica, Estado y narcotráfico. Un desafío hacia el siglo XXI. *Sociológica (Méx.)*, México, v. 21, n. 62, p. 139-173, dic. 2006. Disponible en: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0187-01732006000300139&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-01732006000300139&lng=en&nrm=iso)>. Acceso el: 20 sept. 2020.

PETTINÁ, Vanni. *Historia mínima de la Guerra Fría en América Latina*. 1 ed. Ciudad de México: El Colegio de México, 2018.

PLAZOLA, Eduardo. Neoconservadurismo: modelo de la política cultural del Estado en la Zona Metropolitana de Guadalajara. *Espiral*. Guadalajara, v. 21, n.60, p.103 - 128, may./ago. 2014.

PONTÓN, Cesar. La economía del narcotráfico y su dinámica en América Latina. *Íconos*, Quito, n. 47, p. 135 – 153, sept. 2013.

REYES, Alejandro. *La compra de tierras por narcotraficantes en Colombia*. Bogotá: Planeta. 1996

RINCÓN, Omar. Todos llevamos un narco adentro - un ensayo sobre la narco/cultura/telenovela como modo de entrada a la modernidad. *Matrizes*, vol. 7, n. 2, pp. 1-33. 2013

SALGADO, Juan Sebastián. La Guerra Fría llega a América Latina: La IX Conferencia Panamericana y el 9 de abril. *Análisis Político*, Bogotá, v.26, n.79, p.10-39, sept. 2013.

SECRETARÍA DISTRITAL DE PLANEACIÓN Y LA UNIVERSIDAD DE LA SABANA. *Así son las familias: una mirada desde la política pública*. Bogotá. 2018. Disponible en <[http://www.planeacionbogota.gov.co/sites/default/files/presentacionestudiofamilias\\_12-12-18.pdf](http://www.planeacionbogota.gov.co/sites/default/files/presentacionestudiofamilias_12-12-18.pdf)>. Acceso el: 21 sept. 2020.

SCIRICA, Elena. El grupo «Cruzada» – «Tradición Familia y Pro-

piedad» (TFP) y otros emprendimientos laicales tradicionalistas contra los sectores tercermundistas. Una aproximación a sus prácticas y estrategias de difusión en los años sesenta. *Memoria y Sociedad*, Bogotá, v.18, n.36, p.66-81, ene./ jun. 2014.

WALD, E. *Narcocorrido*. New York: Rayo-Una rama de Harper-Collins Publishers. 2014.

WILCHES, Jaime Andrés y CUELLO María Camila. Tradición, familia y propiedad: esquemas axiológicos que sustentaron la victoria de las derechas en el plebiscito por la paz en Colombia. *CON-TEMPO-RANEA*, Ciudad de México, v.6, n.11, enero – junio, 2019.

ZANOTTO, Gizele. *Tradição, família e propriedade (TFP): as idiosincrasias de um movimento católico (1960-1995)*. 2007. 287f. Tesis (Doctorado en Historia Cultural) - Programa de Posgrado en Historia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis

ZANOTTO, Gizele. Articulações entre o político e o religioso: um estudo de caso da Sociedade Brasileira de defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) (1960-1995). En PARKER, Cristian (Ed.). *Religión, Política y Cultura en América Latina / Nuevas Miradas*. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados Universidad de Santiago de Chile, p. 199 – 224. 2012

ZOLOV, Eric (Ed.). Latin America in the Global Sixties. *The Americas*, Cambridge, v.70, n.3, p. 349-362, ene. 2014.

### ***FUENTES DE DISCURSO DE PABLO ESCOBAR***

ENTREVISTA DE YOLANDA RUIZ (1988). La entrevista salió al aire en diciembre de 2013.

PERIÓDICO EL NUEVO SIGLO. Septiembre 1992.

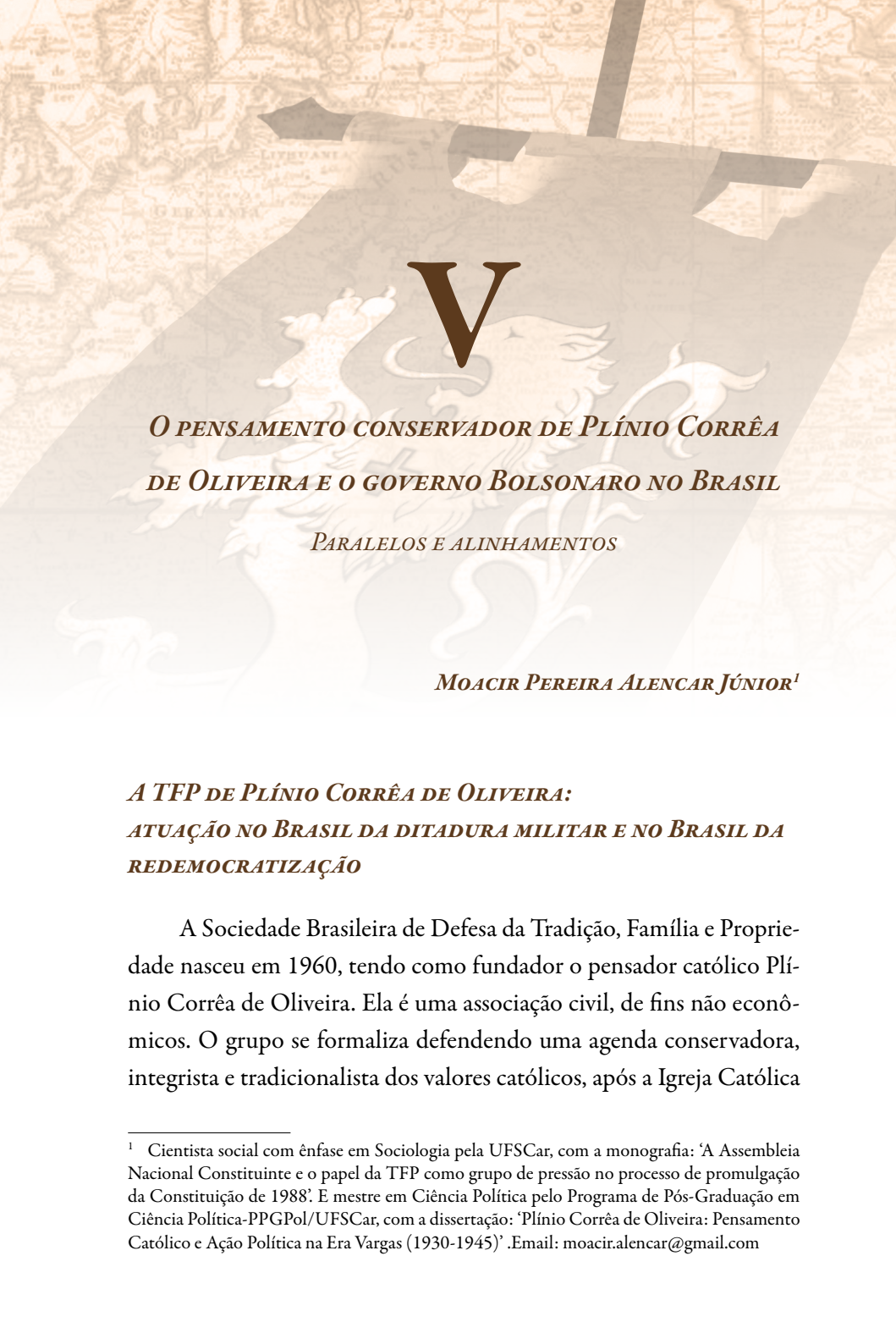
PERIÓDICO EL PAÍS. Abril 2019.

PERIÓDICO MEDELLÍN CIVICO. Enero, 1983; Enero, 1984

PROYECTO PABLO ESCOBAR

SERIE NARCOS (TEMPORADA 1). NETFLIX.





# V

## *O PENSAMENTO CONSERVADOR DE PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA E O GOVERNO BOLSONARO NO BRASIL*

*PARALELOS E ALINHAMENTOS*

*MOACIR PEREIRA ALENCAR JÚNIOR<sup>1</sup>*

### *A TFP DE PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA: ATUAÇÃO NO BRASIL DA DITADURA MILITAR E NO BRASIL DA REDEMOCRATIZAÇÃO*

A Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade nasceu em 1960, tendo como fundador o pensador católico Plínio Corrêa de Oliveira. Ela é uma associação civil, de fins não econômicos. O grupo se formaliza defendendo uma agenda conservadora, integrista e tradicionalista dos valores católicos, após a Igreja Católica

---

<sup>1</sup> Cientista social com ênfase em Sociologia pela UFSCar, com a monografia: 'A Assembleia Nacional Constituinte e o papel da TFP como grupo de pressão no processo de promulgação da Constituição de 1988'. E mestre em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política-PPGPol/UFSCar, com a dissertação: 'Plínio Corrêa de Oliveira: Pensamento Católico e Ação Política na Era Vargas (1930-1945)'. Email: moacir.alencar@gmail.com

se abrir com maior veemência a partir do fim dos anos 50 e início dos anos 60 para uma agenda pautada em valores do humanismo integral, que serão mais propensos para a execução da modernização da Igreja promovida pelo Concílio Vaticano II.

Plínio traria de sua experiência como líder católico, desde os anos 30, momentos de atuação política como deputado constituinte no processo de promulgação da Constituição de 1934; seu papel na Ação Católica Paulista, onde veio a ser Presidente da Junta Arquidiocesana do movimento no Estado de São Paulo, entre 1940 e 1943; e sua passagem pelo Jornal *O Legionário* entre 1929 e 1947, tornando o semanário uma das vozes da linha conservadora por ele defendida. Nos anos 1950, terá em *Catolicismo*, a revista difusora de sua linha de pensamento, até hoje em circulação. Dessa trajetória que vai nascer as linhas de pensamento e ação que culminam com a fundação da TFP e de associações coirmãs em diferentes partes do mundo, a partir dos anos 1960.

Ao seguir uma visão conservadora e tradicionalista da doutrina católica, o movimento condenará o socialismo e o comunismo de modo contundente e terá atuante participação na esfera política, não se limitando a ser um movimento meramente religioso. Ao se colocarem abertamente contra as tendências e valores da Revolução Francesa (Liberdade, Igualdade, Fraternidade), o grupo faz uma oportuna escolha a favor das elites e reafirma sua posição contra tudo que seria impregnado de igualitarismo. Dentro dessa perspectiva, seria legítimo haver desigualdades de ordem natural entre as classes sociais. E uma democracia disforme, na visão do grupo, poderia transformar a liberdade em tirania e a busca da igualdade terminaria por se degenerar em um nivelamento mecânico (OLIVEIRA, 1993).

Por essa razão, a defesa da sociedade hierárquica é uma bandeira defendida pela TFP. Caberia às nobrezas e às elites de formação tradicional defender a hereditariedade e os valores da pátria. Os senhores

de engenho durante o Brasil-colônia e o reinado brasileiro, e depois, já na República, os proprietários rurais, constituir-se-iam como nobreza militar e também como autoridade política, por dom de Deus. Não seria somente a desigualdade entre as classes sociais de ordem natural, mas também a desigualdade de direitos entre diferentes classes. Entre os Século XIX e XX, essa “nobreza da terra”, segundo a TFP, teria sofrido um refluxo das cidades para as fazendas, decaindo sua influência aristocrática dentro da república. Vale enfatizar-se que a TFP considerava o regime monárquico como a melhor forma de governo.

Recorrer a textos pontifícios de variados papas que exerceram seus pontificados preferencialmente nos séculos XIX e início do Século XX - nomes como Pio IX (1846-1878), Leão XIII (1878-1903), Pio X (1903-1914), Bento XV (1914-1922), Pio XI (1922-1939) e Pio XII (1939-1958) – será ação comum para defesa das posições do grupo no debate público.

Em sua *magnum opus*, Revolução e Contrarrevolução, Plínio afirma que três grandes revoluções constituiriam as etapas capitais do que ele chamava de processo de demolição gradual da Igreja e da civilização cristã: no século XVI, o Humanismo, a Renascença e o Protestantismo (I Revolução); no século XVIII, a Revolução Francesa (II Revolução); e na segunda década do século XX, o Comunismo (III Revolução) (OLIVEIRA, 1998).

Em meio à Guerra Fria, a TFP abraçou a defesa do anticomunismo até suas últimas consequências, defendendo a ruptura democrática e a instalação de ditaduras no Brasil (1964), Chile (1973), Uruguai (1973) e Argentina (1976). No âmbito internacional chegou a participar de encontros organizados pela WACL (*World Anti-Communist League*) no Brasil e no exterior.

Sua relação com alas militares e governantes do regime militar era cordial e muito próxima, como pode ser verificado em eventos organizados pelo grupo durante os mais de 20 anos de ditadura no Brasil.

Quando as mobilizações pela redemocratização do país se consolidaram e ganharam mais força no início dos anos 1980 e contava com uma ampla participação de diferentes setores da sociedade civil, a TFP mostrava ampla insatisfação. Considerava-se que as manifestações nada mais seriam que uma agitação orquestrada pela “esquerda católica” em parceria de elementos da alta hierarquia eclesiástica e de organismos como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), e também pelo PT, com a colaboração de membros do PCB e do PC do B (TFPs, 1988). Notem que o grupo enfatiza apenas setores de uma determinada esquerda, sendo as mobilizações aglutinadoras de muitos outros grupos sociais da época, de diferentes matizes ideológicas, além dos citados pelo grupo liderado por Plínio.

As mobilizações pelo fim do arbítrio e pelo retorno à vida democrática ficaram cada vez mais fortes e originaram as Diretas Já, movimento que fortaleceu as instituições da sociedade civil e deu origem a uma proposta de emenda constitucional por eleições presidenciais diretas. Infelizmente, em 1984, a emenda não foi aprovada na Câmara dos Deputados, mas, em 1985, eleições indiretas à Presidência da República puseram fim à ditadura militar após 21 anos.

Com a ditadura finda, a TFP - assim como os variados grupos da sociedade civil - passou a se mobilizar para defender seus respectivos interesses e representatividade na futura Assembleia Constituinte. Entre 1985 e 1986, a TFP já define sua aproximação e apoio à UDR (União Democrática Ruralista). Em pauta, estava a defesa dos ruralistas e o direito de usarem armas para defesa de suas propriedades. A UDR vai patrocinar financeiramente campanhas publicitárias da TFP contrárias à Reforma Agrária. À época, membros do conselho permanente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) criticavam as posições adotadas pelos membros da TFP, por verem apenas dois extremos: “a propriedade absoluta e o comunismo” (ALENCAR JR, 2012).

A Assembleia Constituinte era analisada por Plínio como um processo que poderia levar à “sovietização do Brasil”. A TFP se colocava abertamente contra as reformas agrária, urbana e empresarial. Com relação ao Poder Judiciário, saía em defesa dos juristas que eram contra a criação do CNJ (Conselho Nacional de Justiça). Ao fim da Assembleia Constituinte, com a promulgação da Constituição, em 1988, a TFP foi grande vitoriosa no que tange a questão da terra, já que era eliminada do texto da nova Constituição a possibilidade de desapropriação para fins de Reforma Agrária em terras consideradas produtivas por sua função social. Entretanto, a TFP insistia em dizer que os proprietários rurais teriam sido os grandes “derrotados” e que os indígenas se tornariam “os novos aristocratas do país” (ALENCAR JR, 2012).

Na questão religiosa, que envolvia a moral e os costumes, a TFP assistiu a algumas derrotas. A família monogâmica e indissolúvel por eles defendida daria lugar a famílias que seriam reconhecidas pelo Estado, mesmo quando concebidas fora do casamento civil ou religioso. Plínio afirmava que isso levaria à “abolição inteira e completa da família brasileira, pois ameaçaria estabelecer a “absurda” igualdade entre homens e mulheres, o “reconhecimento” da existência do homossexual no seio da sociedade, e a “equiparação” do casamento pela união estável” (OLIVEIRA, 1987). A manutenção da censura no rádio e televisão também foi defendida para certos temas pela TFP, entretanto, a Constituição assegurou o fim da censura, fosse essa de natureza ideológica ou política, passando a haver mecanismos de regulação de excessos em alguns temas que incitassem a violência ou abordasse certos temas éticos e morais.

## ***BRASIL E A DEMOCRACIA LIBERAL: ÊXITOS, TENSÕES E INSTITUIÇÕES***

Em 1989, o Brasil teve a primeira eleição direta para a Presidência da República depois de quase 30 anos. De lá para cá, ocorreram oito eleições presidenciais. Em meio a solavancos, progressos e retrocessos, as instituições passaram por um processo de fortalecimento, adequação e readaptação aos novos tempos democráticos. Os direitos políticos consolidaram à universalidade ao voto e facilitaram a criação e funcionamento dos partidos políticos. Também assistimos à consolidação de organizações de movimentos sociais os mais variados. Os direitos sociais se viram ampliados, apresentando melhorias na qualidade de vida dos cidadãos no decorrer dos anos, com uma melhor inclusão social. Os direitos civis estabelecidos antes do regime militar foram recuperados com a redemocratização e a promulgação da Constituição de 1988 criou o mandado de injunção, segundo o qual poderia se recorrer à justiça para exigir o cumprimento de dispositivos constitucionais ainda não regulamentados. Foi definido que o racismo seria crime inafiançável e imprescritível e a tortura crime inafiançável e não anistiável (CARVALHO, 2014).

Mas os avanços conquistados não foram suficientes para colocar fim a uma série de problemas que ainda vigoram e se perpetuam na estrutura social da nação. A desigualdade social e o desemprego são problemas econômicos não resolvidos pela democracia política. Problemas na área social, sobretudo educação, serviços de saúde e saneamento continuam, e houve agravamento da situação dos direitos civis quanto à segurança individual (CARVALHO, 2014).

Nesta caminhada de construção democrática houve uma série de frustrações dos eleitores com certos governantes, tanto na esfera municipal, quanto na estadual e federal. No âmbito federal, apenas dois presidentes eleitos concluíram seus mandatos, sendo reconduzidos ao

poder via reeleição. Outros dois presidentes sofreram impeachment, respectivamente em 1992 e 2016, originando crises institucionais graves que abalaram os pilares da funcionalidade da democracia combinadas ora com crises econômicas e ora com polarizações políticas.

O historiador José Murilo de Carvalho (2014) destaca que corrupção não é coisa nova entre nós, sempre existindo de um modo ou de outro. Contra ela se reclama desde que o Brasil é Brasil. E também podemos localizar no período da ditadura militar parcela dessa responsabilidade, uma vez que boa parte da geração de políticos de hoje formou-se durante aqueles anos, quando a impunidade era generalizada em vista do bloqueio da oposição política e do amordaçamento da opinião pública pelo controle da imprensa. Com a redemocratização cresceu a reação pública contra os desvios de postura da classe política, que em parceria com a liberdade de imprensa e aumento do acesso à escolaridade, pode ter tornado a corrupção mais nítida e palpável ao grande público.

Em 2000, a Lei de Responsabilidade Fiscal passou a vigorar; em 2009, a Lei da Transparência se concretizou; e em 2010, a Lei da Ficha Limpa tornou-se realidade. Graças à pressão popular e a mais de um milhão de assinaturas, a Câmara dos Deputados e o Senado Federal aprovaram a lei da Ficha Limpa e os cidadãos passaram a exercer maior vigilância sobre os gastos públicos. Contudo, a lei em questão passou a ser aplicada apenas em 2012, em razão de reações contrárias de certos políticos que com ações na justiça buscavam adiar sua validade (CARVALHO, 2014).

Dois casos de corrupção graves, um ocorrido em 2005 e julgado apenas em 2012 pelo Supremo Tribunal Federal (STF), na conhecida Ação Penal 470 (vulgo ‘Mensalão’) e outro caso que teve o início das investigações em 2014, com a Operação Lava Jato, que a posteriori passou a ser chamado ‘Petrolão’, atingiu em cheio a credibilidade de setores da classe política de variados partidos. Ainda assim, os dois es-

cândalos acabaram atingindo com maior força o ‘partido da ordem’, que gerenciava a nação desde 2003, o Partido dos Trabalhadores (PT). O Poder Judiciário e a Suprema Corte passaram a assistir a um aumento gradativo de sua popularidade em diferentes setores da sociedade em razão das ações e decisões tomadas no combate a desvios e crimes cometidos por agentes públicos e políticos.

A Operação Lava Jato surge como uma iniciativa da Justiça Federal e do Ministério Público Federal para combater a corrupção e a lavagem de dinheiro. O nome Lava Jato decorre do uso de uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas. A partir deste episódio essa operação passou a ganhar grande proporção, quando se descobriu um imenso esquema criminoso de corrupção envolvendo a Petrobras. Ficou comprovada a participação de empreiteiras, funcionários da Petrobras, operadores financeiros e agentes políticos<sup>2</sup>.

As manifestações de rua, que já passavam a ser a tônica das mobilizações de protestos de diferentes grupos políticos, principalmente a partir de 2013, teve cada vez maior reverberação. Em meio à heterogeneidade destes grupos, era possível encontrar ações com protestos dirigidos ora a certas facções políticas, principalmente focados contra a esquerda que governava a nação há mais de uma década e ora focados para exaltar a agenda judiciarista de combate à corrupção. Em alguns casos, grupos radicalizados e belicosos vinculados à extrema-direita reivindicavam uma intervenção militar e a defesa da instauração de uma nova ditadura.

Conforme enfatiza Ronaldo de Almeida (2019, p.195):

junho de 2013 provocou uma profunda fenda no sistema político e na percepção da população em relação

<sup>2</sup> <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso> - Ministério Público Federal.

a ele. Uma ruptura política, contudo, dificilmente ocorre a partir de um fato histórico isolado, mas em articulação com eventos anteriores e posteriores que ampliaram e aprofundaram a rachadura. (...) A crise política está se dando como uma sequência de fissuras, ora na sociedade, ora entre os agentes políticos, ou, enfim, nas próprias instituições, sobretudo na relação entre os poderes.

O impeachment de Dilma Rousseff (PT), em 2016, provocou a ampliação da crise do sistema partidário tradicional, com suas principais forças políticas entrando em suspeição perante significativa parcela da população. Com grande desconforto, o eleitor acompanhava as elites políticas que predominavam no tabuleiro do poder desde a redemocratização estarem envolvidas em atos ilícitos. Um dos dois presidentes que concluíram mandatos nesta nova fase democrática, Luís Inácio Lula da Silva (PT), acabou vindo a ser condenado por corrupção e foi preso em abril de 2018, impactando ainda mais o cenário político e social em ano de eleições para governadores, senadores, deputados e presidente da República.

Neste período de redemocratização e consolidação de valores democráticos no Brasil, a TFP também passou por mudanças em razão da morte de seu fundador, Plínio Corrêa de Oliveira, em 1995. Em decorrência de disputas judiciais que se estenderam até essa última década entre antigos membros, o nome e o estandarte da TFP deixou de ser utilizado no Brasil por seu grupo de fundadores e passou a ser de propriedade dos Arautos do Evangelho - Associação Internacional de Direito Pontifício - reconhecida pelo Vaticano em 2001 e que foi fundada pelo Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias, antigo discípulo de Plínio na TFP. Em 2008, membros fundadores da TFP, conhecidos como Provectos, criaram o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO). Ambos seguem a prédica e a filosofia de Plínio – mas

o IPCO será o responsável de modo mais concreto por promover debates públicos, palestras e participações em ações políticas em defesa da causa pliniana, com agenda política bem definida. Também existe a Associação Cultural Monfort, composta de antigos dissidentes da TFP. Já no exterior, as associações coirmãs podem usar o nome e o estandarte da TFP.

### ***DEMOCRACIA LIBERAL SOB TESTE DE RESILIÊNCIA***

Podemos definir a democracia liberal como um modelo de democracia representativa que segue a divisão formal do poder entre legislativo, executivo e judiciário, permitindo realizar a liberdade política no Estado. É uma democracia compatível com o Estado liberal, isto é, com o Estado que reconhece e garante alguns direitos fundamentais, assegurados em uma Constituição, como são os direitos de liberdade de pensamento, de religião, de imprensa, de reunião, etc. Nesta concepção liberal da Democracia, a participação do poder político, que sempre foi considerada o elemento caracterizante do regime democrático, é resolvida através de uma das muitas liberdades individuais que o cidadão reivindicou e conquistou contra o Estado absoluto (BOBBIO, 1998).

A TFP, na figura de Plínio Corrêa de Oliveira, sempre apresentou uma posição clara sobre o que seria a democracia liberal após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A democracia liberal apresentaria um “subsentido comunista”, uma vez que o comunismo “não” seria condenado na mesma escala que o fascismo e o nazismo. A TFP não aceitava a possibilidade de haver dentro do jogo democrático que se configurava qualquer agremiação ou partido político que se apresentasse como socialista ou comunista e para tal recorreria a encíclicas papais para dar salvaguarda a sua posição. Uma delas era a Encíclica *Quadragesimo Anno*, de autoria do Papa Pio XI (1922-1939):

Se acaso o socialismo, como todos os erros, encerra algo de verdade, o que os Sumos Pontífices nunca negaram, a concepção da sociedade que é característica e na qual se baseia, é oposta à verdadeira doutrina cristã. Socialismo religioso, socialismo católico são termos contraditórios: ninguém pode ser ao mesmo tempo bom católico e socialista verdadeiro<sup>3</sup>.

Portanto, Plínio afirmaria que o Catolicismo seria uma “doutrina de ordem essencialmente sobrenatural e transcendental, que teria base na ideia de um Deus criador, conservador, redentor e julgador das criaturas”. Esta doutrina espiritual e transcendental do catolicismo seria negada pela doutrina socialista, que se fundaria no mais rígido “materialismo”. Logo, pensar em “socialismo católico” seria algo impossível<sup>4</sup>.

A visão do grupo, mesmo após a própria modernização da Igreja Católica por via do Concílio Vaticano II, não irá alterar as posições da organização no que concerne as visões doutrinárias sobre a fé católica, que permanecerão imutáveis e vinculadas a um período anterior da história. Para a TFP, sempre houve e haverá uma constante demolição dos valores cristãos em meio a uma democracia liberal.

A TFP participou das manifestações que marcaram a rotina do país com maior força a partir de 2013 e também promoveu ações e caravanas junto a sua ala jovem. Representados pelo IPCO (Instituto Plínio Corrêa de Oliveira), o grupo marcou posição crítica contra o governo petista, apresentando a tese de que desde a redemocratização conquistada no Brasil, em 1985, o país estaria caminhando de forma acelerada ao socialismo e ao comunismo e os governos petistas teriam sido catalisadores dessa mudança mais veloz nos valores da sociedade brasileira.

Em muitas destas manifestações contra o governo afirmavam que

<sup>3</sup> Editorial, O Legionário, 27/09/1931, edição nº87.

<sup>4</sup> Id. Ibid. – Idem Ibidem

o “Brasil profundo” se fazia ouvir. Na avaliação da TFP, esse “Brasil profundo” não apareceria na grande imprensa, e seria agredido por medidas como a introdução da “*ideologia de gênero*” nas escolas, “o favorecimento do aborto” e da “agenda homossexual”, “as invasões de terras”, “a luta racial velada” a pretexto de demarcação de reservas indígenas e “quilombolas”<sup>5</sup>, entre outras<sup>6</sup>.

### ***JAIR BOLSONARO E AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018***

Jair Messias Bolsonaro, então deputado federal pelo PP-RJ, decidiu em 2015 pedir desfiliação do partido, com o sonho de candidatar-se à presidência da república. Começaria ali oficialmente sua peregrinação por uma legenda que aceitasse dar suporte a seu propósito maior. No momento que anunciou seu pedido de desfiliação ao PP, também declarou que se fosse candidato a presidente pretenderia defender pautas que valorizassem a “família” e o “direito do cidadão de andar armado”. Na mesma circunstância afirmou o apreço e simpatia que teria pelos evangélicos e cristãos em geral<sup>7</sup>.

Militar do Exército, Bolsonaro concluiu o curso de formação de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e o curso de paraquedismo militar na Brigada Paraquedista do Rio de Janeiro,

<sup>5</sup> Quilombolas são os atuais habitantes de comunidades negras rurais formadas por descendentes de africanos escravizados, que vivem, na sua maioria, da agricultura de subsistência em terras doadas, compradas ou ocupadas há bastante tempo. A partir da Constituição Federal de 1988, devido à mobilização do movimento negro no País, a questão quilombola passou a fazer parte das políticas públicas brasileiras. O Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) diz que: Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos. [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=857:quilombolas&catid=51:letra-q](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=857:quilombolas&catid=51:letra-q)

<sup>6</sup> <https://ipco.org.br/2015-ano-de-grandes-desafios-mas-tambem-de-conquistas-para-a-contr-revolucao/>

<sup>7</sup> <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/04/bolsonaro-pede-desfiliao-do-pp-para-seguir-sonho-da-presidencia.html>

em 1977. Formou-se em educação física na Escola de Educação Física do Exército e tornou-se mestre em saltos pela Brigada Paraquedista do Rio de Janeiro, em 1983. Em setembro de 1986, artigo por ele assinado na *Revista Veja* ganhou grande amplitude no cenário nacional. Tal artigo publicado na seção *Ponto de Vista*, levava o título “O salário está baixo”. Nele, destacava que os cadetes estavam abandonando a Academia das Agulhas Negras desiludidos e sem perspectivas. No texto, havia uma crítica às autoridades militares, com Bolsonaro enfatizando existir uma crise financeira que assolava a massa dos oficiais e sargentos do Exército brasileiro e que as razões apresentadas pelo Exército seriam equivocadas. O Exército afirmava que parte significativa das evasões se davam “por homossexualismo, consumo de drogas e uma suposta falta de vocação para a carreira” (CARVALHO, 2019, p.31).

O artigo levou à sua prisão por infringir o regulamento disciplinar, mas a atitude de seus superiores provocou também a reação de oficiais da ativa e da reserva. Ele recebeu solidariedade de oficiais de diferentes partes do país. Em outubro de 1987, o clima de descontentamento entre os militares culminou em novos atos de indisciplina e novamente Bolsonaro apareceu como um dos personagens centrais de tais fatos. Na época, cursando a Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), ele estaria envolvido em um plano denominado “Operação beco sem saída”, que tinha como objetivo explodir bombas em várias unidades da Vila Militar, da Academia Militar das Agulhas Negras e em vários quartéis. O propósito seria assustar o ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, caso o reajuste concedido aos militares pelo governo federal ficasse abaixo de 60% (CARVALHO, 2019).

O plano atribuído a Bolsonaro e ao capitão Fábio Passos da Silva provocou reações imediatas do ministro do Exército. Leônidas Pires Gonçalves enviou, então, ao Superior Tribunal Militar (STM), os resultados de uma sindicância feita pelo Exército, no Rio de Janeiro,

que concluía que os dois envolvidos deveriam ser excluídos das forças armadas. Porém, o STM, em junho de 1988, decidiu por não afastar os dois capitães dos quadros do Exército, pois o tribunal acolheu a defesa dos militares, que “se consideravam vítimas de um processo viciado”, alegando serem insuficientes as provas documentais. A posteriori, a Polícia Federal comprovaria, em laudo, se tratar de caligrafia de Bolsonaro nos desenhos, mapas e croquis que arquitetavam tal atentado. O desfecho acabou se dando com Bolsonaro indo para a reserva<sup>8</sup>. Tal conduta rendeu-lhe projeção nos meios militares, começando aí, sua carreira política. No mesmo ano foi eleito vereador na cidade do Rio de Janeiro. De 1991 até 2018 seria eleito para deputado federal por sete pleitos consecutivos. Nessa trajetória criou muitas polêmicas e controversas.

Em 1993, defendeu o retorno do regime de exceção e o fechamento temporário do Congresso Nacional, inclusive elogiando Fujimori, que em 1992 deu um autogolpe no Peru<sup>9</sup>. No ano posterior novamente voltou a pedir o fechamento do Congresso Nacional, acusando congressistas “de absolver corruptos nas CPIs” e também afirmou que “por falta de outro emprego tentaria reeleição”<sup>10</sup>. Em 1994, após sua primeira reeleição para o Congresso, afirmou que lutaria pela melhoria salarial para os militares, o fim da estabilidade dos servidores, a defesa do controle de natalidade e a revisão da área dos índios ianomâmis, cuja extensão considerava absurda<sup>11</sup>.

Em 1998, foi candidato ao cargo de presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara. Na época, publicou na imprensa artigo defendendo pena de morte, prisão perpétua, regime de trabalhos forçados para condenados, a redução da maioridade para 16 anos e um rígido controle da natalidade como modelo eficaz de combate à

<sup>8</sup> <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jair-messias-bolsonaro>

<sup>9</sup> Os limites da liberdade – Nelson de Sá, Folha de São Paulo, 26/06/1993.

<sup>10</sup> Bolsonaro pede fechamento do Congresso – Folha de São Paulo, 24/07/1994.

<sup>11</sup> <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jair-messias-bolsonaro>

miséria e à violência<sup>12</sup>.

Em 1999, como titular da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, defendeu mais uma vez fechar o Congresso e afirmou que “a ditadura foi branda e se tivesse matado uns 30 mil, entres eles Fernando Henrique Cardoso, o Brasil estaria melhor”<sup>13</sup>. Neste ano, também recebeu acusações de praticar nepotismo, pois empregava em seu gabinete, além de sua companheira Ana Cristina Vale, o pai e a irmã dela. Como defesa, disse que estava se divorciando da esposa e, com isso, não configuraria tal prática. Em 2000, Bolsonaro defendeu a pena de morte para qualquer crime premeditado e a tortura em casos de tráfico de drogas e sequestros; e também atacou os homossexuais. Na questão social, votou contra o Fundo de Combate à Pobreza, que originou o Bolsa-Escola e demais programas de transferência de renda<sup>14</sup>.

Durante a chamada crise do “mensalão”, em 2005, Bolsonaro destacou-se pelos ataques ao PT e a políticos do partido envolvidos nos escândalos. No depoimento de José Genoíno na CPI do Mensalão, Bolsonaro tumultuou a sessão levando o coronel reformado do Exército Lício Augusto Ribeiro Maciel, que prendeu Genoíno na Guerrilha do Araguaia em 1972<sup>15</sup>. No mesmo ano, se posicionou pelo “não” no referendo sobre a proibição da comercialização de armas de fogo e munições. Sua posição saiu derrotada em 23 de outubro de 2005<sup>16</sup>.

Em audiência pública ocorrida na Câmara, em 2008, para debater a situação da reserva indígena Raposa/Serra do Sol, em Roraima, que se encontrava em litígio, Bolsonaro saiu em defesa da posição do governo estadual, que criticava a demarcação realizada pelo governo federal, dizendo que causava conflitos entre agricultores e indígenas. Bolsonaro combateu a demarcação contínua em área de fronteira, afir-

<sup>12</sup> Id. Ibid. (Idem Ibidem)

<sup>13</sup> Bolsonaro pode ser suspenso por um mês – Folha de São Paulo, 25/05/1999.

<sup>14</sup> <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jair-messias-bolsonaro>

<sup>15</sup> Genoíno culpa Delúbio por caixa 2 e nega “mensalão” – Folha de São Paulo, 14/09/2005.

<sup>16</sup> “O povo” – Nelson de Sá, Folha de São Paulo, 24/10/2005.

mando que ela poria em risco a integridade nacional. Na ocasião se envolveu em discussão com o indígena Jecinaldo Sateré Maué<sup>17</sup>.

Entre os anos de 2011 e 2014, Bolsonaro voltou a dar muito espaço à pauta da homossexualidade em seus discursos e entrevistas. Encontrou em várias discussões sobre o que ele batizou de “kit gay”, material produzido pelo Ministério da Educação para combater a homofobia nas escolas. Enfatizou em várias ocasiões que não teria orgulho de ter um filho homossexual. E ao adotar esse tom mais crítico e radical contra a agenda LGBT, recebeu amparo de membros da bancada de evangélicos e outros grupos religiosos conservadores.

Voltaria a causar nova controversa em 2016, no momento do voto de admissibilidade pelo Impeachment da presidente Dilma Rousseff. Na ocasião anunciou seu voto pela admissibilidade proferindo homenagem ao falecido coronel do Exército Carlos Alberto Brilhante Ustra, apontado como torturador ativo no período do regime militar, durante o qual a própria presidente havia sido presa e torturada. Em razão da homenagem, Bolsonaro veio a ser denunciado ao Conselho de Ética da Câmara, por apologia à tortura.

Em 2017, agora no Clube Hebraica do Rio de Janeiro, disse que “não haveria mais um centímetro de demarcação de terras indígenas ou quilombolas”. Bolsonaro havia visitado uma comunidade quilombola e segundo ele “o mais leve afrodescendente tinha sete arrobas”; um arroba é equivalente a um alqueire de 15 kg, termo agrícola usado para avaliar gado. Concluiu sua afirmação dizendo que aqueles “quilombolas não serviriam nem para procriar”. Na ocasião a comunidade judaica do Clube Hebraica se mostrou dividida com a ideia de receber Bolsonaro. Lideranças religiosas e ativistas da comunidade judaica que lutaram contra a ditadura militar no Brasil, protestaram e condenaram tanto a realização do evento, quanto as afirmações preconcei-

<sup>17</sup> Justiça liberta líder arrozeiro de Roraima – Folha de São Paulo, 15/05/2008.

tuosas feitas pelo então presidenciável (TÄHTINEN, 2020, p.412).

Peregrinou por diferentes legendas partidárias em busca de uma oportunidade de se lançar à presidência da República. Dialogou com o PSDC, o PEN, que depois passou a ter a alcunha de Patriotas, e encontrou às portas abertas no PSL, ao qual se filiou em 2018, junto com seus filhos e apoiadores. Na época, três dos filhos de Bolsonaro estavam com mandatos eletivos. Eduardo Bolsonaro era deputado federal pelo estado de São Paulo; Flávio Bolsonaro, deputado estadual pelo estado do Rio de Janeiro; e Carlos Bolsonaro, vereador pela cidade do Rio de Janeiro. Bolsonaro criou um clã com os filhos na política. Todos seguindo a mesma plataforma e visões do pai. Podemos falar que é uma família que escolheu a política como profissão. Bolsonaro nunca foi homem de partido. Até chegar ao PSL, passou por sete partidos políticos.

Bolsonaro já fazia algumas viagens pelo país desde quando anunciou seu “sonho” de se lançar à presidência, em 2015. Com a filiação efetivada e a pré-candidatura em marcha passou a intensificar suas participações em diferentes eventos. Depois de especulações, escolheu como vice em sua chapa o general reformado do Exército, Hamilton Mourão. Estava garantido o apoio de um setor do qual ele sempre se fez representar, as Forças Armadas.

Aproveitando a polarização política e atacando sistematicamente a esquerda representada pelo PT, vendeu a imagem de ser renovação em meio às forças políticas tradicionais. Dizia que poria fim ao “aparelhamento de estado levado adiante pelo PT em mais de uma década” e governaria com “técnicos”, além de adotar uma política sem “viés ideológico”.

Enfatizava que o binarismo PT-PSDB era falso (ambos os partidos haviam sido adversários nos últimos 6 processos eleitorais à presidência da república), não havendo uma verdadeira oposição no cenário político entre essas duas forças. Afirmava que colocaria em

seu ministério da Fazenda o economista Paulo Guedes, que teria a responsabilidade por adotar uma agenda liberal no campo da economia, promovendo reformas, privatizações, etc. Bolsonaro defendia a fusão de ministérios, a privatização de braços da Petrobrás, além do fim do que classificava como uma ‘indústria de multas’, fazendo referência às estradas e também a órgãos associados à defesa do meio ambiente e à fiscalização de condições de trabalho. Mostrou também o interesse em criar uma política no campo da mineração, até com ideias de legalizar o garimpo em certas regiões do país, como a Amazônia<sup>18</sup>.

Na corrida eleitoral, Bolsonaro criticou o PT por insistir até o último momento em manter Lula como presidenciável, mesmo com o ex-presidente condenado em duas instâncias da justiça, portanto inelegível, sem contar que estava preso. Para criticar o candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, enfatizava que este costurava apoio com o Centrão, grupo político que engloba diferentes legendas e que seria conhecido pelo seu “fisiologismo” em busca de cargos para dar suporte a variados governos e por ter nomes de membros envolvidos em casos de corrupção<sup>19</sup>. Também destacava as suspeitas de corrupção envolvendo o último nome presidenciável do PSDB, em 2014, Aécio Neves.

Na segunda quinzena de agosto de 2018, dois dos principais institutos de pesquisa do país, Datafolha e Ibope, divulgaram dados que mostravam que Jair Bolsonaro liderava as intenções de votos para o primeiro turno da disputa presidencial a ser realizada em outubro, tendo cerca de 20% a 25% do apoio dos entrevistados. Essa intenção de voto se manteve estável até a primeira semana de setembro. Outros três

<sup>18</sup> <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2018/08/25/em-barretos-bolsonaro-promete-atacar-industria-da-multa-no-campo-e-diz-que-psdb-nunca-foi-oposicao-ao-pt.gh.html>/  
[https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/10/ruralista-aliado-de-bolsonaro-quer-acabar-com-industria-de-multa-do-meio-ambiente.shtml?aff\\_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/10/ruralista-aliado-de-bolsonaro-quer-acabar-com-industria-de-multa-do-meio-ambiente.shtml?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996)

<sup>19</sup> Vale se ressaltar que dentro do presidencialismo de coalizão é vital haver apoio no Congresso para governar e ter apoio em decisões legislativas, ainda mais em um país com multipartidarismo como o Brasil.

a quatro candidatos apareciam como possíveis adversários dele em um hipotético segundo turno: Ciro Gomes-PDT, Marina Silva-REDE, Geraldo Alckmin-PSDB e Fernando Haddad-PT. Durante um certo período o nome de Lula figurava na liderança das pesquisas, um pouco à frente de Bolsonaro, mas era sabido que ele era inelegível e, em certo momento, seria necessário escolher o nome que representaria oficialmente o Partido dos Trabalhadores (PT) na eleição<sup>20</sup>.

Dois eventos que ocorreram na primeira quinzena de setembro mudaram de forma decisiva os rumos do processo eleitoral. Em ato de campanha pela cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, Bolsonaro sofreu um atentado. No dia 6, um homem na multidão o esfaqueou. Internado, passou por cirurgia, e em razão de sua recuperação, os médicos indicaram a ele que evitasse os debates eleitorais. A ocorrência do fato deu um caráter emotivo à corrida eleitoral. A militância que apoiava Bolsonaro relacionou o atentado à esquerda, em razão do responsável pelo ataque ter sido filiado a um partido desse campo ideológico no passado. A data de 11 de setembro era o prazo final para que o PT definisse o nome dos candidatos da chapa presidencial. Fernando Haddad, que já era o candidato a vice na chapa encabeçada por Lula, foi oficializado candidato à presidência. Lula declarou apoio a Haddad da prisão e a militância petista enfim pode iniciar uma campanha focada no nome de Haddad, sem desvinculá-lo de Lula, que apesar de condenado e inelegível ainda gozava de apoio de uma significativa parcela da população, além de manter o controle do partido<sup>21</sup>.

Depois destes eventos, Bolsonaro e Haddad passaram a se isolar na liderança das pesquisas diante dos demais adversários na disputa eleitoral. Estava configurada a disputa do segundo turno das eleições

<sup>20</sup> <https://politica.estadao.com.br/eleicoes/2018/pesquisas-eleitorais/primeiro-turno/presidente/datafolha>

<sup>21</sup> G1/Globo 11-09-2018 - <https://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/2018/noticia/2018/09/11/pt-anuncia-candidatura-de-fernando-haddad-a-presidencia-no-lugar-de-lula.ghtml>

presidenciais.

Bolsonaro focou em uma candidatura feita pelas plataformas digitais, sem apoios de grandes grupos políticos e com um irrisório tempo de TV para expor suas propostas. Utilizou a insatisfação de grande parcela da população brasileira com os partidos políticos, com o Congresso Nacional e com a imagem da Presidência da República.

Dados da pesquisa sobre o Grau de Confiança das Instituições organizada pelo Datafolha, em junho de 2018, mostravam respectivamente que apenas 2% dos brasileiros confiavam muito nos partidos políticos, 28% confiavam pouco e 68% não confiavam. Com relação ao Congresso Nacional não era diferente: apenas 3% confiavam muito, 28% confiavam pouco e 67% não confiavam. A imagem da Presidência da República também estava fortemente desgastada. Dilma tinha sofrido impeachment em 2016; o ex-presidente Lula estava preso, e o então presidente em exercício, Michel Temer, também estava sendo investigado por suspeitas de corrupção: 5% confiavam muito, 29% confiavam pouco e 64% não confiavam. Justamente as Forças Armadas, instituição da qual Bolsonaro e Mourão tinham filiação, era a que gozava de maior confiança perante a população: 37% dos participantes da pesquisa diziam confiar muito, 41% confiavam um pouco e 20% diziam não confiar <sup>22</sup>.

Além de vincular-se ao capital de confiança que as Forças Armadas possuíam, Bolsonaro surfou no discurso moralista anticorrupção e no prestígio que o Poder Judiciário e o Ministério Público tinham obtido nos últimos anos em razão de várias operações no combate de ilícitos que desnudou crimes que envolviam vários agentes públicos, empreiteiras e políticos.

O Latinobarômetro (2018: 9), responsável por analisar vários

<sup>22</sup> Datafolha 06/2018 - [https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/06/1971972-partidos-congresso-e-presidencia-sao-instituicoes-menos-confiaveis-do-pais.shtml?aff\\_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996](https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/06/1971972-partidos-congresso-e-presidencia-sao-instituicoes-menos-confiaveis-do-pais.shtml?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996)

indicadores das nações latino-americanas com relação ao funcionamento da democracia, grau de confiança das instituições e a situação econômica de cada país da região, também demonstrava dados bem peculiares sobre a situação do Brasil em 2018. A má situação econômica era um indicativo marcante para a maioria das nações investigadas, e para os brasileiros ela era grave - 62% dos brasileiros concordavam com tal prognóstico. Mal-estar só menor do que o povo venezuelano (83%).

Quando questionado sobre se “dava no mesmo um regime democrático a um não democrático”, entre os 18 países pesquisados, a população brasileira figurava em segundo lugar concordando com a afirmação, atrás apenas de salvadorenhos (54%) e empatada com hondurenhos, com 41%. Todavia, apenas 14% dos brasileiros afirmavam ser preferível um governo autoritário, prevalecendo um apoio de 34% a democracia (LATINOBARÓMETRO, 2018, p.17-18).

Entre as nações pesquisadas, a satisfação com a democracia diminuiu constantemente, da média de 44% em 2008, para apenas 24% em 2018. No Brasil, a satisfação com a democracia (9%) era menor do que indicadores de países como Nicarágua (20%) e Venezuela (12%), que apresentam regimes que politizaram o conceito de democracia entre oposição e governo, fraturando a divisão política interna. Os partidários dos líderes do poder nestes dois países majoritariamente não apoiam a democracia. Conforme enfatiza o Latinobarómetro, com relação a democracia no Brasil (2018, p.37):

En Brasil esta cae de 49% en 2010 a un 9% en 2018, con un desplome de 40 puntos porcentuales. Un país donde se desploma la satisfacción con la democracia de esa manera, donde un 73% de ciudadanos no vota por partido, donde sólo el 34% la apoya y el 41% es indiferente hacia ella, es un país listo para elegir un candidato que se ubica afuera del establishment rompiendo con todo lo establecido. Cabe señalar que si bien los datos

solo se acentúan este año, este fenómeno no se produce en un año, sino es un fenómeno de larga data, que acumula bastante evidencia de ello en la última década<sup>23</sup>.

No Brasil, a Igreja (inclui todas as igrejas e denominações, com 73%) e as Forças Armadas (58%), eram as instituições com maior grau de confiança entre os brasileiros, superando a média encontrada na América Latina, que era respectivamente de 63% e 44%. Já a confiança nos partidos políticos (6%), no Congresso Nacional (12%) e no Governo (7%) reafirmam os dados que eram pesquisados pelo Datafolha no mesmo ano (LATINOBARÓMETRO, 2018, p.52-54).

Neste contexto apresentado, Jair Bolsonaro foi eleito no segundo turno das eleições presidenciais de outubro de 2018.

### ***O “BRASIL AUTÊNTICO”, O ANTICOMUNISMO DA TFP E O POPULISMO DE JAIR BOLSONARO***

Conforme enfatiza Lamounier (2016), a centralidade do liberalismo político entre os pilares vitais de um regime democrático permite afirmarmos que é antiliberal qualquer teoria, ideologia ou doutrina que venha a se contrapor às estruturas institucionais da democracia representativa.

Sem haver dúvidas, o antiliberalismo brasileiro é afluente do catolicismo e do absolutismo ibéricos. A prática social pelo modelo da exploração da terra e pelas estruturas patrimonialistas trazidas pelo colonizador luso reforçaram essas marcas antiliberais. O catolicismo

<sup>23</sup> No Brasil esse indicador cai de 49% em 2010 para 9% em 2018, com um colapso de 40 pontos percentuais. Um país onde a satisfação com a democracia se colapsa dessa maneira, onde 73% dos cidadãos não votam por partidos, onde somente 34% a apoia e onde 41% são indiferentes face a ela, é um país pronto para eleger um candidato que se localiza fora do sistema do establishment rompendo com todos os estabelecidos. Cabe ressaltar que embora os dados sejam apenas acentuados este ano, esse fenômeno não ocorre em um ano, mas é um fenômeno de longa data, que acumulou evidências suficientes na última década. (tradução minha)

ultramontano será herdeiro de um corporativismo católico medieval e do obscurantismo da contrarreforma. Todavia, esse antiliberalismo brasileiro não é proveniente de uma única fonte, apresentando outras vertentes e influências (LAMOUNIER, 2014). Entretanto, o antiliberalismo da TFP tem inspiração nessa linhagem, que no Brasil teve Dom Vital e Jackson Figueiredo como grandes precursores.

Com a vitória de Bolsonaro, o “Brasil autêntico”, segundo a TFP/IPCO, tinha sido reconduzido ao poder depois de a “ideologia socialista-comunista mascarada de lulopetismo” ser recusada nas urnas. Em nota, declaravam as felicitações ao presidente eleito e enfatizavam os pontos pelos quais o presidente lutasse:

**abolição definitiva da “ideologia de gênero” nos colégios; rejeição ao dito “casamento homossexual”, cujos partidários discriminam e acusam de “homofobia” todos aqueles que lhes opõem; eliminação da criminosa prática do aborto; respeito à liberdade individual, sempre que esteja de acordo com os Dez Mandamentos da Lei de Deus; eliminação de todas as leis socialistas que perseguem os brasileiros com impostos abusivos; interrupção de qualquer ajuda financeira às ditaduras “bolivarianas” da Venezuela, da Bolívia e de Cuba, além de outras, e prestigiar as nossas Forças Armadas e as Polícias Militares, que expõem suas vidas para coibir o crime e a violência (IPCO,2018)<sup>24</sup>**

Com relação à questão da terra, destacavam na nota que o presidente eleito **protegesse os legítimos proprietários, impedindo as invasões de terras e de prédios, no campo e nas cidades; extinguisse qualquer projeto de lei de Reforma Agrária, por eles considerada ato socialista e confiscatório; promovesse a supressão de**

<sup>24</sup> Os brasileiros disseram não ao lulopetismo - <https://ipco.org.br/e-os-brasileiros-disseram-nao-ao-lulopetismo/>

**novas demarcações de terras indígenas e “quilombolas”;** além de **eliminar o ambíguo conceito de “trabalho escravo”, que segundo eles, seria frequentemente usado como arma da esquerda para expropriações de terras**<sup>25</sup>.

Analizando a trajetória pública de Bolsonaro em três décadas de política, muitas das posições por ele defendidas e apresentadas em diferentes circunstâncias encontram alinhamentos com a visão da TFP. O antiliberalismo e posições críticas com relação a algumas questões-chave do mundo contemporâneo e a democracia liberal são evidentes. Como questões-chave do mundo contemporâneo, podemos falar de agendas globais em defesa do meio ambiente, em defesa dos direitos humanos e garantias para minorias, assim como a defesa dos valores das instituições que garantem a eficiência e eficácia da democracia representativa.

Plínio Corrêa de Oliveira, ao analisar a primeira metade do Século XX e o resultado das duas Guerras Mundiais, tendo como parâmetro certos veículos da imprensa internacional da época, afirmava que a civilização ocidental cristã passaria a se expor ao surgimento de vastas federações de estados formadas por povos de tradições raciais ou culturais, de interesses econômicos e geográficos afins. E ao se reunirem em um único estado diplomático, com uma única moeda, originariam “um grande supergoverno, a enfeixar, conter e canalizar a soberania e as atividades dos governos federados”<sup>26</sup>.

Essa internacionalização era vista por Plínio como algo que viria a ferir as “índoles nacionais” e “tradições próprias” dos povos. Os diferentes povos, cada qual com sua arte, cultura e mentalidade, passariam a viver em um ambiente “estandardizado para um homem internacional abstrato”. Tal processo de internacionalização, que hoje conhecemos como globalização, levaria a uma “mentalidade revolucionária e

<sup>25</sup> Id. Ibid. (Idem Ibidem).

<sup>26</sup> Problemas Internacionais - Plínio Corrêa de Oliveira, O Legionário, 02/05/1943, edição 560.

a uma tendência niveladora e destruidora: uma ditadura cultural cosmopolita”<sup>27</sup>.

Se na fundação da Ação Católica no Brasil, nos anos 1930, Plínio dizia que a Igreja “estava fora e acima dos partidos”, Bolsonaro dirá em seu lema de campanha que “o Brasil está acima de tudo e Deus acima de todos”. Quando Bolsonaro, em campanha, afirmava defender os valores integralistas de Deus, Pátria e Família, idealizados por Plínio Salgado; ele também estaria de certo modo agraciando valores também defendidos pela TFP (Tradição, Família e Propriedade). Na Era Vargas (1930-1945), Plínio Corrêa de Oliveira criticava os integralistas pelo caráter “interconfessional” do movimento. Mesmo assim, caso os integralistas representados por Plínio Salgado abrissem mão do interconfessionalismo e abraçassem a causa católica com todo fervor, teriam apoio pleno. Mesmo tendo um caráter interconfessional, Plínio Corrêa de Oliveira tratava o integralismo como um movimento relevante e valoroso, uma vez que afirmaria Deus, a propriedade e a família.

Esses movimentos de reação contra as democracias liberais estão sendo cada vez mais comuns neste século no ocidente. Certos países europeus e os EUA passaram a se enquadrar neste cenário. A crise de 2008, seguida de grande recessão mundial a posteriori, teve certa participação nestes eventos, mas não é causa primária. Estes populismos nacionalistas se apresentam como uma nova voz que diz atender os interesses nacionais da população que sente ter sido negligenciada e desprezada por elites cada vez mais indiferentes e muitas vezes corruptas (EATWELL, GOODWIN, 2018). De maneira geral, a plataforma de ação que permitiu a Bolsonaro ascender ao poder é equivalente ao de um populismo que defende valores nacionalistas.

O Brexit no Reino Unido e a eleição de Trump nos EUA, vieram a dar continuidade a um fenômeno que já estava mais forte e aparente

<sup>27</sup> Id. Ibid. (Idem Ibidem).

na Europa. Nomes como Marine Le Pen, na França; Matteo Salvini, na Itália; e Viktor Orbán, na Hungria; já eram sinalização de uma revolta em cadeia contra a política dominante e os valores liberais. Muitos destes líderes questionam agendas globalizantes e cosmopolitas. Consideram que tais agendas criarão sociedades que não necessariamente possuem apoio de diferentes grupos religiosos com relação a aspectos-chave da vida moderna, como igualdade e respeito pelas mulheres e comunidades LGBT, por exemplo (EATWELL, GOODWIN, 2018, p.10).

Se há pontos em comum entre estes populistas, também deve se ressaltar que em cada nação ele possui características particulares e explora certos sentimentos e questões pontuais do tecido social. Em países europeus e nos EUA um dos pontos giram em torno da imigração, que seria responsável por promover mudanças étnicas. Isso criaria fortes temores sobre uma possível destruição da identidade de grupos históricos nacionais, assim como dos modos de vida estabelecidos. Também existe a crença de que culturalmente as políticas liberais, organizações transnacionais e organizações financeiras globais estariam corroendo as nações incentivando as imigrações em massa, enquanto a agenda do “politicamente correto” buscaria silenciar qualquer oposição sobre tais questões (EATWELL, GOODWIN, 2018, p.16).

Um populista que necessariamente não possui imigrantes como instrumento político para impor sua agenda pode encontrar problemas nas minorias étnicas como indígenas e quilombolas, ou a comunidade LGBT, como fez e faz Bolsonaro em sua trajetória como político, no passado como deputado, agora como presidente. Os líderes populistas nacionais normalmente apresentam-se como carentes de programa concreto de governo, mas encontram “inimigos do povo” nos imigrantes, minorias, instituições políticas, a mídia e diversos outros.

Levitsky e Ziblatt (2018) destacam que populistas, como políticos anti-establishment, afirmam representar a “voz do povo”, entram

em guerra contra o que descrevem como uma elite corrupta e conspiradora. Negam a legitimidade dos partidos estabelecidos, atacando-os como antidemocráticos e mesmo antipatrióticos. Afirmam aos eleitores que o sistema não é uma democracia de verdade, mas algo que foi sequestrado, corrompido ou fraudulentamente manipulado pela elite. E prometem sepultar essa elite e devolver o poder “ao povo”. Segundo Eatwell e Goodwin (2020, p.51), estes líderes costumam usar linguagem comum e até grosseira para demonstrar sua afinidade com as pessoas ‘verdadeiras’, ‘puras’ ou ‘reais’. Eles procuram para consolidar seu vínculo com eles reforçar seu status de outsiders através da terminologia “nós contra eles” ou “bem contra o mal”<sup>28</sup>.

Às vésperas de ser eleito presidente, liderando com folga as pesquisas de segundo turno, Bolsonaro afirmou a milhares de eleitores em tom eufórico: “Vamos varrer do mapa os bandidos vermelhos”... “Nós somos o Brasil de verdade”<sup>29</sup>. No Brasil, Bolsonaro buscou enquadrar todas as principais forças políticas como sendo do espectro de esquerda. E apostou em uma narrativa de combate ao “comunismo” que tais grupos “representariam”. Foi assim que chegou ao poder, e já no governo, sustentou essa tese de que as forças políticas são dominadas por uma agenda “comunista”. Esse “comunismo” não engloba apenas a ideologia comunista em si, mas todo o processo de modernização das instituições e o avanço das conquistas de direitos alcançados por diferentes grupos na sociedade civil. O termo “comunismo” foi equiparado as conquistas da democracia liberal.

A TFP e seu fundador, Plínio, definiria o comunismo como:

<sup>28</sup> Durante os governos do PT também houve o uso do “nós contra eles” como narrativa de disputa política contra os opositores por quase três eleições presidenciais – disponível em: <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,lula-diz-que-eleicao-de-2010-sera-nos-contra-eles,451113>

<sup>29</sup> Bolsonaro a milhares em euforia: “Vamos varrer do mapa os bandidos vermelhos” – Site do Jornal El País - [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/22/actualidad/1540162319\\_752998.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/22/actualidad/1540162319_752998.html).

O “anti” por excelência, pois nega todas as verdades da Religião e todos os princípios básicos da ordem natural como no-los ensina a Igreja. Ser anticomunista é, portanto, ser contrário ao “anti”, à destruição. Negar o caráter positivo dessa ação contrária ao comunismo é o mesmo que negar o conteúdo positivo da atuação de um exército que repele a invasão inimiga, dos bombeiros que extinguem um incêndio, dos médicos que lutam contra alguma epidemia, etc<sup>30</sup>.

O comunismo, na visão da TFP, acabaria por dessacralizar e tornar rigorosamente igualitária a Sociedade espiritual, no caso a Igreja, e incitaria os católicos em favor das desalienações na sociedade temporal, tornando-a rigorosamente igualitária<sup>31</sup>.

O “anticomunismo” bolsonarista é usado no jogo político como um dos mecanismos de ‘guerra híbrida’ dos novos tempos. Segundo Bonet (1998), o anticomunismo de tipo clerical, reacionário ou mesmo fascista, quando trazido para um combate no plano interno de um estado, se traduz na sistemática repressão da oposição comunista e tem por norma tachar de comunismo qualquer oposição de base popular. É uma fórmula política de se manter ativo no tabuleiro, quando as fórmulas tradicionais se revelam ineficazes no controle das tensões sociais.

Palmiro Togliatti, antiga liderança do Partido Comunista Italiano, afirmava que ser anticomunista “significa dividir categoricamente a humanidade em dois campos e considerar o dos comunistas como o campo daqueles que já não são homens, por haverem renegado e postergado os valores fundamentais da civilização humana” (BONET, 1998, p.34).

<sup>30</sup> No quinquagésimo aniversário da Revolução Bolchevista – Plínio Corrêa de Oliveira -1/11/1967. [https://www.pliniocorreadeoliveira.info/1967\\_203\\_CAT\\_No\\_50o\\_aniversario.htm#.XvktuyhKjDc](https://www.pliniocorreadeoliveira.info/1967_203_CAT_No_50o_aniversario.htm#.XvktuyhKjDc).

<sup>31</sup> Revista Catolicismo – n° 220-221 – abril/maio de 1969 – Grupos ocultos tramam a subversão na Igreja.

## ***GUERRA HÍBRIDA, DESINFORMAÇÃO E A CONSPIRAÇÃO COMO TÁTICA***

A chamada guerra híbrida é objeto de estudo e de ação de vários países na atualidade. Ela pode ser utilizada no contrabalanceamento de forças no âmbito internacional, como também pode ser dirigida para influenciar e promover alterações nas instituições de um país, seja por um agente externo ou interno. Essa guerra não necessita mais se dar pelos meios convencionais, tendo nos meios tecnológicos muitas vias de serem executadas. Segundo Korybko (2018, p.13), “ela não precisa derrubar um governo em si para dar certo – tudo que precisa é fazer com que a sociedade se divida, e a incerteza em larga escala, arauto do caos social, faz o resto”.

As redes, organizadas e ativamente mobilizadas pela tecnologia, evoluem para células de enxame<sup>32</sup> que podem vir a desestabilizar e mesmo derrubar ou vir a definir novos rumos de governos. Certas táticas indiretas que promovam pouco a pouco o caos no tecido social, faz com que autoridades do país alvo deste processo não saibam observar, orientar, decidir e agir adequadamente diante estes eventos. Plataformas digitais/sociais como Facebook, Twitter, YouTube e Google Maps podem ser considerados instrumentos que podem ser usados para trabalhar em conjunto e provocar a desestabilização de um regime (KORYBKO, 2018).

András Rác (2017:59), enfatiza que alguns dos modos utilizados para promover a desestabilização de uma nação diante outra, no caso particular Rússia-Ucrânia, mas que também pode ser adaptado para ações dentro da estrutura de um estado por agentes internos, são:

---

<sup>32</sup> O sintagma “inteligência de enxame” foi usado pela primeira vez para descrever a inteligência artificial inspirada no comportamento de certos insetos, mas também se aplica relevantemente a seres humanos operando dentro de uma rede social. A mente de colmeia torna-se ativa quando seus membros participam de uma ação contra o governo, daí a transição para a inteligência de enxame. É o que comumente conhecemos como comportamento de rebanho ou manada. (KORYBKO, 2018)

explorar estrategicamente os pontos de vulnerabilidade na administração, na economia e forças armadas do país alvo; incentivar politicamente a insatisfação com as autoridades centrais do país usando ferramentas políticas, diplomáticas, assim como ações especiais e uso de ferramentas de mídias (alternativas ou tradicionais) ; fortalecer os movimentos separatistas locais (quando houver) e abastecer tensões étnicas, religiosas e sociais; e lançar operacionalmente ações coordenadas de pressão política e desinformação.

No Brasil, Bolsonaro solidificou sua campanha eleitoral usando mecanismos destacados tanto por Korybko como por Rácz. Ascendeu ao poder tendo estes instrumentos como vitais para vender-se como o senhor anti-establishment. E isso não se limitou a sua campanha. No governo as ações de desinformação e constante tensionamento do tecido social são marcas registradas de ação política. A desinformação, a conspiração e a guerra híbrida são instrumentos que vieram pra ficar na vida social e na construção das narrativas políticas do século XXI.

A TFP estreitou laços com o novo governo de imediato, logo após a posse de Jair Bolsonaro. Membros da diretoria do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, em junho de 2019, defendiam a união de grupos conservadores em torno do governo, visando um processo de “reconstrução dos valores” da nação. Dom Bertrand de Orleans e Bragança e Adolpho Lindenberg, se mostravam satisfeitos por ver o governo defender a “vida desde sua concepção até a morte”, assim como “a família tradicional formada por homem e mulher”. A agenda “ambientalista” de Bolsonaro também era apoiada com fervor pelo grupo. O grupo considerava a política indigenista de governos anteriores equivocada e o ambientalismo era visto como “ecoterrorismo”. Eles também criticavam os modos e conduta do guru de Bolsonaro, Olavo de Carvalho, pelos ataques e disputas promovidas contra os ministros de governo da ala militar <sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> Tradição e Monarquia no apoio a Bolsonaro – Jornal Estadão – 09/06/2019 <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,tradicao-e-monarquia-no-apoio-a-bolsonaro,70002862337>

Segundo Rodrigo Guerra (2020), membro da Academia Pontifícia para a Vida, grupos com base de pensamento no catolicismo tradicionalista, cada vez mais avançaram para um apelo à tradição pura, num sentido que não só é reduzido como imaginado. Ficaram fixados em um monólito estático. Teorias conspiratórias passaram a ser *modus operandi* para utilização no debate teológico e na arena política. Ao simplificar o complexo, criam bodes expiatórios. Misturando verdades, meias verdades e mentiras, unidas não por estritas ligações causais, mas por associações boa parte das vezes arbitrárias de pessoas, ambientes, línguas ou circunstâncias acabam por disseminar fatos que para muitos se tornam verdades comprovadas, mesmo sendo construídas em cima de falsas induções. E as redes sociais são instrumento-chave para a reverberação desta desinformação.

Cowan (2018), enfatiza o papel dos grupos conservadores cristãos nas últimas décadas, e como estes atuam na política seguindo uma linha transnacional de ação coordenada. A TFP ocupa papel de destaque neste processo, e junto a outros grupos religiosos de diferentes denominações - como os evangélicos - passou a firmar acordos de modo a promover a defesa de pensamentos convergentes, de modo estratégico e mesmo oportunista, em nome de uma nova plataforma comum estruturada para combater o cristianismo progressista, a modernização secular, o ecumenismo; sempre em defesa da hierarquia, da moral e da agenda anticomunista.

### ***TRADICIONALISMO E GOVERNO BOLSONARO***

O Ministro das Relações Exteriores do governo Bolsonaro, Ernesto Araújo, por meio da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG)<sup>34</sup>, passou a ser reverberador da visão tradicionalista e anticomunista.

<sup>34</sup> A Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), instituída com base na Lei nº 5.717 de 26 de outubro de 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores, que

munista, assim como antiglobalista defendida pela ala ideológica de membros do governo, polo no qual está integrado membros da TFP/IPCO.

Em viagem aos EUA, em setembro de 2019, Araújo fez um discurso na Heritage Foundation, conhecida por reunir os principais membros do conservadorismo norte-americano. Lá fez críticas contundentes ao que chama de globalismo, que “seria o amálgama da economia globalizada com o marxismo cultural infiltrado nas instituições”. Então, basicamente, a “globalização econômica sequestrada pelo marxismo cultural”. Para ele, a vitória de Trump, o Brexit e a vitória de Bolsonaro sinalizariam a revolta contra essa ideologia. O globalismo funcionaria por meio de três instrumentos principais: a “ideologia da mudança climática” ou climatismo, a “ideologia de gênero” e a “oikophobia”, que seria o ódio à própria nação e como parte disso a teoria ou a reivindicação por um mundo sem fronteiras. (ARAÚJO, 2019).

Em 2020, membros da TFP foram convidados a um ciclo de palestras organizado pela FUNAG, a convite de Ernesto Araújo. A Fundação (vinculada ao Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI) e ao Centro de História e Documentação Diplomática (CHDD) do Ministério das Relações Exteriores, passou a ser um think-tank das ideias da ala ideológica bolsonarista, muitos deles conectados ao guru de Bolsonaro, Olavo de Carvalho. Já em meio a pandemia (por conferência virtual), Dom Bertrand de Orleans e Bragança e José Carlos Sepúlveda, antigos membros da TFP, hoje representando o IPCO, expuseram de forma clara as posições defendidas pelo grupo no atual contexto e seu apoio ao governo Bolsonaro. Versaram sobre

---

tem como objetivos básicos: realizar e promover estudos e pesquisas sobre problemas atinentes às relações internacionais e sobre a história diplomática do Brasil; divulgar a política externa brasileira em seus aspectos gerais; contribuir para a formação no Brasil de uma opinião pública sensível aos problemas da convivência internacional; e desenvolver outras atividades compatíveis com suas finalidades e estatutos.

o sínodo amazônico, a pandemia, a OMS (Organização Mundial de Saúde), o conservadorismo, a resistência ao globalismo e o combate ao comunismo. Para Dom Bertrand (2020), o globalismo promoveria um “linchamento midiático” do governo Bolsonaro, querendo interferir na soberania nacional na questão amazônica, que não estaria sendo desmatada na escala anunciada por diferentes órgãos nacionais e internacionais; com relação a pandemia, a OMS não atuaria de modo confiável na luta contra o coronavírus, por ser liderada pela China comunista, e agiria contraditoriamente diante a realidade dos fatos.

### *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

Teitelbaum (2020), afirma que o Brasil, junto aos EUA e Rússia, é uma das nações a apresentar uma espécie de tradicionalismo do século XXI na esfera política, com Bolsonaro, Trump e Putin. Este tradicionalismo teria linhas peculiares em cada um dos países, mas em comum, haveria um pano de fundo a unir esse pensamento: “é preciso que a humanidade volte às verdades absolutas das religiões”. Steve Bannon, Olavo de Carvalho e Alexander Dugin seriam os artífices da inserção dessa visão espiritual na seara política. Em comum, esses tradicionalistas compartilham a visão crítica ao mundo cosmopolita, a globalização e as organizações multilaterais. Haveria no mundo e na história uma série de conflitos contínuos em larga escala entre civilizações e espiritualidades.

Esse tradicionalismo, que a TFP e parte de membros do governo Bolsonaro endossam é marcado por rejeitar a modernidade, rejeitar o iluminismo e rejeitar o materialismo. A verdadeira cultura teria base na imanência e na transcendência. Apesar do tradicionalismo ser hierárquico e elitista e cultuar um passado, ele se apresentaria no tabuleiro político presente com uma cara renovada, sendo anti-estab-

lishment, “anti-elites” e politicamente revolucionário na tentativa de ganhar as massas, com táticas populistas e tecnológicas possibilitadas com o advento da internet e a popularização das redes sociais de contatos e disseminação de informações do mundo digital.

O *aggiornamento* que a Igreja Católica promoveu com o Concílio Vaticano II, nos anos 1960, não se deu através da ruptura com a tradição, nem buscou adaptar-se ao meio social em constantes mudanças e transformações; mas tentou promover o cruzamento de tradições mais antigas, em parte esquecidas e inusuais, com o presente e seus novos desafios, visando uma abertura ao mundo moderno.

No entanto, a receita do governo Bolsonaro e seu conservadorismo reacionário ou mesmo contrarrevolucionário, com toques tefepistas, almeja um retorno aos valores que ora imperaram em momentos do passado brasileiro, com resquícios do Regime Militar (autoritarismo, militarismo), da Era Vargas (integralismo, nacionalismo), do Império (poder moderador, desigualdade de direitos) e Colônia (contrarreforma, poder agrário).

A democracia liberal é o alvo principal contra o qual se volta este *aggiornamento* às avessas bolsonarista, que enxerga nos movimentos de emancipação pela democratização, secularização, multiculturalismo, ecumenismo, assim como na ampliação dos direitos sociais como um todo, fatores de quebra e ruptura de um sistema hierárquico de valores.

Em 2020, as alas radicais em defesa do governo já mostraram sua verve autoritária em manifestações de rua que reivindicavam o fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal. Os ataques às instituições foram vistos com simpatia pelo presidente, que classificou tais atos como meros eventos de liberdade de expressão da população. Essa é mais uma prova de que a democracia liberal constantemente tensionada será uma marca registrada deste governo, com os auspícios da TFP.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR JR, Moacir Pereira. *TFP - TRADIÇÃO, FAMÍLIA, PROPRIEDADE - Um Movimento Católico Conservador Atuando na Assembleia Constituinte de 1987/1988*. Artigo apresentado na I Semana de Pós-Graduação em Ciência Política- UFSCar, 2013.

ALMEIDA, Ronaldo de. BOLSONARO PRESIDENTE – Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. Revista Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, v38 n01, jan-abr 2019.

ARAÚJO, Ernesto. “Brazil is back” – *Discurso do Ministro das Relações Exteriores na Heritage Foundation – Washington, 11 de setembro de 2019 [Original em inglês]* disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-discursos/20880-brazil-is-back-discurso-do-ministro-das-relacoes-exteriores-na-heritage-foundation-washington-11-de-setembro-de-2019-original-em-ingles>

BOBBIO, Norberto. *Verbete sobre Democracia*, IN: *Dicionário de política* I Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et al.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

BONET, Luciano. *Verbete sobre Anticomunismo*, IN: *Dicionário de política* I Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et al.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 18ª edição – Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014.

CARVALHO, Luis Maklouf. *O cadete e o capitão - A vida de Jair Bolsonaro no quartel*. Editora Todavia, 2019.

COWAN, Benjamin Arthur. *A hemispheric moral majority: Brazil and the transnational construction of the New Right*. Rev. Bras. Polít. Int., 61(2): e004, 2018.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. *National Populism –*

*The revolt against liberal democracy*. Pelican Books, 2018.

GUERRA, Rodrigo. *Pós-verdade na Igreja Católica: radicais usam teorias da conspiração para atacar o papa*. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1450544/2020/06/pos-verdade-na-igreja-catolica-radicaais-usam-teorias-da-conspiracao-para-atacar-o-papa/?fbclid=IwAR0WDrbHVyGJj6Bor4q-OAIFVIBTOji4Uyj9lp0HhISOgG-tCOiORWgA7-sM>

KORYBKO, Andrew. *Guerras Híbridas – A abordagem adaptativa indireta com vistas à troca de regime*. Le Livros, 2018.

LAMOUNIER, Bolívar. *Liberais e antiliberais – A luta ideológica de nosso tempo*, Ed. Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. *Tribunos, profetas e sacerdotes. Intelectuais e ideologia no Século XX*, Ed. Companhia das Letras, 2014.

LATINOBARÓMETRO. *Informe 2018 – Banco de datos en línea*. Corporación Latinobarómetro, Santiago de Chile, 2018.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Tradução: Renato Aguiar, Prefácio: Jairo Nicolau. Ed. Zahar, 2018.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Nobreza e elites tradicionais análogas nas alocuções de Pio XII ao Patriciado e à Nobreza romana*, 1993.

\_\_\_\_\_. *Revolução e Contra-Revolução*. 4ª edição em português. Artpress – São Paulo – 1998

\_\_\_\_\_. *Projeto de Constituição Angustia o país*. Editora Vera Cruz, 1987, 209 ps.

ORLEANS E BRAGANÇA, Dom Bertrand de. *Conferência Virtual: O Brasil na conjuntura internacional do pós-coronavírus*. 2020. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3223-conferencia-de-s-a-i-r-dom-bertrand-de-orleans-e-braganca>

RÁCZ, András. *Russia's Hybrid War in Ukraine - Breaking the Enemy's Ability to Resist*. The Finnish Institute of International Affairs, 2017. FIIA Report 43.

TÄHTINEN, Lauri. *The country of future no more*. IN: *Far-right revisionism and the end of history: alt / histories* / edited by Louie Dean Valencia-García. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2020.

TEITELBAUM, Benjamin R. *War for Eternity. Inside Bannon's far-right circle of global power brokers*, Dey St. An Imprint of William Morrow, 2020.

Um homem, uma obra, uma gesta. Homenagem das TFPs a Plínio Corrêa de Oliveira, 1988.



## ***SOBRE OS ORGANIZADORES***

### **BENJAMIN ARTHUR COWAN**

Doutor em História pela Universidade de Califórnia em Los Angeles (University of California, Los Angeles, UCLA). É Professor Associado no departamento de História da Universidade de Califórnia em San Diego (UCSD), e autor do livro *Securing Sex: Morality and Repression in the Making of Cold War Brazil* (2016). Suas publicações ganharam prêmios do Southeastern Conference on Latin American Studies (SECOLAS), da Southern Historical Association (SHA), e da Latin American Studies Association (LASA). Professor Cowan é membro do conselho editorial do *Hispanic American Historical Review* (HAHR) e do comitê executivo da Brazilian Studies Association (BRASA). Faz parte de várias organizações profissionais, entre elas a American Historical Association (AHA) e o Instituto Tepoztlán pela História Transnacional das Américas. Em 2021, a editora UNC (University of North Carolina Press) publicará o segundo livro do Dr. Cowan: *Moral Majorities Across the Americas: Brazil, the United States, and the Creation of the Religious Right*.



### **GIZELE ZANOTTO**

Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pós-doutora pela Universidad de Buenos Aires (UBA). É professora nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). É coordenadora do Núcleo de Estudos de Memória e Cultura (NE-



MEC), do Laboratório de Estudos das Crenças (LEC-PPGH), da Rede de Pesquisa em Acervos e Patrimônio Cultural (REPAC) e do Arquivo Histórico Regional (AHR-PPGH/UPF). Membro do Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF). Membro fundador da Rede de Pesquisa História e Catolicismos no Mundo Contemporâneo (<http://redehistoriaecatolicismo.com.br/>) e investigadora associada da Rede de Pesquisa Direitas, História e Memória (<http://direitashistoria.net/>). Membro cooperador de Civitas - Forum of Archives and Research on Christian Democracy (<https://civitas-farcd.eu>). Entre seus estudos sobre a TFP destacam-se as obras *Reforma agrária em foco: o discurso de Plínio Corrêa de Oliveira (1960-1995)* (Ed. Acervus, 2020) e *Tradição. Família e Propriedade (TFP): as idiossincrasias de um movimento católico no Brasil (1960-1995)* (Ed. Méritos, 2012). Participar da Rede de Estudos Academia.edu - <https://marcianazambillo.academia.edu/GizeleZanotto>.

## ***SOBRE OS AUTORES***

### **DANIELA RIVERA ORTEGA**

Profesional en Negocios y Relaciones Internacionales de la Universidad de La Salle. Se desempeñó como asistente académica del Semillero In-Vestigium. En la actualidad es investigadora del Grupo Representación, Discurso y Poder (Categoría A Colciencias), Bogotá, Colombia.



### **JAIME ANDRÉS WILCHES TINJACÁ**

Doctor en Comunicación de la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona, España. Magíster en Estudios Políticos de la Universidad Nacional de Colombia. Comunicador Social y Periodista de la Universidad Central. Politólogo Grado de Honor de la Universidad Nacional de Colombia.

Docente-Investigador del Programa de Administración Pública del Politécnico Grancolombiano y Catedrático de la Maestría en Investigación Social Interdisciplinaria de la Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Bogotá, Colombia.



### **LIZETH NATALY GONZÁLEZ GUAJE**

Estudiante de la Especialización en Marco Jurídico Innovación, Inteligencia y Sostenibilidad Territorial de la Universidad Externado de Colombia y de la Maestría en Diseño, Gestión y Dirección de Proyectos de la Universidad Europea del Atlántico. Profesional en Negocios y Relaciones Internacionales de la



Universidad de La Salle. Referente de Proyectos Medio Ambientales de la Alcaldía Local de la Candelaria, Bogotá, Colombia.

### **MOACIR PEREIRA ALENCAR JÚNIOR**

Cientista social com ênfase em Sociologia pela UFSCar, com a monografia: ‘A Assembleia Nacional Constituinte e o papel da TFP como grupo de pressão no processo de promulgação da Constituição de 1988’. E mestre em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política-PPGP/UFSCar, com a dissertação: ‘Plínio Corrêa de Oliveira: Pensamento Católico e Ação Política na Era Vargas (1930-1945)’.



### **RODRIGO CARRAPATOSO DE LIMA**

Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde também é Técnico em Assuntos Educacionais. Atualmente é doutorando em História na Universidade de Coimbra, membro da Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte (ReNEme) e do Grupo de Pesquisa em Filologia, Historiografia e Tecnologias Derivadas.



### **VICTOR ALMEIDA GAMA**

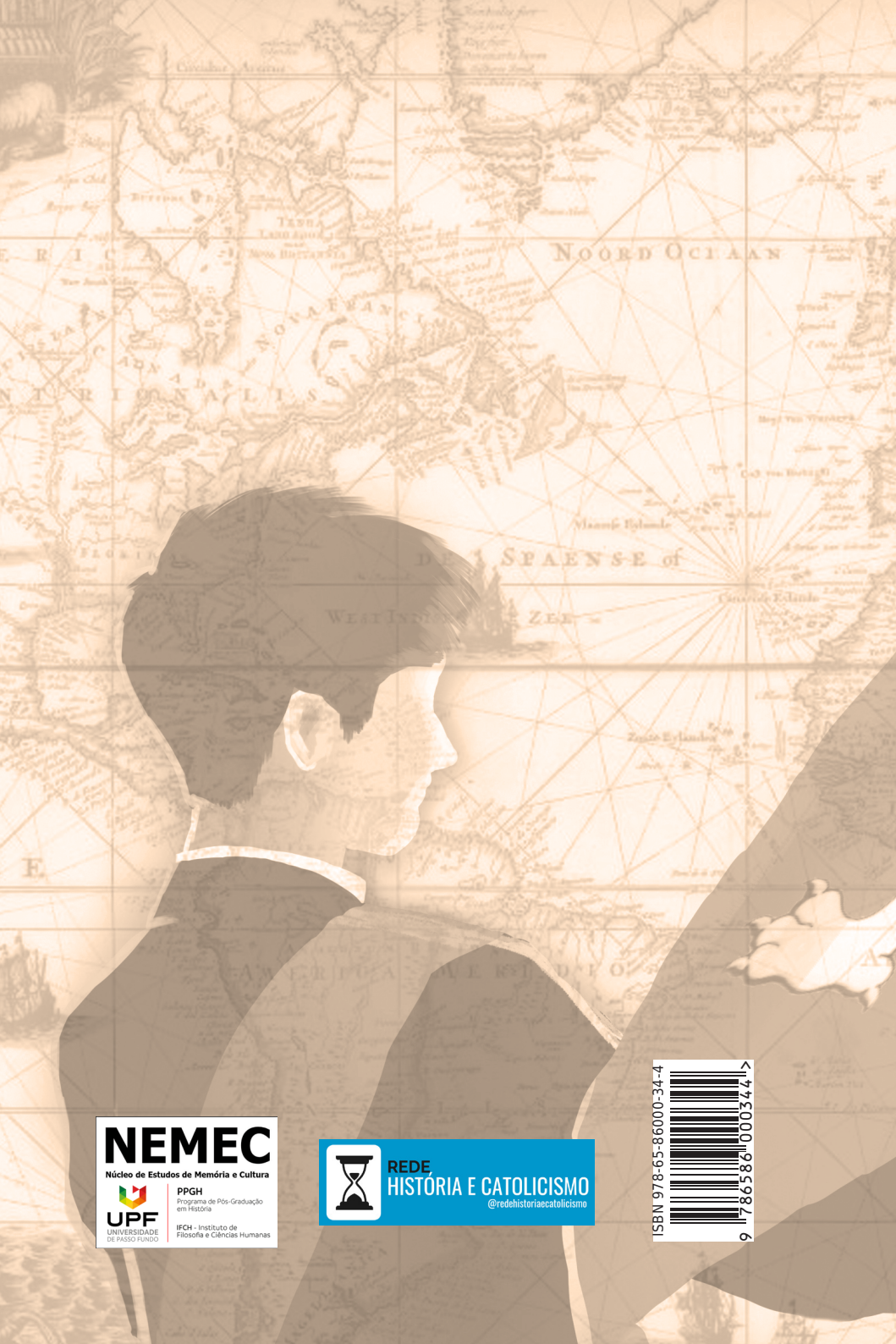
Historiador pela Universidade Federal Fluminense, mestre e doutorando em Ciências da Religião Pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais na área de Religião e Contemporaneidade. Membro do Laboratório de Estudos da Religião, Modernidade e Tradição (LERMOT) e pesquisador do Laboratório de Estudos da Imanência e da Transcendência (LEIT).



## VINICIUS COUZZI MÉRIDA

Graduado em História pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (2006). Especialista em Política Brasileira pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (2010). Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (2014-2016), e Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2018-2022), em cotutela com L'Université Laval (ULaval).





**NEMEC**

Núcleo de Estudos de Memória e Cultura



PPGH  
Programa de Pós-Graduação  
em História

IFCH - Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas



**REDE**  
**HISTÓRIA E CATOLICISMO**  
@redehistoriaecatholicismo

ISBN 978-65-86000-34-4



9 786586 000344 >